

**HENRI KARAM AMORIM**

**VIVÊNCIA COMUNITÁRIA CATÓLICA  
E CRESCIMENTO PESSOAL**

**PUC – CAMPINAS**

**2010**

**HENRI KARAM AMORIM**

**VIVÊNCIA COMUNITÁRIA CATÓLICA  
E CRESCIMENTO PESSOAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia como Profissão e Ciência.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Martins AmatuZZi

**PUC – CAMPINAS**

**2010**

Ficha Catalográfica  
Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas e  
Informação - SBI - PUC-Campinas

t121.7019  
A524v

Amorim, Henri Karam.  
Vivência comunitária católica e crescimento pessoal / Henri  
Karam Amorim. - Campinas: PUC-Campinas, 2010.  
201p.

Orientador: Mauro Martins AmatuZZi.  
Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de  
Campinas, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.  
Inclui anexos e bibliografia.

1. Fé - Aspectos psicológicos. 2. Fé em Deus. 3. Comunidades  
cristãs - Igreja Católica. 4. Católicos. 5. Liderança comunitária. 6. Vida  
comunitária - Estudo de casos. I. AmatuZZi, Mauro Martins. II. Pontifícia  
Universidade Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-  
Graduação em Psicologia. III. Título.

22. ed. CDD – t121.7019

**HENRI KARAM AMORIM**

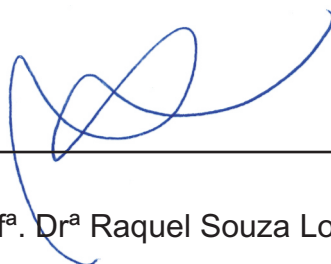
**VIVÊNCIA COMUNITÁRIA CATÓLICA  
E CRESCIMENTO PESSOAL**

**BANCA EXAMINADORA**



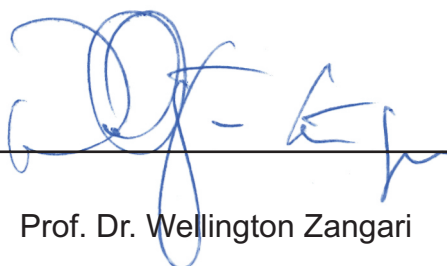
---

Presidente Prof. Dr. Mauro Martins Amatzuzi



---

Profª. Drª Raquel Souza Lobo Guzzo



---

Prof. Dr. Wellington Zangari

**PUC-CAMPINAS**

**2010**

“Os homens que aspiram à comunidade, anseiam Deus. Todo desejo de verdadeira aliança conduz a Deus, e todo desejo de Deus conduz à verdadeira comunidade. Porém desejar Deus não é a mesma coisa que querer Deus. Os homens procuram Deus, mas Ele não pode ser encontrado, pois não está “disponível”. Os homens querem possuir Deus, mas Ele não se dá a eles, pois Ele não quer ser possuído mas realizado. Somente quando os homens quiserem que Deus seja, construirão a comunidade”.

Martin Buber

Dedico este trabalho à minha família, minha primeira e importante comunidade, onde aprendi a amar e sou muito amado. É nela que festejo os bons momentos e me apoio nas horas difíceis. É ela que me forma constantemente com atitudes e valores preciosos, verdadeira herança que trago no silêncio do coração.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, sabendo ou não, colaboraram para que este trabalho fosse realizado. De maneira especial minha gratidão:

À CAPES, órgão do governo, que garantiu financeiramente esta pesquisa;

Aos professores e funcionários da pós-graduação em Psicologia da PUC-Campinas, que prestam bons serviços à comunidade acadêmica;

Aos professores Dra. Vera Cury, Dra. Raquel Guzzo e Dr. Wellington Zangari pelas observações, críticas e sugestões importantes nos exames de qualificação e defesa;

À professora Norma M. R. Torres pela revisão gramatical, ortográfica e semântica deste trabalho;

Ao povo das comunidades católicas nas quais trabalhei, permitindo-me uma experiência riquíssima sobre vida comunitária, útil para este trabalho e para a minha vida pessoal;

À Arquidiocese de Campinas, na pessoa de Dom Bruno Gamberini, que me acolheu fraternalmente e possibilitou o exercício do meu ministério numa comunidade católica;

À Congregação Betharramita, família na qual escrevi boa parte da minha história, que sempre me apoiou nos estudos e que soube respeitar meu desejo profundo de uma nova experiência;

Aos membros do Grupo de Partilha, que mais do que meros participantes desta pesquisa, tornaram-se meus amigos do peito;

Ao meu orientador, professor Mauro Amatuzzi, homem de horizontes largos, que me acompanhou pacientemente neste empolgante mundo da pesquisa, revelando-se autêntico educador;

Aos colegas do Grupo de Pesquisa – SAP (Thaís, Camila, Karine, Franklin, Pedro e Bruna), que contribuíram inteligentemente com o meu projeto de pesquisa;

Aos padres amigos, Pezzuto e Norberto, pelo apoio constante na caminhada e pelas inúmeras reflexões sobre a vida comunitária católica;

À família de Elisete e Jonas, que me acolheu recentemente em suas vidas, partilhando comigo o pão da mesa, da palavra, da amizade e do carinho.

Se os últimos serão os primeiros, então minha eterna gratidão a Deus, razão maior deste trabalho e da minha vida.



AMORIM, H. K. (2010). *Vivência comunitária católica e crescimento pessoal*. Dissertação de Mestrado. Campinas, 2009. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

## RESUMO

Para o humanista Victor Frankl, a busca de sentido é algo inerente a todo ser humano e a condição para tal é a autotranscendência; a fé, enquanto ato religioso, é uma das possibilidades da autotranscendência e se constitui como um suprasentido ou sentido último. Com base neste referencial teórico, a vivência comunitária católica é entendida aqui como uma experiência de fé cristã experienciada numa paróquia católica. Nesta perspectiva, a presente pesquisa teve como objetivo compreender os sentidos da experiência de fé vivida em uma comunidade católica como crescimento pessoal daqueles que dela participam. Em vista disso, foi proposto em uma paróquia da região metropolitana de Campinas a realização de um grupo, visto como um espaço a mais dentro da própria comunidade, a fim de ajudar as pessoas a ampliar suas perspectivas de crescimento pessoal a partir da consideração de suas experiências de vida. Foram cinco encontros, com duração média de duas horas cada, numa periodicidade quinzenal. Os nove participantes, escolhidos dentre pessoas adultas comprometidas com o trabalho voluntário, foram indicados por lideranças comunitárias e convidados a participar do grupo pelo pesquisador. Após cada encontro grupal, foram redigidas narrativas registrando os momentos mais significativos do grupo bem como seu movimento como um todo; foram feitas também “versões de sentido”, isto é, escritos breves que registram o sentido vivido em cada reunião por cada um dos participantes. Deste conjunto de registros foi elaborada uma análise qualitativo-fenomenológica, reunindo por eixos de significados tudo o que foi vivido e falado pelos participantes. O grupo realizado e sua análise permitiram um esclarecimento acerca das relações entre vivências de comunidade de fé e mobilização em vista de crescimento pessoal de seus participantes; possibilitaram também perceber que a vivência da fé religiosa cristã num contexto comunitário católico é promotora de crescimento pessoal, embora tal crescimento nem sempre esteja garantido pelo simples fato de participar da comunidade, uma vez que ela é também sentida e percebida como um espaço de contradições.

**Palavras-chave:** comunidade, fé católica, desenvolvimento pessoal, estudo qualitativo-fenomenológico.

Amorim, H.K. (2010). *Catholic Communitarian Living and Personal Growth*. Dissertation for Masters Degree. Program of Post Graduation in Psychology. Pontifical Catholic University of Campinas.

## ABSTRACT

For the humanist Viktor Frankl, the quest of meaning is something inherent to all human being, and the condition for such is the self transcendence; faith, while religious act, is one of the possibilities of self transcendence and it constitutes itself as one overmeaning or last meaning. Based on this theoretical reference, the Catholic communitarian living is understood here as one experience of Christian faith experienced in one Catholic Parish. In this perspective, the present research had as objective to understand the senses of the experience of faith lived in one Catholic community as personal growth of those who participate in it. In view of it, it has been proposed in one parish of the Metropolitan Area of Campinas the achievement of a group, seen as one more space within the community itself, in order to help people to enlarge their perspectives of personal growth departing from the consideration of their experiences of life. There were five meetings, with the average length of two hours each, in a fortnightly periodicity. All the nine participants, chosen among adult people committed with voluntary work, were designated for community leaderships and invited to participate in the group by the researcher. After each group meeting, accounts were redacted to register the more meaningful moments of the group as well as its movement as a whole; there were also versions of the meaning, that is, brief writings that register the meaning lived in each meeting for each one of the participants. From this whole of registers it has been elaborated a qualitative-phenomenological analysis, gathering by axes of meanings everything that was lived and said by the participants. The gathering that was organized and its analysis allowed an enlightenment about the relations between things the community of faith lives and the mobilization regarding the personal growth of its participants; they also made possible to realize that the living of the Christian religious faith in a communitarian Catholic context is promoter of personal growth, in spite of such growth not always being guaranteed by the simple fact of participating in the community, since it is also felt and perceived as a space of contradictions.

**Key words:** community, Catholic faith, personal development, qualitative-phenomenological study.

## SUMÁRIO

<b>DEDICATÓRIA</b> .....	v
<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	vi
<b>RESUMO</b> .....	viii
<b>ABSTRACT</b> .....	ix
<b>I – JUSTIFICATIVA</b> .....	1
<b>II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	5
2.1 A vivência comunitária católica .....	5
2.2 Crescimento pessoal .....	13
<b>III – OBJETIVOS</b> .....	17
3.1 Objetivo geral .....	17
3.2 Objetivos específicos .....	17
<b>IV – MÉTODO</b> .....	18
4.1 O Grupo de Partilha (GP) .....	19
4.2 Participantes .....	21
4.3 Procedimento .....	21
4.4 Formas de registro .....	23
4.5 Sobre a análise .....	25
<b>V- ANÁLISE</b> .....	26
5.1 Nível comunitário .....	26
5.1.1 A comunidade como promotora de crescimento pessoal ....	27
5.1.2 A comunidade como espaço de contradições.....	42
5.2 Nível grupal .....	51
5.2.1 As reações como expressão de mobilização interior .....	51
5.2.2 Os significados extraídos da vivência grupal .....	55

5.3 Nível individual .....	58
5.3.1 Os significados do grupo para cada participante .....	58
<b>VI – DISCUSSÃO</b> .....	61
6.1 Nível comunitário .....	61
6.1.1 Perspectivas possíveis na comunidade .....	61
6.2 Nível grupal .....	89
6.2.1 O conteúdo do grupo .....	91
6.2.2 Ausência de algumas perspectivas no grupo .....	96
6.2.3 A metodologia do grupo .....	106
6.3 Nível individual .....	109
6.3.1 Os pontos comuns dos significados individuais .....	109
<b>VII - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	120
<b>VIII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	124
<b>ANEXOS</b> .....	127
Anexo 1- Carta ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos	128
Anexo 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	129
Anexo 3 - Narrativas .....	131

## I – JUSTIFICATIVA

Este tema de pesquisa parece-me importante de ser investigado por três razões. A primeira é pessoal. Como padre, tenho um forte vínculo com uma comunidade de fé católica, onde desenvolvo projetos de formação da consciência comunitária e religiosa, bem como de práticas que sustentam a vida espiritual, pastoral e social da referida comunidade. Por isso, pretendo investigar este processo da vivência comunitária da fé, buscando descobrir os significados que ela faz surgir nas pessoas que participam diretamente de uma comunidade, dando-lhes ou não um sentido existencial e suporte para uma vida mais qualificada. Esta compreensão mais profunda pode também me ajudar a ter um olhar mais crítico sobre a minha própria prática junto à comunidade com a qual trabalho atualmente.

A segunda razão é de ordem social. Observa-se que as religiões, historicamente, estiveram e estão presentes em todos os países, influenciando as diversas culturas, dentre elas a brasileira. No Brasil, há dados estatísticos do governo (IBGE) que comprovam que mais de 90% dos brasileiros declaram pertencer a diversos credos e igrejas (católica, evangélica, espírita, islâmica etc), embora nem todos sejam “praticantes” de uma determinada religião ou seita religiosa. Neste sentido, penso que compreender a influência da religião, entendida como comunidade de fé, sobre as pessoas que dela participam, ajudando-as ou não no seu desenvolvimento pessoal, pode contribuir com a sociedade brasileira para uma visão mais crítica sobre a vivência religiosa comunitária de brasileiros e, assim, quem sabe, subsidiar novas reflexões e práticas.

A terceira razão é de natureza científica. A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que a saúde deve ser entendida como um bem-estar físico, mental, social e espiritual dos indivíduos. Nesta linha de pensamento, é importante uma pesquisa que considere a pessoa como um ser integral em que as várias dimensões – incluída a espiritual – são vistas como constitutivas do ser humano. Assim sendo, observa-se que há pesquisas tanto para demonstrar como para questionar uma correlação positiva entre religiosidade e promoção da saúde física e/ou mental.

Positivamente, Vasconcelos (2006) afirma que muitas são as pesquisas que demonstram como as religiões estão fortemente associadas a comportamentos saudáveis, criando preceitos que orientam os fiéis em relação à promoção, conservação ou recuperação da saúde. Como exemplos, ele cita a pesquisa de Bowker (1970), Taylor (1989) e Idler (1987). O primeiro autor, ao estudar as diversas religiões contemporâneas, descobre que todas elas têm uma compreensão e esclarecimento sobre o sofrimento humano, criando contextos explicativos que geram sentidos e possibilitam o desenvolvimento de recursos internos para lidar com situações aparentemente insuperáveis, fazendo surgir a esperança. Para o segundo autor, a esperança e o otimismo são fundamentais no sentido de desencadear efeitos fisiológicos positivos no organismo, combatendo ou prevenindo as doenças. Para o terceiro, a fé religiosa possibilita diminuir os efeitos negativos de situações estressantes que ameaçam a saúde. O próprio Vasconcelos (2006), porém, alerta que nada garante que todas as pessoas com práticas religiosas sejam mais saudáveis do que aquelas que não exercitam a fé; ele se restringe a afirmar que, na média, a prática religiosa está associada com taxas menores de doença e aumento no bem-estar emocional, sem negar com

isso que algumas pessoas podem ter seu sofrimento gerado ou agravado pelo modo como vivenciam a sua fé religiosa. Alerta ainda que os estudos mencionados não demonstram como e por que o benefício ocorre, nem diferenciam os significados existentes por trás das diversas formas da vivência religiosa. Denuncia, outrossim, os limites do método epidemiológico, focado mais no aspecto quantitativo e estatístico da pesquisa.

Negativamente, Master e Bergin (1992, citado por Schmidt, 2003) afirmam que sempre houve interesse dos psicólogos em debater e estudar religião e saúde mental. Segundo eles, pensadores clássicos como Freud, Jung, Skinner, Alport etc. fizeram críticas duras à religião, colocando-a como algo prejudicial ao equilíbrio psicológico do indivíduo. Estas críticas podem ser resumidas na frase radical de Albert Ellis: “a religiosidade devota conduz à perturbação mental” (p.221). Schmidt (2003), de forma menos radical, em sua pesquisa sobre estresse e religiosidade cristã, tendo como objetivo avaliar o estresse e suas fontes em pessoas de nível universitário que frequentam regularmente uma determinada igreja, concluiu que há um grau elevado de estresse nos religiosos cristãos entrevistados, demonstrando assim que a religiosidade não é necessariamente garantia contra o estresse, uma vez que ela depende de variáveis como o tipo de vivência religiosa e do significado que cada um dá a seu modo religioso de ser. Apesar desta constatação, a autora faz observar que os entrevistados “ou têm estratégias para o enfrentamento do estresse ou têm resistência maior para com o estresse, uma vez que não houve diferença entre eles quanto ao nível de estresse e a incidência das fontes” (p. 32).

Ainda sobre as razões científicas deste trabalho, investigando os sites da ANPEPP (<http://www.anpepp.org.br>), SCIELO (<http://www.sciello.br>), PEPSIC

(<http://www.pepsic.bvs-psi.org.br>) e também o site da BIBLIOTECA DA PUC-CAMPINAS (<http://www.puc-campinas.edu.br/biblioteca/index.asp>), no período de 1998–2009, tendo como critério de busca as palavras “espiritualidade”, “religião”, “religiosidade” e “experiência religiosa”, nota-se que nos últimos 11 anos há uma boa produção no Brasil sobre a dimensão espiritual/religiosa do ser humano, vista sob a ótica das várias áreas do conhecimento científico: Medicina, Psiquiatria, Educação, Sociologia, Filosofia, Teologia e História. Quando se referem à área de Psicologia, as pesquisas sobre espiritualidade/religiosidade se restringem. Isso fica ainda mais evidente quando se aborda a possível influência da comunidade de fé católica sobre as pessoas que dela participam, indicando que o assunto não foi suficientemente pesquisado e publicado, isto é, não havendo indícios de muitos estudos científicos com os objetivos ora propostos, o que se traduz em uma boa motivação para este trabalho.



## II – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O texto que se segue é um esforço de construir, a partir da literatura, uma breve fundamentação teórica sobre o tema proposto. Para isso é essencial falar de vivência comunitária católica e crescimento pessoal, como dois eixos norteadores desta pesquisa.

### 2.1 A vivência comunitária católica

A comunidade católica é compreendida, fundamentalmente, como um grupo de pessoas que se organiza socialmente para elaborar e sustentar suas crenças e sentimentos religiosos através de uma prática comum de oração, ritos religiosos e ações diversas. A sua raiz essencial é a história de vida de um homem judeu chamado Jesus Cristo, fonte de inspiração de uma autêntica vida de prática total e incondicional do amor, da misericórdia e do perdão. Tornar-se cristão não é aceitar uma teoria ou um sistema de igreja, mas deixar-se orientar livremente pelos valores por ele pregados e por suas convicções, no tempo e na história. Desta compreensão fundante, surgem as primeiras comunidades cristãs e os primeiros escritos sagrados denominados na Bíblia de Novo Testamento, no qual está narrada a essência dos ensinamentos de Cristo, especialmente a doutrina sobre a lei da caridade, sinalizando para o mundo da época a possibilidade de uma nova compreensão e experiência de Deus e de uma nova práxis fundamentada na fraternidade, ética, justiça e solidariedade, deixando à humanidade uma mensagem de vida, paz, alegria e esperança (Kung, 2004).

A partir destas considerações iniciais, faz-se necessário esclarecer alguns conceitos constitutivos da vida de uma comunidade cristã: fé, religião, religiosidade e experiência religiosa.

A palavra “fé” origina-se do grego (“pistis”, “pisteuein”), cujo significado é “ser firme ou sólido” e, portanto, fiel. Como derivação, há a ideia de “ser digno de fé”: essa expressão, em relação a uma pessoa, significa ser de confiança, estar certa; em relação a uma coisa, significa que ela é verdadeira ou genuína. Na forma causal do verbo, não significa simplesmente tornar firme ou certo, mas aceitar algo como firme, certo ou verdadeiro, digno de fé ou seguro. Por consequência, aceita-se uma palavra ou informação como verdadeira.

Explorando este conceito básico, para Fowler (1992) a fé não é necessariamente religiosa em seu conteúdo ou contexto; ela é uma atitude humana universal. O autor entende que a fé deve ser vista, primeiramente, como um modo pessoal pelo qual a pessoa vê a si mesma em relação aos outros, buscando maior coerência na vida e construindo um sentido para ela sobre um horizonte de significados e propósitos socialmente partilhados. Para ele, antes de optarmos por qualquer religião,

(...) já estamos engajados em questões de fé. Quer nos tornemos incrédulos, agnósticos ou ateus, estamos preocupados com as formas pelas quais ordenamos a nossa vida e com o que torna a vida digna de ser vivida. Além disso, procuramos algo para amar, e que nos ame; algo para valorizar, e que nos dê valor; algo para honrar e respeitar, e que tenha o poder de sustentar nosso ser (p.17).

A fé, portanto, torna-se assim uma qualidade e condição do viver humano. Nesta mesma linha, Smith (1979, citado por Fowler, 1992), ao distinguir fé de crença, afirma:

A fé é mais profunda, mais rica, mais pessoal. Ela é engendrada por uma tradição religiosa, em alguns casos e em certo grau por suas doutrinas; porém ela é uma qualidade da pessoa e não do sistema... uma capacidade de viver além do nível mundano; de ver, sentir e agir em termos de dimensão transcendente... Na sua melhor forma ela assume o aspecto de serenidade, coragem, lealdade e serviço: uma tranquila confiança e alegria que capacita a pessoa a sentir-se em casa no universo, e a achar sentido no mundo e em sua própria vida, um sentido que seja profundo e último e que seja estável, não importando o que pode acontecer à pessoa no nível dos eventos imediatos. Homens e mulheres com este tipo de fé enfrentam catástrofes e confusão, afluência e dor, sem perturbações; encaram as oportunidades com convicção e energia; e relacionam-se com os outros com uma jovial caridade (p.21).

Dessa compreensão brotam dois aspectos relacionados à fé: o primeiro, enquanto algo psicológico, isto é, a fé vista como uma dimensão natural do ser humano, na medida em que ele deseja no seu íntimo um sentido para sua vida, independente da crença religiosa; o segundo aspecto, enquanto algo teológico, ou seja, a fé vista em sua dimensão religiosa, que possibilita ao ser humano desenvolver uma crença em um ser superior capaz de dar sustentabilidade à existência humana e construir um sentido último para sua vida terrena.

A pesquisa feita pretendeu focar o primeiro aspecto (psicológico) sem ignorar o segundo (teológico), ou seja, a partir da descrição da experiência comunitária de fé religiosa, compreender os sentidos que sustentam tal experiência.

Quanto à palavra “religião”, origina-se do latim "religio", que significa "prestar culto a uma divindade", “ligar novamente” ou simplesmente "religar". A partir disso, de uma forma genérica, a religião pode ser definida como um conjunto de crenças, implícitas ou explícitas, pelas quais o ser humano se relaciona com o que ele denomina de sobrenatural, divino, sagrado, transcendental, bem como o conjunto de rituais e códigos morais que derivam dessas crenças e as sustentam. Para Boff (2002), a função primordial da religião é “criar e oferecer condições para que cada pessoa humana e as comunidades possam fazer um mergulho na realidade divina e ter sua experiência pessoal de Deus” (p.58).

Segundo Valle (2005), sociologicamente a religião é vista como “um sistema de crenças, práticas, símbolos e estruturas sociais por meio das quais as sociedades humanas e as pessoas, nas diferentes épocas e culturas, vivem sua relação com um mundo específico: o mundo do sagrado” (p.91). O autor, como psicólogo, aceita este ponto de partida sociológico acerca da religião e define positivamente a religião como:

(...) realidade culturalmente construída ante a qual seres dotados de consciência reagem, mas nelas entra em jogo interativo e proativo o homem todo (com o seu inconsciente também) com todos e cada um dos componentes constitutivos de seu ser (o biológico, o

afetivo, o cognitivo e o interpessoal). É dessa complexa síntese que emerge o homo religiosus, cuja experiência culminante é sempre uma experiência 'espiritual' única que o põe ante o Absoluto, seja qual for a definição que se dê a este último (p.92).

Sob este prisma, a função do psicólogo é compreender como a pessoa se apropria da realidade proposta pela religião e ajudá-la a integrar essa realidade de maneira saudável no seu horizonte de vida, clareando os processos de motivação, emoção, necessidades e desejos mais profundos, promovendo a sua autonomia e bem-estar pessoal e social.

A questão da religião se torna importante não pela discussão se é verdadeira ou falsa, se é lógica ou absurda, se aliena ou conscientiza, se é expressão de saúde mental ou de delírio coletivo etc, mas porque ela faz parte de um processo natural do ser humano de questionar sobre o sentido último da vida. Nesta ótica, a religião passa a ser vista como “um campo de experiência no qual crescemos ou deixamos de crescer... é o campo das indagações últimas, das indagações pelo sentido, que estão implicitamente presentes em todas as demais indagações ou movimentos humanos” (Amatuzzi 1999, p. 124).

Se por um lado os determinantes da religião são múltiplos e complexos, podendo ser estudados pela história, filosofia, sociologia, antropologia, psicologia e outras ciências, por outro lado é igualmente verdade que o seu poder de influência na vida de cada ser humano é distinto. Afirma Valle (2005): “Não existe âmbito algum da personalidade sujeito a evolução tão complexa como o da sensibilidade religiosa, razão pela qual é precisamente aqui que devemos contar com as maiores diferenças” (p.93).

No que se refere à palavra “religiosidade”, ela tem sua origem no latim “*religio*” e é definida como “disposição ou tendência do ser humano para o sagrado, para a busca do transcendente”, ou seja: a religiosidade é uma qualidade pessoal pela qual cada indivíduo busca, livre e conscientemente, integrar-se ao mundo do sagrado, do mistério que fascina. Para Valle (2005), a religiosidade é a

(...) experiência individualizada do transcendente e deve ser distinguida da ‘religião’, que é sua matriz instituída... Na religiosidade há dois elementos. Um é substantivo e se refere ao que é último, ao que supera, ao que faz o ser humano tocar o limite, donde há uma percepção absolutamente original do ‘sagrado’... Encerra sempre uma característica única de solidão, mesmo quando supõe a comunidade. Mas há um segundo elemento que tem a ver com a função do religioso no conjunto da autopercepção do homem enquanto ser no mundo. O homem se torna religioso só quando se encontra com o outro e, por essa via, com o Outro (pp.93-94).

Percebe-se assim que a religiosidade se caracteriza como uma tendência humana para uma relação com o Transcendente, fazendo-se necessária a mediação humana para que o sagrado seja acessível. E ainda: religiosidade pode ser entendida como um modo de ser no mundo, possibilitado por uma consciência e sentimento, individual ou coletivo, de quem intui que a roda da vida se move porque há um ser que transcende o mundo sem dele se afastar.

Quanto à experiência religiosa, ela é vista, na linha fenomenológica, por Mouroux (1952, citado por Valle, 2005)

(...) como a experiência estruturada por excelência (...) é o ato da pessoa que se entrega inteiramente ao Deus que a chama. A experiência religiosa é a consciência dessa resposta à chamada... é a descoberta da presença divina dentro de nós que nos faz entrar nela e, em consequência, a consciência da unificação (ao menos inicial) do ser e da vida sob a ação de Deus” (p.98).

Outros autores (Scheiermacher, Bultmann e Tillich, citado por Ancona-Lopez, 2005) vão dizer que a experiência do sagrado refere-se a um sentimento de dependência absoluta, a um sentimento de confiança sem reservas e a um sentimento de preocupação última. Se por um lado estas compreensões enfatizam a forte subjetividade do sujeito que crê, por outro lado, o psicólogo não pode esquecer que qualquer experiência humana, seja religiosa ou não,

(...) é também produto de vínculos complexos com outras pessoas, por meio de partilhas que vão se sucedendo ao longo da vida, começando pela identificação com as figuras materna e paterna. Vêm mais tarde aprendizagens e laços que se estabelecem em grupos religiosos com suas tradições, rituais, crenças, estilos de vida e distribuição de papéis (Valle, 2005, p. 99).

Vista dessa forma, a experiência religiosa pode ser compreendida como uma escolha que o indivíduo faz, a partir do histórico de sua vida, por viver dentro de um referencial religioso alimentado pela prática da oração e meditação, que lhe dá a consciência e o sentimento de que sua vida e tudo o que faz parte dela e do mundo constituem parte de um todo unificado pela vontade e ação do Transcendente (Deus), trazendo-lhe paz de espírito e iluminação para as questões do dia a dia, motivando-o para uma ação.

Se a religiosidade é uma tendência humana de ver e viver todos os momentos da vida sob a ótica de uma realidade transcendente, permitindo uma integração do seu ser consigo mesmo e com o outro e, por este, com o Outro Transcendente (Deus), a experiência religiosa, através da prática constante da oração e meditação, é o caminho natural e concreto para alimentar a religiosidade, que, por sua vez, sustenta a própria experiência religiosa, alimentando assim um espiral de consciência, sentimento e ação que tem como eixo central, em última análise, a fé religiosa. Portanto, a experiência religiosa é entendida como algo que faz parte do campo experiencial da pessoa que tem fé, mas pressupõe que ela esteja aberta à possibilidade desta experiência. E essa abertura é uma decisão.

Levando em conta estas definições, a vivência comunitária católica é compreendida nesta pesquisa como uma experiência comunitária de fé religiosa cristã feita dentro de uma paróquia católica, enquanto caminho possível de crescimento daqueles que dela participam. Tal experiência acontece através de três grandes realidades constitutivas, que dão sustentabilidade, identidade e motivação à comunidade, a saber: sacramentos, ação pastoral e ação social. Por sacramentos entendem-se as ações litúrgicas (culto) vivenciadas pelo conjunto da comunidade, em um lugar determinado, através de ritos específicos, contendo simbologias apropriadas, possibilitando uma experiência essencialmente religiosa aos cristãos; por ação pastoral entendem-se os grupos organizados dentro da comunidade, a fim de prestar serviços religiosos específicos aos seus membros, conscientizando-os, formando-os e preparando-os para uma maior integração na vida comunitária; por ação social entende-se qualquer atividade organizada que a comunidade desenvolve e que não tem necessariamente uma conotação



religiosa, mas que traz algum benefício para a sociedade local: apoio, criação e execução de projetos de artesanato, educação, distribuição de alimentos, capoeira, idosos, crianças, desempregados, drogados etc.

Vale destacar ainda que hoje cresce, dentro da comunidade paroquial, alguns movimentos religiosos (Renovação Carismática, Movimentos Marianos, Comunidades de Aliança, Opus Dei, Arazos do Evangelho etc), orientados por instituições fora da comunidade, de origem internacional ou não, promovendo uma espiritualidade específica aos interessados, sustentando-os em suas experiências, práticas e comportamentos religiosos, podendo enriquecer a vida comunitária local. Neste sentido, é coerente dizer que a paróquia católica não é a única forma de expressão da vivência comunitária católica, ou seja, na Igreja Católica, além da paróquia, existem outros locais e formas de se viver a fé cristã comunitariamente, como, por exemplo, através do mencionados movimentos. A paróquia é apenas uma delas, certamente a mais popular, ponto de partida desta pesquisa.

## **2.2 Crescimento pessoal**

A compreensão sobre crescimento pessoal está baseada em Viktor Emil Frankl (1905–1997), psiquiatra e neurologista austríaco, fundador da chamada Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, conhecida como Logoterapia.

Aqui torna-se útil e necessário não uma exposição completa de sua teoria, mas a definição de alguns conceitos importantes para compreender sua

perspectiva em relação ao tema desta pesquisa. Por isso é suficiente fazer uma distinção básica entre as dimensões espiritual e religiosa da experiência humana.

A dimensão espiritual ou noética é compreendida a partir de uma teoria motivacional, pela qual o ser humano é visto como uma pessoa que se move e é motivada por uma tensão positiva entre aquilo que se é e o que se deveria ser. Este “idealismo” é entendido como busca ou sede de sentido, que além de ter um alto valor de sobrevivência e de estar em estreita relação com a percepção da realidade, é acessível a qualquer indivíduo. Para Frankl (2003), o sentido é “a silhueta que se recorta contra o fundo da realidade. É uma possibilidade que se destaca luminosamente, e é também uma necessidade. É aquilo que é preciso fazer em cada situação concreta; e esta possibilidade de sentido é sempre, como a própria situação, única e irrepetível” (Frankl, 2003, p.28).

O sentido não é algo que pode ser dado, mas encontrado, captando-o em cada uma das situações com as quais nos defrontamos. Curiosamente, ao constatar que o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo, o autor diz que o sentido é encontrado não dentro da pessoa que o busca, mas fora dela, no mundo, devido à condição de autotranscendência do existir humano. Por isso ele fala de três fontes de sentido: a criação, o amor e a aceitação. A criação consiste em fazer um trabalho ou praticar um ato; o amor consiste em experimentar algo da natureza, da cultura ou encontrar alguém, amando; a aceitação consiste numa atitude livre e positiva tomada em relação ao sofrimento inevitável, transformando uma tragédia pessoal em triunfo: “Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante que encontra um sentido” (Frankl, 2008, p. 137).

Como se observa, a dimensão espiritual ou noética apresenta-se, portanto, como uma dimensão não determinista mas determinante da existência humana.

Quanto à dimensão religiosa, esta só é compreendida no dinamismo próprio da dimensão noética ou espiritual comentada. Para Frankl, a religiosidade se afirma pelo seu caráter de decisão. Ao decidir pela fé religiosa, o ser humano estará não só assumindo uma das possibilidades de pensamento, mas concretizando tal possibilidade. Neste sentido, ou ela é existencial ou não é nada (Frankl, 2007, p.61).

Dada a condição de autotranscendência do existir humano, a fé religiosa se apresenta não só como expressão de uma vontade de sentido, mas da vontade de um sentido último ou suprasentido, cujo correspondente é um Ser último, ou seja, Deus. A relação com o Ser último só pode ser estabelecida pelo sujeito no âmbito da experiência, dentro de uma estrutura dialógica, portanto, como um diálogo no qual o transcendente-Deus é considerado como um "Tu." Ao ser humano que aceita de forma consciente, responsável e livre esta possibilidade, Frankl denomina "homo religiosus". O homem irreligioso torna-se aquela pessoa que optou por não dar este último passo, o da experiência religiosa, decidindo-se por não perguntar por algo além da própria consciência. (Frankl, 2007). Portanto, a partir de sua dimensão noética ou espiritual, a experiência religiosa é possibilitadora de um sentido na vida do ser humano, permitindo-lhe ser conduzido por um Tu absoluto, que é experimentado na dinâmica da própria consciência.

Em consonância com as idéias de Viktor Frankl, crescimento pessoal será entendido aqui como um movimento da pessoa em direção a uma

autotranscendência: movimento complexo, dinâmico e interativo, que envolve sentimento, razão e fé religiosa (cristã), possibilitando uma ampliação dos horizontes da consciência da pessoa (sentido de vida), gerando ações e atitudes positivas, criativas e consistentes na transformação da sua vida em todas as dimensões: pessoal, familiar, comunitária/social e ambiental/ecológica.

No grupo formado para esta pesquisa, os indicadores de crescimento psicológico foram buscados através de uma observação atenta aos aspectos fundamentais aqui definidos: ampliação da consciência e ações construtivas.

### **III - OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Compreender, a partir da realização de um grupo de partilha sobre experiências de vida em uma comunidade paroquial católica, os sentidos da vivência comunitária de fé enquanto relacionados com o crescimento pessoal daqueles que dela participam.

#### **3.2 Objetivos específicos**

- Descrever como se apresenta a vivência comunitária católica dos participantes do grupo de partilha.
- Explicitar os sentidos das vivências de fé dentro de uma comunidade católica em sua relação com o crescimento pessoal.
- Refletir sobre os sentidos da experiência de fé vivida em uma comunidade católica em diálogo com outros pensadores.

## IV – MÉTODO

Esta pesquisa é de base qualitativa, fenomenológica e interventiva. Pesquisa qualitativa, porque não pretendeu buscar relações de causa e efeito nem medir e quantificar os fenômenos, mas considerou descritivamente a complexidade do fenômeno; reconheceu e levou em conta, na análise, as várias possibilidades de interpretação acerca do objeto de pesquisa, valorizando o conhecimento e a prática dos participantes; valorizou a subjetividade do pesquisador como parte necessária do processo da produção do conhecimento científico; utilizou abordagens teóricas coerentes com o problema de pesquisa, dando fundamento às discussões e procedimentos de pesquisa; focou na análise de casos concretos, a partir de expressões e atividades dos sujeitos, situados em contextos precisos e específicos (Flick, 2004, pp.20-22;28).

Por pesquisa fenomenológica, entende-se “o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado; ou qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método. Em suma, é a pesquisa que lida com o significado da vivência” (Amatuzzi, 1996, p.5). Neste sentido, este trabalho explorou o mundo vivido dos sujeitos, participantes e pesquisador, e os sentidos por eles produzidos na interação grupal.

Segundo Amatuzzi, Cambuy, Baungart e Milanesi (2008), toda pesquisa fenomenológica é interventiva. Sob esta perspectiva, este trabalho revelou-se também como uma pesquisa interventiva, porque ela envolveu os participantes – incluindo o pesquisador –, e esta relação implicativa entre eles se configurou em um encontro de subjetividades no qual um influenciou sobre o outro,

possibilitando não só a construção de um conhecimento, mas também uma mobilização interior geradora de crescimento pessoal para todos.

#### **4.1 O Grupo de Partilha**

O contexto onde se formou o grupo para a realização desta pesquisa foi uma comunidade de fé católica (paróquia), existente na periferia de uma cidade da região metropolitana de Campinas. Tal comunidade é composta por um grande número de pessoas de todas as faixas etárias, geralmente trabalhadores assalariados de nível sócio-econômico médio e baixo. Em relação às crianças e jovens, estes, em sua grande maioria, estudam em escolas públicas do Município ou do Estado.

Em coerência com as práticas de grupos dentro da mencionada comunidade, propôs-se a formação de um Grupo de Partilha (GP)<sup>1</sup>. Cabe ressaltar que a intenção do pesquisador não consistia em montar um grupo em vista apenas de coleta de dados para a pesquisa, mas propor e dar uma opção a mais à comunidade, auxiliando-a em seu esforço de promover o crescimento de seus membros. Neste sentido, o GP foi concebido primeiramente como uma estratégia de ação na comunidade católica.

O GP é compreendido nesta pesquisa como uma prática grupal destinada às pessoas que queiram ampliar suas perspectivas de crescimento pessoal a partir da consideração de suas experiências de vida. O GP permitiu não só a lembrança de uma experiência, mas também a construção de significados, à

---

<sup>1</sup> A partir deste momento, referir-me-ei ao Grupo de Partilha como GP.

medida que ela foi sendo narrada. No grupo, cada participante relatou livremente suas histórias e experiências comunitárias de fé e ouviu, refletiu e interagiu com as experiências dos demais participantes, beneficiando-se do convívio grupal e ao mesmo tempo propiciando crescimento aos demais membros. O GP suscitou nos seus participantes os mais variados conteúdos e estados emocionais, sensibilizando a todos. O grupo possibilitou ainda conectar cada um a sua própria experiência e a do outro, entrelaçando o pessoal e o coletivo, fazendo circular a palavra, garantindo a todos o direito de falar, ouvir e refletir sobre a experiência vivida (Dutra, 2002).

O GP foi um grupo temático, isto é, um grupo focado não em qualquer assunto, mas num específico: a fé vivida em um contexto comunitário católico e as experiências – pessoais, familiares, profissionais, comunitárias, sociais etc. – de alguma forma associadas a ela.

O GP teve três momentos principais, a saber:

- primeiro momento: contar uma experiência significativa acontecida na comunidade, experiência na qual a pessoa se sentiu envolvida;
- segundo momento: escolher uma das experiências relatadas ou um tema comum a todas elas e contar outras experiências relacionadas, contando como lidou com a situação;
- terceiro momento: dizer o que significou o encontro do qual participou e que lições leva para a vida pessoal e comunitária.

Estes três momentos não foram considerados rigidamente, mas funcionaram como uma indicação geral para orientar o promotor do grupo (pesquisador) em sua condução.



## **4.2 Participantes**

Os participantes deste estudo foram escolhidos por indicação de algumas lideranças comunitárias que fazem parte do Conselho da Paróquia no qual foi proposta a realização de um GP. O grupo foi composto por oito mulheres e um homem, todos casados e com ensino fundamental ou médio. A faixa etária varia entre 30 a 60 anos e as profissões são diversas: trabalhadores do comércio, indústria, serviço público, serviços gerais e donas de casa. Todos eles foram, ao longo de suas vidas, comprometendo-se, progressivamente, com o trabalho voluntário dentro de alguma paróquia católica, não necessariamente na comunidade onde estão participando hoje. Os critérios norteadores da escolha dos participantes, além do trabalho voluntário que realizam atualmente, foram: a disponibilidade para participar dos encontros e o interesse em conversar sobre o assunto proposto. O número de participantes permaneceu estável até o fim dos cinco encontros.

## **4.3 Procedimento**

Após a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (Anexo 1), foi proposta, em uma paróquia católica da região de Campinas, a realização de um GP.

Devidamente autorizado pelo responsável da instituição eclesial, os sujeitos, depois de indicados por algumas lideranças comunitárias, foram convidados pessoalmente pelo pesquisador a participar do grupo de pesquisa. Com palavras simples e claras, foram dadas as informações básicas: objetivo do

trabalho, participação voluntária e necessidade de consentimento para publicação dos dados ainda que sem a identificação das pessoas, com assinatura de um “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido” (Anexo 2).

O grupo foi conduzido pelo próprio pesquisador, psicólogo, o qual exerceu o papel de facilitador, cujas funções foram as seguintes:

a) colocar a instrução disparadora no início (primeiro momento) de cada encontro, a saber: “Estamos aqui para compartilharmos experiências de vida. Poderíamos começar cada um escolhendo alguma experiência pessoal que tenha relação com a vida na comunidade, e contando essa experiência para o grupo”;

b) garantir o foco nas experiências pessoais de vida em uma comunidade de fé;

c) ser mediador, no segundo momento, na escolha do relato a ser explorado por todos ou na formulação/emergência do tema comum;

d) uma vez escolhido o relato ou formulado o tema, colocar uma segunda instrução disparadora, a saber: “Agora que escolhemos um dos relatos/tema, cada um poderia contar alguma outra experiência relacionada ao relato (ou tema) escolhido, dizendo como lidou ou se sentiu envolvido pela situação”;

e) coordenar o terceiro momento, no qual cada um diz livremente o significado do encontro para a sua vida pessoal e comunitária.

O grupo contou com um total de cinco encontros, com uma duração média de duas horas cada e com periodicidade quinzenal. Os encontros aconteceram nas próprias casas dos participantes, num ambiente de simplicidade e acolhida, com acomodação satisfatória para todos. Os resultados foram

devidamente registrados após cada encontro e, posteriormente, analisados e discutidos, conforme os esclarecimentos que se seguem.

#### **4.4 Formas de registro**

Quanto às formas de registro, foram utilizados três caminhos: a versão de sentido, a narrativa e a gravação. Entenda-se versão de sentido (VS)<sup>2</sup> como “um relato livre, que não tem a pretensão de ser um registro objetivo do que aconteceu, mas sim de ser uma reação viva a isso, escrito ou falado imediatamente após o ocorrido, e como uma palavra primeira. Consiste numa fala expressiva da experiência imediata de seu autor, face a um encontro recém-terminado” (Amatuzzi, 2001, p. 74), garantindo dessa forma um contato vivo com o sentido de um encontro específico. Para o mesmo autor, as versões de sentido, quando vistas em conjunto após concluído o processo, “possibilitam uma visão mais condensada do todo, e ao mesmo tempo rica em detalhes experienciais (embora não em detalhes factuais)” (p.78). Depois de cada encontro grupal, os participantes, inclusive o pesquisador, fizeram por escrito a sua VS, na qual puderam expressar sinteticamente o sentimento predominante vivenciado em cada reunião do GP. Este exercício contribuiu para que eles elaborassem o sentido essencial de cada sessão. O material utilizado para isso foi apenas uma caneta e uma única folha de papel sulfite para cada participante em todos os encontros. Desta forma, cada um pôde acompanhar o seu desenvolvimento a

---

<sup>2</sup> A partir deste momento, referir-me-ei as versões de sentido dos participantes como VS.

partir de suas próprias versões de sentido contidas numa mesma folha. As transcrições para o computador foram feitas literalmente.

Por sua vez, a narrativa é compreendida neste trabalho como uma forma de relato escrito que possibilita destacar os momentos mais significativos do grupo bem como o seu movimento como um todo, permitindo e exigindo a participação e manifestação da subjetividade do pesquisador no ato de escrever, de tal modo que a partir daí se torna possível acompanhar as experiências de todos (participantes e pesquisador). Acredita-se que a subjetividade do outro, enquanto expressão profunda da sua experiência, só pode ser tocada e compreendida com o envolvimento pessoal do pesquisador, pelo qual se estabelece uma relação promotora de um certo conhecimento (Amatuzzi, 2006). Neste sentido, as narrativas foram feitas pelo próprio pesquisador, na semana seguinte ao encontro, com a preocupação de organizar com clareza tudo o que foi expresso e vivenciado pelos participantes e pesquisador, permitindo desta forma visualizar cada passo dado no grupo. As cinco narrativas feitas e também as VVs de cada participante construídas a cada encontro estão registradas no Anexo 3.

Em relação à gravação, utilizou-se um gravador em quatro dos cinco encontros realizados, com o livre consentimento e consenso dos participantes, a fim de ser o mais fiel possível ao que foi vivenciado no grupo, revelando ser uma ferramenta útil de registro, sobretudo na elaboração das narrativas. No terceiro encontro, porém, não foi possível proceder à gravação (Narrativa 3), porque o aparelho não funcionou como se esperava, exigindo do pesquisador um grande esforço de memória, auxiliado por algumas anotações pessoais feitas na ocasião.

#### 4.5 Sobre a análise

Foi feita uma análise qualitativo-fenomenológica do conjunto de narrativas (incluindo as VSS), em que se reuniu por eixos de significados o que foi vivenciado no grupo, tendo-se relacionado estes eixos de modo a se chegar a uma compreensão sobre a vivência comunitária da fé naquilo em que ela se relaciona com crescimento pessoal.

Para tanto, foram dados três passos:

- primeiro passo: consiste em fazer uma síntese de cada um dos cinco encontros, elaborando de forma clara e organizada tudo o que foi vivido pelos participantes e pesquisador, possibilitando uma análise parcial ou preliminar dos significados construídos coletivamente. Este passo está expresso no que se houve por bem chamar de “Narrativas” (Anexo 3), expressão da experiência do encontro grupal e das VSS.
- segundo passo: consiste em elaborar uma articulação das sínteses contidas no passo anterior, buscando descrever as vivências no grupo, de modo a permitir a elaboração de alguns “eixos de significados”. Este passo está expresso no que se está chamando de “Análise”.
- terceiro passo: consiste em reunir de forma descritiva todos os significados levantados no passo anterior, num texto unificado e consistente, de modo a permitir, em diálogo com outros pensadores, uma resposta satisfatória ao problema de pesquisa. Este passo está expresso na parte chamada de “Discussão”.

## V - ANÁLISE

Narrativas e versões de sentido feitas sobre o GP (Anexo3) permitem que se constatem três níveis de crescimento pessoal dentro da comunidade católica: comunitário, grupal e individual. O primeiro nível (comunitário) está relacionado às histórias dos participantes no GP, narradas, sobretudo, no que se achou por bem denominar no método de primeiro momento (contar uma experiência significativa acontecida na comunidade); o segundo nível (grupal) se relaciona com o próprio desenvolvimento do GP, considerando, no método, tanto o primeiro quanto o terceiro momento (dizer o que significou o encontro e que lições o participante leva para sua vida pessoal e comunitária) e, por fim, o terceiro nível (individual), relacionado, fundamentalmente, à descrição que cada participante faz da emoção experimentada logo após a sua participação em cada um dos encontros do GP, chamada no método de VS. Certamente os três níveis, expostos de maneira didática, não são exclusivos de cada momento previsto no método, podendo entrelaçar-se de maneira flexível.

### 5.1 Nível comunitário

No nível comunitário, à luz da pesquisa, as narrativas apontam para duas possibilidades. Se na primeira a comunidade é experienciada como um espaço que favorece o crescimento pessoal daqueles que dela participam, na segunda possibilidade ela é percebida e sentida como um espaço de contradições que nem sempre favorece o crescimento de seus membros.

### 5.1.1 A comunidade como promotora de crescimento pessoal

Pode-se, neste ponto, observar vários aspectos relacionáveis entre si, que demonstram o quanto e como a vivência na comunidade católica é promotora de crescimento dos indivíduos que dela fazem parte. Um primeiro aspecto está relacionado à família. Ao narrarem suas histórias, vários participantes do grupo afirmam que a comunidade católica os ajuda a viver melhor sua vida familiar, dando assim suporte para um relacionamento mais qualificado com os seus. Nesta perspectiva, um dos membros do GP dá o seu testemunho de como foi positiva para si e também para sua família sua experiência como voluntário na comunidade católica. Em um dos encontros, mostra-se feliz por ter conseguido transmitir este seu espírito voluntário aos filhos, que também o estão assumindo como um valor para suas vidas, e dá a entender que toda sua experiência comunitária foi e está sendo importante não só para ele, mas também para a sua família hoje (Narrativa 3, participante 4). Esta mesma participante afirma:

*“... Eu comecei a trabalhar, assim, de voluntária na comunidade, na pastoral social que tinha, né?... Então aquilo eu fui amadurecendo, mas pra minha vida pessoal mesmo, como mãe, como mulher, sabe, eu falei: ‘puxa que legal... valeu tudo a pena, vale tudo a pena, eu não me arrependo’. Às vezes eu perdi, assim, momentos de ficar com o meu marido, com a minha família, né, com os filhos, mas isso amadureceu*

*muito pra mim, pra minha vivência na minha família... . Isso que me ajuda a viver o dia a dia mesmo...”* (Narrativa 2, participante 4).

Um segundo aspecto diz respeito ao convívio social, possibilitador de novas amizades. Alguns participantes revelam que a comunidade católica constitui para eles um ambiente que favorece ir além do círculo familiar, possibilitando a construção de novos relacionamentos e novas amizades, considerados essenciais para o seu bem-estar pessoal. Como exemplo, há testemunhos significativos de alguns participantes do GP. Uma participante, ao ser convidada a assumir um compromisso na comunidade, afirma:

*“... Cheguei na cidade, não conhecia ninguém, não tinha amizade com ninguém, nenhuma família, ninguém, então era pra uma comunidade que eu tinha que entrar. Eu acho que foi um chamado [de Deus], né?...”* (Narrativa 1, participante 4).

A outra participante, a partir de uma história de sofrimento familiar, declara:

*“... Cada um cresce de uma forma... a gente cresceu pela dor, mas, assim, o que deixou de bom, né, foi assim o amor que a gente viu que as pessoas tinham pela gente, que a comunidade tinha pela gente, né, todo mundo nos amparou e depois de tudo aquilo a gente viu, assim, que realmente aquelas pessoas que estavam do nosso lado eram*



*peessoas que realmente gostavam da gente, né, e que estão até hoje junto com a gente...*” (Narrativa 1, participante 3).

Uma outra participante relata o quanto aumentou o número de pessoas amigas depois que decidiu participar da comunidade:

*“... hoje eu conheço todo mundo, dou carona, isso é muito gostoso, mudou completamente... Foi uma mudança que deu para sentir que melhorou, não é que melhorou, não sei se estava escondida ou a gente que saía na rua e não queria cumprimentar as pessoas, de não querer saber; hoje não, a gente fica preocupado, a pessoa está doente você vai visitar lá na casa dela, sabe, comunidade tem muito dessa coisa, um fala para o outro, um ajuda o outro, isso que é muito legal”* (Narrativa 1, participante 1).

Um terceiro aspecto se refere à fé cristã, que se apresenta como um elemento motivador e essencial para:

1. frequentar uma comunidade católica, considerada um espaço para o exercício da própria fé:

*“...Quando você está em comunidade, tem fé, acredita num Deus, né, acredita num Jesus que advoga por nós... então faz uma diferença muito grande na vida da gente... viver é difícil, é um desafio, é matar um leão todos os dias, mas a gente nem vê que matou um leão,*

*porque você tem esse discernimento, essa fé, essa vivência, né?...*

(Narrativa 1, participante 2);

2. trabalhar na comunidade católica:

*“... Às vezes eu fico me perguntando se eu não deveria fazer mais ainda do que faço, né, não para as pessoas, mas pra Deus...”*

(Narrativa 3, participante 6);

3. perseverar na caminhada comunitária, sobretudo quando aparecem as dificuldades dentro da própria comunidade. Neste sentido, um participante, ao sentir-se incompreendido e criticado por outras lideranças dentro da sua própria comunidade, afirma:

*“... Participar e suportar algumas coisas que as pessoas falam, às vezes fica difícil. Mas, mesmo assim, pra mim não é uma desmotivação... Eu acho que a gente faz o trabalho não visando agradar ninguém, mas fazer o trabalho pra Deus, porque a gente não ganha absolutamente nada, mas Deus dá em dobro pra gente... A gente faz porque o intuito é de querer ajudar a igreja, ajudar a comunidade, e Deus tá vendo, né, o que a gente pode fazer de melhor...”* (Narrativa 5, participante 2).

Outra participante, ao se sentir incompreendida pelo padre, ampara-se na oração para continuar o seu trabalho de coordenadora:

*“... e fui rezando... e chegava diante do Santíssimo lá na capelinha do salão... e falava: ‘Deus, o Senhor quer que eu ajudo, então me ensina, me ensina porque eu não sei; e ele foi me ajudando e através desta perseverança, de muita luta, eu fui conseguindo...”* (Narrativa 2, participante 8).

Um quarto aspecto tem a ver com a valorização da comunidade enquanto espaço importante para o crescimento pessoal de seus membros. Vários participantes do GP, ainda que de uma forma genérica, apontaram para esta questão, verbalizando suas interpretações e sentimentos acerca da comunidade que frequentam. Neste sentido, a comunidade surge na consciência como:

1) lugar necessário: a comunidade católica se revela como um espaço fundamental para quem dela participa ativamente, pois possibilita:

a) um sentimento de completude:

*“... A gente sente falta da comunidade, mesmo sabendo que ela é difícil, pois tem atrito com um, com outro, mas quando você não vai, você sente falta, falta alguma coisa dentro de você...”* (Narrativa 1, participante 1).

Igualmente interessante é o depoimento de uma outra participante ao falar sobre as três coisas que mais preenchem a sua vida, entre elas a vida comunitária católica:

*“... Eu sempre tive um sonho de fazer faculdade... Só que não parti pra fazer a faculdade, mas também não deixei de fazer as coisas que eu gostaria de fazer no meu trabalho, na minha família e na igreja... Eu fiz tudo na minha vida, tudo que eu gostaria de ter feito, eu fiz e estou fazendo... Eu sou de estar no trabalho com pontualidade, na família também e na igreja, na comunidade, que são as coisas que me fazem muito, muito bem, me preenche perfeitamente... por tudo isso que eu vivi e que eu vivo dentro do meu trabalho, com a minha família e dentro da comunidade... Então eu vejo que a vida foi uma grande escola pra mim, né? Eu não tenho diploma, mas eu tenho a vivência e isso me bastou pra conseguir viver, ser mãe, ser pessoa, ser vó... Então eu queria falar isso... a vontade de fazer uma faculdade... eu não fiz, mas hoje não me arrependo, não faz falta, estou preenchida com tudo o que eu vivi...” (Narrativa 5, participante 6);*

b) uma aprendizagem:

*“... se fosse pra mim viver longe da igreja hoje, eu falo, eu acho que eu não saberia. Longe da igreja, assim que eu digo, da comunidade, das pessoas, né, porque, nossa, a gente aprende demais...” (Narrativa 4, participante 6);*

c) um fortalecimento interior:

*“... E a comunidade é tudo, eu deixo de qualquer coisa, eu faço tudo, eu trabalho a semana inteira, eu faço tudo que eu tenho que fazer, mas quando chega a hora de me fortalecer, de ir lá buscar a palavra de Deus, buscar força pra semana, eu vou, eu não deixo de ir”* (Narrativa 1, participante 2);

d) uma participação ativa:

*“... A minha vida em comunidade hoje, eu digo, que eu vivo dois momentos: a minha família... e a vida na comunidade. Eu não consigo ficar um domingo sem participar de uma celebração, eu não consigo ficar sem participar, sem preparar, tá junto, sem participar das festas, a minha vida se resume na comunidade e na minha família; eu não consigo mais viver sem isso, é uma coisa, assim, que eu acho se um dia falarem pra mim: ‘olha, você não pode mais ser católica, você não pode mais participar da comunidade’, é melhor me matar, porque eu não sei o que eu vou fazer...”* (Narrativa 1, participante 5);

2) lugar de ajuda mútua: a comunidade católica se revela também como um espaço no qual as pessoas podem ajudar e são igualmente ajudadas. Nesta direção, falando no grupo sobre a importância da comunidade, um dos participantes afirma:

*“Dá a impressão que a gente não tá sozinho no mundo, que as outras pessoas também têm problema igual a você; então a gente sente, não*

*é como o brasileiro fala: 'cada um para si e Deus para todos', mas cada um buscando ajudar o outro, não é? É isso que nós sentimos, eu acho que a Igreja dá esse sentido também pra gente, de mostrar que o caminho é cada um ajudar o outro e a gente sabe que tem um Deus que tá olhando pela gente também, né?"* (Narrativa 1, reação à fala do participante 1).

E mais: o trabalho voluntário aparece como uma forma concreta de ajuda recíproca:

*"... Eu comecei a trabalhar, assim, de voluntária na comunidade, na pastoral social que tinha, né? Então a gente ía visitar as famílias necessitadas... Então aquilo eu fui amadurecendo, mas pra minha vida pessoal mesmo, como mãe, como mulher..."* (Narrativa 2, participante 4);

3) lugar de acolhida: a comunidade católica se torna ainda um espaço de acolhida do outro que chega:

*"... Na época, quando eu estava começando na catequese, eu não sabia nada, eu era uma anta, então eu ia para os encontros de preparação e fui bem acolhida pela Vanda, Isaura, Lílian, Diogo [nomes fictícios], que me ajudaram muito, né, respondendo minhas perguntas com calma, sem fazer diferenças entre eu que não sabia nada e elas que já sabiam bem mais do que eu.... Isso pra mim deu força,*

*coragem... foi uma experiência de fraternidade mesmo... Eu fico pensando hoje: 'talvez se eu não fosse acolhida naquela época, com aquela cabeça quadrada que eu tinha antes, eu não estaria hoje caminhando na igreja, teria desistido de tudo...' ” (Narrativa 3, participante 3);*

4) lugar que possibilita mudança de vida: a comunidade católica ajuda as pessoas a dar uma nova orientação para suas vidas:

*“... A partir do momento que você encontra Deus a vida da gente muda muito, né? A minha mudou bastante desde que eu comecei a caminhar na igreja, a caminhar dentro da comunidade... vai mudando tanto o jeito de pensar, o jeito de ser, o jeito de agir, a gente vai entendendo direito as pessoas... Se for pra mim voltar aquela vida que eu tinha antes...eu acho que eu ficaria doente... entraria numa depressão... O meu mundo era pequenininho, era dentro daquelas quatro paredes e ali, o que que eu via?, ali eu só sofria, só via sofrimento, não via prazer, porque eu via dificuldades em tudo... Ali (na comunidade) você recebe elogios, você recebe críticas, que isso tudo ajuda a gente a crescer, a melhorar, a refletir...” (Narrativa 4, participante 6);*

5) lugar de apoio para as dificuldades: a comunidade católica se mostra capaz de apoiar as pessoas em situações de fragilidades. Sob esta perspectiva, uma das participantes, ao narrar que começou a frequentar a comunidade católica a partir da doença de um dos filhos, diz:

*“... a partir daquele momento, já fazem 14 anos, que a gente se entregou mesmo à comunidade... porque foi um momento tão frágil que eu estava precisando, que precisou, não sei, de repente, acontecer isso, essa introdução mesmo na comunidade...”* (Narrativa 1, participante 1);

6) lugar de expressão de sentimentos: a comunidade católica favorece a troca de sentimentos bons entre as pessoas, fazendo-as sentirem-se mais queridas e valorizadas na sua individualidade. Nesta direção, uma participante narra que a comunidade é, apesar de não haver uma intimidade entre as pessoas, um lugar onde você encontra com as pessoas, é abraçada e pode abraçar, troca sentimentos bons, apesar das diferenças (Narrativa1, participante 1). Em outro relato, a partir de uma experiência pessoal feita na comunidade, uma participante fala sobre a importância de transmitir para outras pessoas, com autenticidade, aquilo que sente, dentro e fora da comunidade. Diz ela:

*“... Então, eu penso assim, né, como é importante você sorrir, como é importante você transmitir o que você realmente sente... e quando você, mesmo no momento de dor, mesmo no momento de sofrimento, você ri, você acolhe, você abraça... você está realmente mostrando o que tá lá atrás, o que tá lá dentro, eu pelo menos... Eu aprendi que eu tenho que falar, né, eu tenho que expor, eu tenho que ser, tenho que trazer o que tá dentro de mim, porque senão eu não sou eu, senão realmente eu sou falsa... Acho assim, que a gente tem que, muitas*



*vezes, tomar cuidado com aquilo que faz... porém tem que transmitir sempre, né, aquilo que você é... ” (Narrativa 2, participante 9).*

Um quinto aspecto está ligado à existência de pequenos grupos. Estes se tornam espaços de verdadeira partilha de vida enquanto possibilitadores de expressão de sentimentos e idéias, ação solidária, fortalecimentos de vínculos e amizades etc. Talvez a comunidade maior só se sustente pela existência dos pequenos grupos dentro dela, facilitando a convivência e a comunicação, evitando a massificação, proporcionando proximidade entre as pessoas, valorizando assim a subjetividade individual. Esta questão é validada por vários membros do GP, que dão exemplos concretos. Uma das participantes assim falou de sua experiência dentro de um “círculo bíblico”, espaço que busca articular fé e vida, que ela coordenava e que acontecia semanalmente nas casas do bairro:

*“... Então, todas as alegrias a gente celebrava, todas as tristezas a gente celebrava ali, a gente punha em oração, e a gente o que dava pra gente resolver a gente resolvia, e muitas vezes as tristezas era só ouvir mesmo, ter ouvidos pra ouvir... Então aquilo criou um laço muito forte até hoje... Eu acho que esse é o meio, essa é a formação, essa é a forma de resgatar muitas famílias... situações de dor mesmo que acontece dentro das famílias e que a pessoa fica lá dentro de casa sofrendo sem ter pra quem falar, né? Eu me lembro que nesta época algumas coisas aconteceram na minha vida e eu estava lá também dentro do grupo e, então, me segurei lá... Isso até hoje, eu digo, que foi*

*a maior experiência, como cristã, que eu vivi dentro da minha comunidade...”* (Narrativa 4, participante 4).

Nesta mesma direção, outro participante diz sobre um grupo de casais do qual participou e coordenou, mudando assim a sua vida e de sua esposa:

*“... A partir deste encontro de casais com Cristo... as coisas na vida foram mudando, né, a gente percebeu essa iniciativa de querer fazer alguma coisa diferente; e aí a gente reuniu os casais no final de semana em Barão pra conversar a respeito do que foi falado, pra procurar fazer uma amizade, formar grupos, né? Então isso foi ficando gostoso... virou uma coisa mais, é, vamos dizer assim, um grupo mais integrado, né?... [foi] um momento em que deu aquela alavancada pra que realmente as coisas fossem diferente na vida da gente, né?”*  
(Narrativa 2, participante 1).

Um sexto aspecto está relacionado às experiências vividas fora da própria comunidade. Tais experiências demonstram o quanto são importantes para o crescimento de seus membros, uma vez que ampliam o nível de compreensão acerca do mundo, gerando novos recursos interiores para se moverem com mais autonomia na realidade. As mencionadas experiências podem favorecer:

1. um compromisso maior na própria comunidade: uma participante sentiu-se motivada e decidida a se abrir mais para a sua comunidade a partir de uma palestra proferida por uma pessoa de outra comunidade:

*“... Falei: ‘meu Deus, esta mulher está aqui, olha quantos casais estão tocando com a palavra. Puxa, que bonito, né, por que que eu também não posso fazer isso?... Pô, vou começar a me abrir mais para as pessoas da minha comunidade...”* (Narrativa 2, participante 4);

2. uma reflexão sobre realidades diferentes: o participante, que foi convidado a participar de um trabalho missionário no estado do Paraná, enfrentou uma realidade bem diferente da sua, marcada pela violência, favelas, tráfico organizado de drogas, pobreza absoluta etc. Ao entrar neste submundo, foi aos poucos adquirindo uma nova consciência. Afirma:

*“... Enquanto eu estava lá fazendo o que foi determinado pra que eu fizesse, eu não tomei consciência que aquilo tava servindo mais pra minha vida, pra minha mudança pessoal do que eu sei que eu levei, porque eu aprendi pra levar, né? E a gente via que as pessoas estavam precisando daquilo que a gente foi levar. Mas depois que eu cheguei em casa, com o decorrer dos dias, lembrando nas situações, que eu vi que eu não dava muita importância, assim... para as coisas, porque lá eu vi tanta miséria, tanta miséria, que nunca eu tinha visto na minha vida, né? E eu também, até então, eu ouvia falar em solidariedade, mas eu não sabia como aplicava realmente a solidariedade, eu vi lá... Essa viagem pra mim foi, assim, foi muito, assim, pro meu crescimento pessoal, sabe?... Eu tive que ir lá longe pra prestar atenção na solidariedade deles...”* (Narrativa 4, participante 2);

3. uma postura ética no mundo: a participante, mesmo não atuando diretamente na comunidade atualmente, sente que continua fiel a Deus, quando se esforça por ser coerente com o que fala e faz, mantendo dessa forma uma postura ética diante das situações que está presenciando, principalmente com as pessoas com quem lida atualmente e que não frequentam, necessariamente, uma comunidade católica:

*“... A gente sabe que tem gente na igreja que fala e não faz; eu, graças a Deus, me esforço pra fazer o que falo... Eu acho que eu tô sendo ética...”* (Narrativa 3, participante 5).

Um sétimo aspecto aponta para a pessoa do padre e o seu significado na comunidade. O padre é visto como alguém que ajuda as pessoas da comunidade a viver melhor sua vida pessoal e comunitária, acolhendo-as e orientando-as através de falas públicas ou de conversas pessoais. Uma das participantes diz, genericamente, que a sua função de coordenadora a ajudou não só a conhecer melhor o padre como também aproximá-lo de sua comunidade, desmistificando assim a figura eclesial. Afirma:

*“... Eu me sinto feliz por ser uma pessoa próxima do padre e por conseguir fazer a ponte entre ele e a minha comunidade...”* (Narrativa 3, participante 1).

De forma mais concreta, outra participante, mesmo não tendo recebido o sacramento do matrimônio, relata que se sentia acolhida pelo padre dentro da comunidade na qual alguns a discriminavam por viver em concubinato:

*“... Eu me senti acolhida pelo padre... você se sente importante... você se sente querida...”* (Narrativa 2, participante 7).

Outra participante ainda, ao comparar o padre anterior com o atual, declarou que o primeiro a ajudou muito no seu crescimento pessoal:

*“... Durante a minha caminhada na comunidade eu senti, assim, muito, acho que eu cresci muito através do ensinamento do padre, né?...”*  
(Narrativa 5, participante 1).

Uma das participantes, que tinha problemas com o marido, narra também que uma conversa pessoal com o sacerdote foi decisiva para que não desistisse da caminhada dentro da comunidade, tão importante para sua vida (Narrativa 2, participante 5). O GP manifesta ainda a importância da fala do padre em momentos comuns, sobretudo durante a missa, ocasião em que as suas palavras ajudam, orientam, iluminam e fazem refletir sobre o viver em comunidade (Narrativa 1, segundo momento).

### 5.1.2 A comunidade como espaço de contradições

Pode-se observar, aqui, alguns elementos que se entrelaçam e que demonstram como a comunidade católica não é, necessariamente, garantia de crescimento pessoal de seus membros, pois ela pode ser promotora de vivências pouco ou nada coerentes com os valores que prega:

*“... há muitas pessoas boas que vêm pra igreja, mas há também pessoas muito maldosas, a gente sabe disso...”* (Narrativa 1, participante 3).

Neste sentido, a comunidade pode tornar-se:

1. um espaço de contradições: neste caso, a comunidade católica, às vezes, parece ter um discurso distinto de sua prática, expondo abertamente o quanto é difícil viver as crenças e os valores que prega: “... A gente sabe que tem gente na igreja que fala e não faz...” (Narrativa 3, participante 5). Isso se torna evidente quando:

a) existe preconceito. Ideias preconcebidas são muitas vezes alimentadas dentro da prática comunitária católica, contribuindo para que as pessoas se sintam julgadas e excluídas por outros membros da própria comunidade. Neste sentido, uma das participantes conta que sentiu na pele o peso do preconceito, em duas situações concretas: a primeira, quando tornou-se público o fato de que ela, muito tempo após divorciada de um marido violento, com o qual já tinha um filho, decidiu casar-se com um dos jovens da própria comunidade, mais novo do que ela, com quem vive até hoje; a segunda situação, quando ela e o atual marido foram convidados, pelo padre, a assumir a

coordenação geral da comunidade. Neste último caso, confessa a participante, o preconceito foi bem maior, pois vinha acompanhado do sentimento de desprezo, sobretudo por partes das pessoas mais antigas da comunidade e de pessoas até então consideradas amigas (Narrativa 1 e 4, participante 5 e 8);

b) existe individualismo. Este se apresenta como o oposto à proposta de uma comunidade católica que, teoricamente, deve favorecer a vivência de valores comuns que possam orientar a vida de seus membros. Nesta perspectiva, uma participante relata sua decepção com alguns líderes da comunidade:

*“... eu sofro demais na comunidade, porque às vezes a gente vê coisas, a gente percebe situações de pessoas que levam aquilo como um status, né, e isso me dói, isso me magoa... tudo o que nós vamos fazer, tudo o que nós imaginamos, tudo o que nós pensamos, barra em coisas bobas, sabe, em pensamento de um ou de outro...”* (Narrativa 1, participante 5).

Esta mesma participante se diz triste ao constatar o quanto as questões pessoais pairam sobre os interesses coletivos, sobretudo quando o Conselho Pastoral se reúne para conversar e resolver os problemas da própria comunidade (Narrativa 3, participante 7);

c) não existe acolhida. Se por um lado a acolhida é fundamental para iniciar a caminhada dentro de uma comunidade católica, conforme já exposto, por outro lado a falta dela pode ser desmotivante para muitos. É como afirma um dos participantes do GP:

*“... a gente tem que acolher a pessoa como ela é... muitas coisas que se falam, afasta, assim como muitas coisas que se falam, acolhe, né, te encorajam, né?... A gente tem que tomar cuidado, porque muita coisa afasta. É uma palavra dita em hora errada, é uma palavra dita sem precisão, sem necessidade, pode afastar as pessoas da igreja”*  
(Narrativa 2, reação à fala do participante 7).

Outro participante conta que enfrentou várias dificuldades no início de sua caminhada dentro de uma comunidade paroquial, sentindo-se não acolhido por pessoas significativas do grupo, que se recusavam, consciente ou inconscientemente, a criar as condições necessárias para o seu trabalho; relata que, mesmo assim, não desistiu de caminhar, demonstrando desta forma que a não acolhida por parte de alguns nem sempre leva as pessoas a se afastarem da comunidade (Narrativa 2, participante 6);

2) um espaço de conflitos: nesta situação, a comunidade católica, que deve ser um lugar de paz e harmonia, segundo os seus valores, além de contraditória, constitui expressão de tensões entre os seus membros. Isso se visualiza quando:

a) não existem condições para expressar livremente o pensamento. Ainda que esta questão seja narrada apenas por uma única pessoa do GP, vale a pena observar uma contradição dentro da comunidade, uma vez que ela é geradora de sofrimento psíquico (ao menos para esta participante). Dentro do contexto em que a participante sente-se sem liberdade para expressar o seu ponto de vista sobre a sua própria comunidade, diz ela:



*“... muitas vezes não posso falar e que quando falo [no conselho] eu sou vista como a polêmica, quando eu abro a boca só falto apanhar... Às vezes você vai contra pensamento que é do grupo e que você acha que não é certo, né, talvez pode até ser, mas se você vai colocar, nossa... você é vista como realmente a pessoa que chega pra falar e que não precisava ter falado. Então, assim, é difícil, está sendo muito difícil... hoje eu acho que é um grande desafio que Deus colocou pra mim, né, superar este grande momento de dificuldade...”* (Narrativa 1, participante 5). Esta mesma participante lamenta ainda a falta de espaço para se expressar espontaneamente na comunidade: *“... falta espaço para se explicar, para você dizer o que pensa... as pessoas são dominadas nas ideias... Eu falei tudo o que queria falar, desabafei mesmo, mas tive que forçar um espaço... Acho que na comunidade isso tem que ser algo espontâneo, né, como numa família...”* (Narrativa 3, participante 7);

b) existe crítica destrutiva. Esta é considerada pelos participantes como um mal que destrói a vida de uma comunidade, pois muitas pessoas acabam sofrendo e/ou desistindo de um trabalho comunitário por sentirem-se injustiçadas diante da fala maldosa, indiscreta e inconsequente de alguns membros da comunidade. Expressando isso, a partir de uma vivência pessoal sobre a questão, diz um dos participantes:

*“... Em relação à nossa comunidade lá, o que eu sinto é que... são as mesmas pessoas que criticam as próprias pessoas que estão lá*

*dentro... Eu percebo que essas críticas desmotivam outras pessoas que já estão, é, participando, principalmente nos momentos de festa... eu acho que tem que mudar a consciência de muitas pessoas da nossa comunidade... Então, muitas vezes a gente vê algumas coisinhas que as pessoas falam, às vezes elas não se dão conta do que elas estão dizendo, então elas acabam, é, dizendo coisas que não agradam, entendeu, e elas acham que é normal, que isso é normal, e não é normal. Eu acho que a gente no momento de dificuldade... se tem alguma coisa a falar, chega na pessoa em particular e fala, e não fala no meio de todo mundo...” (Narrativa 5, participante 2).*

Outra participante, que também exerce função de liderança dentro da comunidade, lastima o quanto as críticas a fazem sofrer, atingindo inclusive a sua saúde física. Afirma:

*“... É duro, né, porque tenho que escutar tanta coisa das pessoas da comunidade, principalmente quando eu falo não... sinto cobrada demais e isso tá me fazendo mal, tô ficando doente... Então, eu falo pra mim mesma: ‘será que não tá na hora de dar um tempo, de afastar de tudo?’...” (Narrativa 3, participante 8);*

3) um espaço gerador de frustrações: se a comunidade católica pode levar a uma realização pessoal daqueles que dela participam, igualmente pode levar a uma frustração das pessoas que não veem suas expectativas realizadas. Isso se observa, além do que já foi exposto, quando:

a) não existe reconhecimento do trabalho do outro. Embora alguns digam não haver necessidade do reconhecimento do outro pelo trabalho que fizeram ou fazem na comunidade (Narrativa 3, participante 4; Narrativa 5, participante 2), outros sentem que isso é importante para a sua vida pessoal até mesmo para continuar participando. Isto significa que, quando os membros não lembram ou não valorizam o esforço e dedicação do outro em prol da comunidade, não só deixam de fazer memória da sua história como também podem estar provocando decepção e desmotivação para quem dedicou seu tempo e energia para construir, com sacrifício, a vida da própria comunidade com tudo o que ela é e tem hoje. Isto pode ser constatado pelo depoimento de uma das participantes do GP:

*“... Chega determinada hora que você fala assim: ‘puxa, eu trabalhei tanto, né, hoje tá bonito, hoje tá bom, tá pronto, mas as pessoas parecem que não dão muito valor pelo o que eu fiz’... Então isso, às vezes, assim, eu cresci muito, mas às vezes me incomoda bastante, né, isso me incomoda bastante, principalmente nestes dois últimos anos... eu quero continuar fazendo parte da história da comunidade...”* (Narrativa 4, participante 3).

Uma das participantes também narra o seu sentimento sobre a questão:

*“... E vejo muito assim: as coisas que a gente lutou com tanto sacrifício pra conseguir e hoje parece que não têm valor de nada... Então isso me deixa muito magoada...”* (Narrativa 5, participante 1).

Muitas vezes esta falta de reconhecimento do trabalho do outro se revela também como falta de apoio ao que se faz na comunidade: as pessoas que fazem um trabalho voluntário na comunidade católica sentem-se, muitas vezes, sem apoio para realizar os seus trabalhos, seja pela crítica que recebem seja por falta de uma palavra de incentivo da parte de outras lideranças e até mesmo do padre. Isso pode ser percebido no seguinte depoimento:

*“... continuo falando que eu na comunidade, eu me sinto, assim, eu não me sinto motivada em continuar em trabalhar na comunidade, porque parece que a gente não tem incentivo, não sei, tudo o que a gente fala, é, parece que os responsáveis não param pra escutar, pra dar um palavra de conforto, pra ajudar, né?... Eu não tô me vendo, não tô achando esse apoio mais na comunidade...”* (Narrativa 5, participante 1).

Outro exemplo dessa falta de apoio pode ser dado com o depoimento de outra participante:

*“... Eu acho, assim, que a minha caminhada hoje não tá mais tão firme, não tá mais tão intensa, tão centrada como era há um, dois anos atrás, porque eu não sinto mais apoio da comunidade...”* (Narrativa 1, participante 5);

b) o padre, na qualidade de líder maior, não é compreensivo com os membros de sua comunidade. Embora a pessoa e a função do padre sejam,

geralmente, bem valorizadas dentro da comunidade católica, ele é percebido, em situações pontuais, como alguém que não se coloca no lugar do outro quando fala ou faz algo, gerando um descontentamento, fazendo as pessoas se sentirem sem apoio e desmotivadas na comunidade.

*“... Vou ter que confessar, porque o padre me tirou do sério, fiquei muito, muito enraivada com isso, eu nunca passei por isso, né, nunca senti isso, principalmente por um sacerdote, né?...”* (Narrativa 1, participante 5).

Uma das participantes relata também o seu sofrimento ao não ser compreendida pelo padre, em um momento importante de sua vida na comunidade, quando se tornou coordenadora a convite dele:

*“... Eu chorava... mas eu não desisti. Falei: ‘não, um dia ele vai me entender, vai me entender, porque eu não tenho experiência nenhuma e ele me colocou para coordenar a comunidade’...”* (Narrativa 2, participante 8).

É comum o padre ser visto no grupo como alguém que nem sempre escuta, anima ou orienta:

*“... Cada um fala, faz do jeito que quer, não tem alguém pra falar, assim, mais forte, falar: ‘não, que a regra é assim’. Então isso deixa a gente muito magoada, desmotivada em continuar, né? Sei que a gente*

*tá lá não é por causa do padre, mas por causa de Jesus Cristo mesmo, mas tem que ter um superior pra animar, né? Pra falar, pra orientar, pra parar e escutar, porque tem hora que a gente fica perdida na comunidade...”* (Narrativa 5, participante 1).

c) as lideranças leigas não cumprem com o seu papel. Nesta situação, as lideranças leigas, que deveriam coordenar e animar a comunidade, são percebidas e sentidas, muitas vezes, como pessoas despreparadas para a função que exercem:

*“... Tem pessoas que às vezes estão à frente das festas ou da comunidade, e não sabem se portar perante ao próximo... Então eu acho que isso acontece com muita frequência na nossa igreja, infelizmente...”* (Narrativa 5, participante 2).

Este despreparo das lideranças pode ser também entendido como falta de exemplo de vida:

*“... Às vezes eu me desanimo muito, né, porque eu vejo pessoas assim em situações que não dão testemunho, sabe, daquilo que já aprendeu, daquilo que a gente vive...”* (Narrativa 1, participante 5).

O abuso de poder pode ser também um outro lado da falta de preparo das lideranças leigas:

*“... Eu tive uma decepção há alguns anos, bons anos atrás, com um animador, e eu não esperava, porque era uma pessoa que eu respeitava muito... eu tive que ser do mesmo nível que ele... eu falei: ‘não, comigo não!’... E eu fiquei muito chateada, porque aquilo me machucou muito...”* (Narrativa 5, participante 3).

## **5.2 Nível grupal**

No nível grupal, levando em conta o problema de pesquisa, as narrativas permitem dizer que o movimento feito dentro do GP possibilitou um verdadeiro crescimento pessoal daqueles que dele participaram. Considerando isto, podemos agora dizer em que sentido o GP promoveu o crescimento dos seus participantes. Para isso, os dados foram organizados em dois pontos. Se no primeiro destacam-se as reações desencadeadas diante das falas uns dos outros, mobilizando internamente os participantes do grupo, no segundo ponto destacam-se os significados que foram possibilitados pela vivência grupal.

### **5.2.1 As reações como expressão de mobilização interior**

O primeiro ponto se fundamenta nas reações dos participantes do GP enquanto expressão de mobilização interior, produzindo um movimento maior dentro do próprio grupo. Tais reações, muitas vezes, foram motivadas por um sentimento de solidariedade com o sofrimento alheio e podem ser encontradas, sobretudo, no primeiro momento previsto no método (contar uma experiência

significativa acontecida na comunidade) e, eventualmente, no segundo momento (escolher uma das experiências relatadas ou um tema comum a todas elas e contar outras experiências relacionadas com o escolhido), uma vez que este último não aconteceu de maneira rigorosa e formal. E ainda: as mencionadas reações se concretizaram, basicamente, através de aconselhamento, reflexão sobre um tema ou narração de outras histórias inspiradas na fala de alguém.

Uma primeira reação se observa quando a participante narra sua experiência sofrida dentro da comunidade, sentindo-se desmotivada, confusa e abalada em suas convicções acerca da comunidade que frequenta. Diante deste contexto, preocupados em falar para ela e para todos, vários participantes reagem reflexivamente: um, dizendo que tinha uma ideia idealizada de igreja e, por isso, acabou se afastando por presenciar coisas erradas, mas percebeu em tempo que ela é também cheia de defeitos e qualidade, erros e acertos, e por isso continua participando fazendo o melhor que pode, não por competição; outra, dizendo que muitas vezes a comunidade confunde coordenadora com síndica, que deve resolver tudo, e que, por isso, quase desistiu, mas quando pára e pensa que um dia foi feliz ou é feliz, isso a estimula a continuar na caminhada; outro ainda, dizendo que, como liderança, aprendeu o quanto é importante pensar antes de se expressar, pois as interpretações são muito variadas e as críticas, muitas vezes, impiedosas; um último, dizendo que é preciso ter critérios para trabalhar na comunidade, não envolvendo a família nas fofocas (Narrativa 1, segundo momento).

Uma segunda reação se observa quando alguns participantes do GP comentam sobre os padres da igreja que frequentam e as dificuldades que, às vezes, sentem no relacionamento com eles. A partir disso, o grupo sente



necessidade de conversar sobre a questão, concluindo que a perseverança dos membros da comunidade também acontece quando os padres não os compreendem em suas falas e práticas, embora alguns reconheçam que, quando param para refletir, muitas vezes, chegam ao entendimento de que o padre tem razão no que fala ou na decisão que toma (Narrativa 2, reação à fala do participante 8).

Uma terceira reação é notada quando uma participante se queixa da falta de liberdade para se expressar dentro da comunidade. Diante deste problema, o grupo reage, dizendo o seguinte: é importante que os coordenadores de uma comunidade escutem o que as pessoas têm a dizer, sem impor suas ideias; ainda que não seja possível colocar em prática as muitas sugestões que recebem, pelo menos deveriam ouvi-las atentamente; tudo fica mais “triste e difícil” quando o coordenador usa indevidamente o nome do padre para conseguir o que quer, sem mesmo o conhecimento do próprio padre (Narrativa 3, reação à fala do participante 7).

Uma quarta reação se nota quando uma ex-coordenadora de comunidade revela o quanto ficou traumatizada por ter que dividir a coordenação com outra pessoa. Esta experiência narrada fez os participantes do grupo reagirem, basicamente com três considerações: ser coordenador não é fácil, pois ele não trabalha sozinho mas em equipe, que quando está unida funciona bem, mas quando não há união tudo fica penoso para todos; quando há dois coordenadores, deve haver afinidade entre eles, a fim de que se entendam o tempo todo e se ajudem mutuamente, somando esforços em benefício da própria comunidade; coordenar a comunidade junto com outra pessoa pode favorecer o amadurecimento de ambos (Narrativa 4, reação à fala do participante 1).

Há ainda uma quinta reação, que se observa quando um dos participantes expõe a sua indignação em relação às lideranças que o criticam de forma grosseira e maldosa dentro da comunidade que frequenta. Este fato narrado fez o GP refletir, dizendo que as dificuldades fazem parte da vida da comunidade, pois ela é formada por pessoas; que a consciência de que a comunidade não é de ninguém em particular mas de todos, ajuda as pessoas a sentirem-se responsáveis por ela e no direito de caminhar dentro dela; que todo trabalho voluntário é bem-vindo, ainda que cada um o desempenhe à sua maneira, dedicando o tempo que lhe convém; que as pessoas que se encontram fora, sem uma participação direta, devem ser convidadas a participar, dando a entender a todos que a comunidade não é formada por um grupo seletivo, popularmente chamado de “panelinha”; que mesmo as pessoas que já participaram da comunidade e dela se afastaram por algum motivo, devem ser novamente convidadas, pois a carência afetiva é uma característica comum no ser humano, que gosta de ser notado e lembrado pelos outros e, assim, sentir-se valorizado; que as pessoas, quando não são percebidas ou convidadas para participar diretamente da comunidade, devem tomar a iniciativa, conquistando o seu espaço, pois, do contrário, estarão deixando de contribuir com o seu próprio desenvolvimento, estimulado pelo trabalho realizado na comunidade (Narrativa 5, reação à fala do participante 2).

Outra reação, a sexta, se observa quando um dos participantes, ao falar da grande dificuldade que teve no relacionamento com um ex-coordenador, se pergunta por que em situações parecidas consegue sentir raiva dos familiares, mas não consegue sentir raiva de pessoas da comunidade e por que, em situações de conflito, se entende melhor com pessoas da comunidade do que

com os seus próprios familiares. A partir disso, o grupo produziu algumas reflexões, considerando que a comunidade existe para nos ajudar a viver melhor nossa vida com as pessoas de dentro e de fora; que as dificuldades que existem dentro da comunidade nos ajudam a lidar melhor com os próprios parentes e com os acontecimentos familiares; que, em geral, a dificuldade para lidar com os familiares é maior do que com as pessoas da comunidade, porque “santo de casa não faz milagre” (Narrativa 5, reação a fala da participante 3). A mesma participante que pergunta, depois de refletir junto ao grupo, afirma:

*“... Agora você me clareou uma coisa... a família conhece você, sabe seus defeitos, a comunidade, não. Então ela aceita, você integra melhor... Porque a família já sabe os pontos fracos, os pontos fortes, enfim. E eu era muito assim... tinha que ser perfeita... Eu aprendi na comunidade que não é assim... O medo da rejeição na comunidade é maior do que em casa, por isso que a gente cede...”* (Narrativa 5, participante 3).

### **5.2.2 Os significados extraídos da vivência grupal**

Neste segundo ponto, considera-se pertinente descrever os significados dos encontros realizados, expressos nas falas significativas dos participantes, sintetizadas no terceiro momento de cada reunião do GP, produzindo, desta forma, uma consciência mais ampla no grupo. Tais falas, acredita-se, expressam uma tentativa de verbalizar toda a experiência feita no ambiente coletivo.

No primeiro encontro, as pessoas expressaram que puderam perceber com mais clareza que os problemas relacionados à vida de comunidade não são exclusividade de um único indivíduo, mas passaram a enxergar seus próprios problemas refletidos, de certa forma, na história de cada um que ali estava, em maior ou menor intensidade; deram seu testemunho de que os encontros lhes possibilitaram um aprendizado, pois passaram a enxergar os problemas de outra maneira; deram-se conta da força da perseverança e da esperança; deduziram que não se deve sentir-se perdido diante dos problemas, mas refletir para agir acertadamente na própria comunidade; ponderaram que é fundamental criar oportunidades através do diálogo; por fim, concluíram que tudo o que havia acontecido naquela noite permitiu uma nova experiência, útil para a vida pessoal e comunitária (Narrativa 1, terceiro momento).

No segundo encontro, o grupo declarou que o encontro representou um espaço de partilha sobre a perseverança, a fé, a humildade e a acolhida, buscando aceitar a cada pessoa como realmente é, evitando julgamentos e preconceitos; refletiu que os obstáculos não são para desanimar, mas permitidos por Deus a fim de favorecer o crescimento, dando sentido ao existir, tornando-se isso importante tanto para a vida pessoal como para a vida coletiva (Narrativa 2, terceiro momento).

No terceiro encontro, o grupo observou que cada reunião permitiu fazer novas descobertas e conhecer as limitações e dificuldades uns dos outros; que a garantia do sigilo é importante, pois oferece condições para se falar sobre tudo o que se deseja; que o encontro ajuda a tomar atitudes; que antes não se enxergava claramente a importância da própria vida na comunidade, mas com a vivência no encontro foi possível entender e valorizar mais toda a experiência

pessoal, sobretudo as relacionadas à comunidade; que a comunidade é importante para sua vida, apesar dos problemas, pois permite um encontro com Deus, embora tal encontro não seja igual para todos; que os encontros têm colaborado para se renovar para uma nova fase dentro da paróquia em questão, ocasionada pela substituição do padre; que falar para interlocutor conhecido, como é o caso dos membros do grupo, é mais fácil, pois todos falam a mesma linguagem e sobre a mesma realidade; que o grupo é um espaço de verdadeiro aprendizado, possibilitador de uma experiência única; que o grupo constituiu um espaço para se falar livremente o que se pensa e sente sobre as experiências de vida (Narrativa 3, terceiro momento).

No quarto encontro, o grupo expressou que o encontro significou para todos um fortalecimento pessoal e um aprendizado a mais, proporcionados pela atitude de contar e escutar experiências, em um clima de confiança mútua, gerando vida nova nos participantes (Narrativa 4, terceiro momento).

No quinto e último encontro, o grupo, ao ser solicitado a fazer uma apreciação geral de todas as reuniões, disse que cada dia foi um aprendizado diferente e verdadeiro que vale para a vida toda; que as pessoas, mesmo com histórias diferentes, são muitas as coincidências de situações parecidas; que foi uma experiência diferente, porque na comunidade não havia oportunidade para participação de um grupo semelhante; que a troca de idéias e experiências ajuda no crescimento de cada um e a viver a vida cotidiana; que a confiança é algo bonito entre os membros e foi determinante para uma verdadeira partilha de vida; que foi algo bonito pela coragem em falar sobre si para o outro; que o encontro permitiu aproximar mais o promotor do grupo dos participantes, fazendo-os mais amigos; que o grupo foi uma terapia especial e bem diferente das outras, porque

se falou muito de comunidade, algo importante para todos e que acaba refletindo em tudo, na família, no trabalho, nas pessoas mais próximas e afetivamente mais ligadas; que ninguém sai do grupo do mesmo jeito que entrou (Narrativa 5, terceiro momento).

### **5.3 Nível individual**

No nível individual, tendo em vista o problema de pesquisa, pode-se dizer que o GP possibilitou de fato crescimento a cada um que participou do mencionado grupo, sem exceção. Para demonstrar isso, utilizaremos as VSs feitas pelos participantes, após cada encontro, conforme previsto no método. Tais versões serão analisadas e sintetizadas a partir da subjetividade do pesquisador, ou seja, serão trabalhadas a partir das percepções e sentimentos que elas produzem na sua pessoa, uma vez que a pesquisa qualitativo-fenomenológica permite este tipo de interação. E mais: a versão de sentido do pesquisador será também trabalhada neste nível, uma vez que ele próprio se fez beneficiário dos encontros. Para cada membro do grupo, será dado, exceto para o pesquisador – Henri – um nome fictício a fim de se preservar a identidade real deles, garantindo assim a ética na pesquisa.

#### **5.3.1 Os significados do grupo para cada participante**

Para Aline, o grupo significou uma oportunidade de convivência e partilha de algumas experiências comunitárias que até então estavam guardadas

só pra si, fazendo-a se sentir muito bem consigo mesma pelo simples fato de poder falar e/ou escutar.

Quanto à Meire, os encontros representaram uma vivência de sua fé cristã, concretizada no amor ao demais participantes, gerado pela oportunidade de expressar no grupo o que pensa e sente, fazendo-a sentir-se muito feliz.

Nara escreve que os encontros possibilitaram a ela, além de um aprendizado, perceber melhor a presença de Deus em sua vida, uma oportunidade para refletir melhor, deixando-a mais motivada a continuar sua caminhada dentro da comunidade católica na qual participa.

Júlia diz que o GP traduziu-se para ela como um espaço de vivência que a ajuda a amadurecer algumas atitudes, a perder medos, a compreender melhor a realidade à sua volta e a formar suas opiniões de modo mais adequado.

Hélio afirma que viveu no grupo uma experiência que lhe favoreceu perceber a importância da fé (cristã) enquanto algo que ajuda a superar as dificuldades pessoais e comunitárias e, também, a importância de partilhar as experiências vividas na comunidade para que haja crescimento de fato.

Henri descreve que o conjunto dos encontros representou uma oportunidade de falar sobre sua história pessoal, de escutar as histórias de cada um relacionadas à vida da comunidade, num clima de confiança, simplicidade e sinceridade, contribuindo para o crescimento de todos.

Quanto à Francisca, cada encontro permitiu a ela uma experiência única, fazendo-a sentir-se aliviada com as várias histórias que escutou e narrou.

Em relação à Élen, o grupo significou a oportunidade de falar em voz alta os seus sentimentos para pessoas que têm, como ela, uma vivência de fé na

comunidade; possibilitou também identificar-se com cada história escutada, fazendo-a reviver o passado e ajudando-a a viver melhor o hoje.

A participante Débora entende que tudo o que vivenciou no GP representou uma experiência muito boa, pois a ajudou a recordar muitos fatos e a pensar e refletir melhor, fazendo-a sentir-se renovada.

Por fim, Carla expressa seu sentimento, dizendo que descobriu no grupo a importância de partilhar suas experiências, curando assim as suas feridas, aumentando sua consciência sobre a realidade que a cerca e motivando-a a continuar a caminhada de fé em sua comunidade.



## VI – DISCUSSÃO

Diante da análise feita, faz-se mister uma reflexão mais elaborada, buscando luzes para a compreensão da realidade que se investiga. Considerando o problema de pesquisa, tudo indica ser útil e coerente que se desenvolva esta discussão a partir dos três níveis mencionados e trabalhados na análise, a saber: o comunitário, o grupal e o individual. Obviamente estes níveis não são considerados isoladamente, mas se implicam dialeticamente. O desafio que se impõe nesta etapa da pesquisa é buscar os elementos unificadores (eixos de significados) que dão consistência ao conjunto de dados colhidos e analisados até o presente momento.

### 6.1 Nível comunitário

Para melhor se compreender os sentidos da vivência comunitária de fé na sua intersecção com o crescimento pessoal, o desafio que se coloca nesta etapa da pesquisa, a partir do que foi expresso no GP, é a construção de perspectivas possíveis existentes na comunidade católica, possibilitadoras ou não do desenvolvimento de seus membros.

#### 6.1.1 Perspectivas possíveis na comunidade

Uma primeira perspectiva evidente é a fé religiosa (cristã) enquanto elemento estruturante da própria vivência comunitária católica. Não obstante existam muitas outras realidades importantes que envolvem a vida de uma

comunidade católica, a fé mostra-se básica para que ela se caracterize como tal, dando-a uma identidade própria, diferenciando-a assim de outros grupos humanos. Neste sentido, Libânio (2004) dá uma importante contribuição ao explicitar e explicar os vários tipos possíveis de fé. Partindo do princípio que a fé, enquanto aposta em algo ou alguém, é característica de todo ser humano e condição de existir num convívio humano, o autor distingue cinco tipos de fé, que devem ser compreendidos articuladamente.

O primeiro é a fé humana, base para o desenvolvimento do ato de crer de toda pessoa, estruturada psicologicamente nos primeiros anos de vida. Afirma:

O primeiro movimento instintivo é o da confiança no outro que acolhe, que protege, que cuida. Se essa primeira experiência humana é bem-sucedida, tem-se a base psicológica para a fé. Firma-se no inconsciente da criança a atitude espontânea de entrega para além do puramente instintivo (Libânio, 2004, p. 13).

Para este teólogo, portanto, a semente da fé humana ou da resistência a ela é plantada na infância. O próprio autor alerta, no entanto, que isso não é uma relação absoluta de causa e efeito, podendo, no caso de experiências negativas, ser superado no decorrer da vida: “Ao longo do crescimento, com um processo consciente e trabalhado, consegue-se superar os entraves dos primeiros anos. No entanto, haverá quem tenha mais dificuldades ou facilidade para desenvolver a atitude de fé nas pessoas” (p.13). Ainda de forma interessante, o mesmo autor diz que o risco, que se instala na fronteira entre a credulidade e a desconfiança, é algo inerente à fé humana. Aprofundando esse raciocínio, ele elenca algumas situações que impedem o desenvolvimento da fé

humana, a saber: experiências de abandono, de superproteção ou de autossuficiência (esta última frequentemente reforçada por muita beleza, riqueza, poder ou outras qualidades). Em suma, diz claramente: “O ser humano é paradoxalmente um ser de fé e de desconfiança. Só que muito mais de fé que de desconfiança. Uma constante falta de fé humana naqueles que nos cercam nos levaria à loucura. Por isso, preferimos nem pensar que estamos crendo. Crer é estruturalmente humano” (p. 20).

O segundo tipo de fé é a religiosa que, tendo como base a fé humana, é entendida como um salto para além das relações humanas, apontando para a realidade do mistério, expressão de limite e sedução. Libânio (2004) entende que a fé religiosa se explica a partir da etimologia da palavra “religioso”, que provém da palavra “religião”, derivada de re + ligare = religar, relacionar. Ela supõe meios, ritos, culto, lugares e pessoas que permitem, facilitam e medeiam nossa relação com o mundo do sagrado. Este é o sentido subjetivo. O sentido objetivo da religião vem de re + legere = reler, considerar. Ser religioso significa cuidar das coisas que pertencem ao culto dos deuses. Daí, portanto, a fé religiosa implica conectar-se com o mundo divino e cuidar das coisas do culto que possibilitam fazer tal ligação. Para o mesmo autor, a fé religiosa, embora tenha se desenvolvido mais intensamente no mundo pagão, no mundo secular de hoje ela cresce igualmente, ainda que por outras razões. Segundo ele, se por um lado a secularização, ao reduzir o papel e o poder das religiões sobre a sociedade e cultura, impediu o exercício da fé religiosa, por outro lado acabou por incentivá-la, fazendo surgir, no âmbito privado, um surto religioso na sociedade, saciando assim a dimensão religiosa existente em cada pessoa. Afirma o autor:

A realidade social e cultural tem gerado tal nível de angústia, depressão, fadiga psíquica, tédio, que se busca sofregamente onde e como responder a tal situação anímica. Nesse momento, a fé religiosa apresenta-se como resposta – gerando alívio, consolo, porque se confia numa realidade maior envolvente, mesmo sem se precisar demais (Libânio, 2004, p. 26).

Libânio ainda contesta o paradigma da incompatibilidade entre ciência e fé, fruto do cientificismo, da tecnocracia fria e do modelo ocidental de dominação do mundo, algo para ele fora de moda, pois acredita que a tendência está na construção de um novo paradigma que aponte para a comunhão profunda entre os princípios científicos e religiosos, que permita a valorização das dimensões afetivas e religiosas, priorizando assim o simbólico sobre o puramente conceitual. No nível estritamente psicológico, Libânio (2004) acredita haver uma estreita relação entre crescimento pessoal e crescimento espiritual, na medida em que a fé religiosa auxilia no aprimoramento interior, com técnicas ou não, ajudando no processo de ampliação da consciência. Em poucas palavras: “a fé religiosa identifica-se antes com um sentimento religioso, vago, sem contornos, que responde à necessidade afetiva pessoal de ligar-se a um mistério” (p.30).

O terceiro tipo de fé é a teologal, palavra que tem sua origem etimológica no grego *théos*, que significa Deus. Ainda de acordo com Libânio (2004), esta fé está contida nas três grandes religiões monoteístas – judaísmo, cristianismo e islamismo –, que se sustentam a partir da compreensão de que existe um Deus que se autocomunica pessoalmente à humanidade, através da palavra escrita, convidando-a a acolher sua revelação. O Deus que propõe pede uma resposta. A fé se concretiza como uma resposta do homem a uma proposta

de Deus. Neste sentido a fé teologal é, portanto, um diálogo entre Deus e a criatura. A religião judaica, amparada sobretudo pelo livro sagrado da Torá, é histórica, vivida mais comunitária do que individualmente, de cunho radicalmente ético, pois atinge o cotidiano das pessoas e da sociedade. A religião islâmica, por sua vez, está fundada em cinco pilares simples e de fácil assimilação do povo: o credo, a oração, a caridade, o jejum e a peregrinação. Ancorado no livro sagrado do Alcorão, escrito por Maomé, o grande profeta de Alá (Deus), o islamismo não pode ser confundido com os grupos terroristas, formados por pessoas extremistas e fundamentalistas, alimentados e animados por motivos políticos. Libânio (2004) assegura: “Fanatismo e fundamentalismo existem em todas as religiões, ideologias e grupos fechados doutrinários” (p.38).

O quarto tipo é a fé cristã. Esta, embora teologal, difere das religiões judaica e islâmica, especialmente no seu credo, pois ela tem como verdade revelada a Trindade, isto é, Deus como Pai, Filho e Espírito Santo. Através da Bíblia, sobretudo dos Evangelhos, Jesus Cristo, figura central, é colocado como uma das pessoas da Trindade (Filho), que, ao fazer-se homem, ensinou, por palavras e ações, não a si mesmo, mas o Reino de Deus-Pai, reino da paz, da verdade, da justiça, do amor etc. Sua vida se desfez na cruz e sua ressurreição trouxe uma mensagem de vida e esperança para o mundo, dando um sentido último para o sofrimento humano, simbolizado no mal, na dor e na morte. Diz Libânio (2004): “... o cristianismo reconhece e restitui dignidade aos pobres, aos aleijados, aos desprovidos de beleza e até mesmo de bondade. É uma revolução na própria concepção de ser humano” (p.46).

O quinto tipo de fé que Libânio (2004) identifica é a eclesial. Na compreensão do autor, a comunidade é um espaço necessário para a vivência da

fé cristã, ou seja, a dimensão comunitária é constitutiva da fé cristã. Esta comunidade se caracteriza por três elementos fundamentais: a palavra, os ritos e a organização. A força do batismo, sem ignorar os vários níveis de organização e responsabilidades, faz todos os membros iguais e corresponsáveis pela vida interna e pela expansão da fé da comunidade no mundo. Pensando assim, o autor não nega a possibilidade de nos ligar diretamente a Deus simplesmente pela fé, mas explicita que a fé eclesial, sociologicamente, pede uma mediação humana entre Deus e nós, criaturas, através dos ritos, pessoas, templos, espaços, prescrições e organizações. Tais mediações não estão isentas de fracassos, principalmente quando elas não se deixam orientar pelos motivos pelos quais foram construídas. Denuncia:

Os sacramentos e ritos caem facilmente na rotina e no formalismo, perdendo sua referência à experiência humana. As prescrições tornam-se imposições heterônomas, pesadas e insuportáveis; a organização enrijece-se; os tempos e espaços secularizam-se; os templos perdem a sacralidade. Mas a maior tentação e dificuldade para a fé eclesial é o poder eclesiástico, o autoritarismo, a imposição. E liga-se ao poder toda sorte de convivências (p. 53).

É dentro deste horizonte mais amplo de fé, descrito pelo mencionado autor, que se torna mais claro o problema de pesquisa investigado. O GP revelou que a vivência comunitária católica está relacionada, em maior ou menor grau, a cada um dos cinco tipos desenvolvidos por Libânio (2004). É o que se pretende verificar.

Em relação à fé humana, na medida em que ela é possibilitadora do ato de crer em Deus. Neste sentido, provavelmente, aqueles que participam de uma comunidade católica fizeram, de maneira geral, na infância, uma experiência suficiente de confiança no outro, que lhes permite abrirem-se ao Outro presente na comunidade que crê. Uma pergunta: seria possível a algum participante de uma comunidade de fé não ter feito, por circunstâncias da vida, a mencionada experiência? Em caso positivo, a própria vivência da fé na comunidade não ajudaria a pessoa a entrar em um processo de superação desta carência na infância?

Em relação à fé religiosa, na medida em que ela aponta para o desejo genérico do ser humano, diante da consciência de seu limite, de vivenciar algo que vai além de si e do mundo, deixando-o fascinado pelo mistério, que ao mesmo tempo inquieta e consola. Não seria este aspecto que leva as pessoas a buscar, ainda que inconsciente, uma comunidade católica a fim de sistematizar um conhecimento religioso que faça sentido para sua vida? Ilustra uma participante:

*“... A partir do momento que você encontra Deus, a vida da gente muda muito, né? A minha mudou bastante desde que eu comecei a caminhar na igreja, a caminhar dentro da comunidade, porque até então eu não era uma pessoa de caminhar...”* (Narrativa 4, participante 6).

Em relação à fé teologal citada por Libânio (2004), esta se faz perceber na comunidade na medida em que é vivida como uma resposta livre do ser humano a Deus, que se comunica pessoalmente com todos. Os membros de

uma comunidade católica demonstram ser pessoas que se deixam mover pela fé em um Deus criador, a quem confiam seus problemas por compreender que Ele é quem sustenta suas vidas, amando-O na liberdade, na consciência de que foram amadas por Ele primeiro. Diz um dos participantes:

*“... não diga a Deus que você tem um grande problema, mas diga ao problema que você tem um grande Deus”* (Narrativa 1, reação à fala do participante 2).

Em relação à fé cristã comentada pelo autor, esta se torna explicitamente a mais característica de uma comunidade católica, pois, se na fé teológica Deus é genérico, na fé cristã Deus tem um rosto e nome mais precisos. Não é suficiente crer em Deus, mas em Jesus Cristo (Filho), que mostra quem é Deus (Pai) através de palavras e exemplos, contidos nos livros sagrados (Novo Testamento). Uma das participantes fala sobre isso:

*“... Quando você está em comunidade, tem fé, acredita num Deus, né, acredita num Jesus que advoga por nós, que tá vendo a gente dia e noite, e que você acredita que realmente ele está..., então faz uma diferença muito grande na vida da gente...”* (Narrativa 1, participante 2).

Em relação à fé eclesial explicitada pelo teólogo, pelo seu caráter essencialmente comunitário, esta se torna ainda mais evidente dentro de uma comunidade católica, na medida em que ela necessita de mediações para expressar suas vivências, tanto no que diz respeito aos ritos, pessoas e lugares



quanto no que se refere às leis e forma de organização. As mediações na comunidade católica não são vistas pelos participantes do GP como um obstáculo em si para o crescimento pessoal de seus membros, embora expressem preocupações com algumas atitudes de pessoas que dificultam o desenvolvimento da própria comunidade, sobretudo quando abusam do poder que a instituição lhes confere ou não cumprem adequadamente com as suas funções. Como exemplo desta perspectiva comunitária da fé, diz uma participante:

*“... A gente sente falta da comunidade, mesmo sabendo que ela é difícil, pois tem atrito com um, com outro, mas quando você não vai, você sente falta, falta alguma coisa dentro de você...”* (Narrativa 1, participante 1).

Uma segunda perspectiva que se destaca dentro da comunidade católica é a força das lideranças presentes nela, sejam elas leigas ou padres. Tanto os líderes leigos quanto os padres possuem um papel fundamental no desenvolvimento de uma comunidade católica, podendo ajudá-la ou prejudicá-la em seu desenvolvimento humano e/ou religioso/espiritual. Neste caso, faz-se importante clarear a discussão, refletindo, a partir de um contexto comunitário impregnado de relacionamentos interpessoais, sobre o papel das lideranças dentro de uma comunidade, enquanto facilitadoras ou não do crescimento das pessoas.

Rogers (2001), em seu esforço de formular uma lei geral das relações interpessoais a partir de um contexto clínico, entende a congruência como algo fundamental – embora complexa na prática – para a compreensão de fenômenos

ligados às interações subjetivas. Por congruência, entende-se uma adequação (integração) entre a experiência, a consciência e a comunicação, tão necessária para o pleno funcionamento e bem-estar pessoal. Por outro lado, a incongruência é vista como uma discrepância ou falta de coerência entre estas três instâncias do ser, tão prejudicial ao desenvolvimento pessoal. Para o autor, concretamente, a incongruência entre a experiência e a consciência produz uma atitude de defesa ou de recusa da tomada de uma consciência; a incongruência entre a consciência e a comunicação produz uma atitude de falsidade ou duplicidade. Quanto à congruência entre a consciência e a experiência, esta se revela como expressão de sentimentos, percepções e significações, a partir de um referencial interno, produzindo uma percepção pessoal, condição necessária para o seu próprio crescimento. Mas o autor adverte: "... o fato de uma pessoa falar sempre no contexto da percepção pessoal não implica necessariamente congruência, pois qualquer modo de expressão pode ser utilizado como uma atitude típica de defesa" (p. 395). E ainda: o grau de congruência varia não só de indivíduo para indivíduo, mas também no mesmo indivíduo, pois depende do contexto em que está vivendo, do momento e da sua atitude consciente de aceitar a própria experiência ou não.

A partir disso, Rogers (2001) elabora alguns princípios gerais que possibilitam nortear, de forma saudável, as relações interpessoais. Considerando que haja um mínimo de boa vontade entre as partes para estabelecer contato, que exista uma abertura de ambas as partes para falar e ouvir e que o contato dure algum tempo, o autor resume os princípios mencionados:

Quanto maior for a congruência da experiência, da consciência e da comunicação por parte de um indivíduo, mais a relação originária implicará: uma tendência para uma comunicação recíproca caracterizada por uma crescente congruência; uma tendência para uma compreensão mútua mais adequada da comunicação; uma melhoria da adaptação psicológica e do funcionamento de ambas as partes; satisfação recíproca na relação (p. 399).

Sob este horizonte rogeriano de compreensão, diante dos dados analisados, sobretudo no que se refere às tensões e conflitos internos da comunidade, produzidos geralmente pelas lideranças e entre elas, seria primordial capacitar as próprias lideranças, a fim de ajudá-las a ajudar os demais membros da própria comunidade. Ilustra um dos participantes do GP:

*“... Tem pessoas que às vezes estão à frente das festas ou da comunidade, e não sabem se portar perante ao próximo, e não é isso, igreja não é isso na minha concepção, não é?...”* (Narrativa 5, participante 2).

Mas como enfrentar este desafio? Certamente uma formação se faz necessária. Que tipo de formação seria? Talvez aquela que proporcione às lideranças uma atitude de constante e verdadeira escuta, pois isso as faz entrar na perspectiva do outro, criando um clima de confiança, respeito e diálogo permanente, condição essencial para o desenvolvimento da própria comunidade e de seus membros. Acredito que tal formação, motivada pela fé, de cunho mais

psicológico, muito tem a contribuir com as lideranças, qualificando-as para um desempenho mais consciente e eficaz da sua importante função na comunidade de coordenar e animar a todos. A partir disso, o desafio permanente que se impõe é a construção, pela própria comunidade, de um projeto de formação que priorize este aspecto sobre os demais, garantindo assim as condições para o crescimento pessoal das lideranças e dos demais membros.

Dentre as lideranças, merece destaque a pessoa do padre, visto pelas demais lideranças e pela comunidade em geral como alguém especial, na medida em que representa para a grande maioria uma pessoa diferente pela vocação que tem:

*“... Eu me senti acolhida pelo padre... você se sente importante... você se sente querida...”* (Narrativa 2, participante 7).

Entretanto, nem por isso está livre de críticas, sobretudo quando não compreende ou satisfaz as necessidades da comunidade e/ou das pessoas em particular:

*“... Vou ter que confessar, porque o padre me tirou do sério, fiquei muito, muito enraivada com isso, eu nunca passei por isso, né, nunca senti isso, principalmente por um sacerdote, né?...”* (Narrativa 1, participante 5).

Considerando isso, faz-se igualmente importante uma formação permanente para o padre, mais exigente ainda, pois a ele cabe a responsabilidade maior de acompanhar a comunidade, orientando, inclusive, outras lideranças. Seria uma formação não apenas de cunho cognitivo racional,

menos ainda em função do seu papel ou das necessidades da instituição, mas de cunho mais afetivo, a fim de que possa se conhecer melhor na relação com o outro, na qual o ouvir atentamente deve ser uma constante para melhor orientar e animar a sua comunidade de fé e nela se reconhecer mais pelo que é do que pelo que faz ou deixa de fazer por ela. Esta possibilidade diminuiria, de forma considerável, as tensões internas dentro da comunidade, principalmente quando provocadas por suas posturas e decisões nem sempre sintonizadas com o bem e os anseios da comunidade. Uma experiência como essa abriria uma porta nova na vida do sacerdote, tornando-o mais empático, gerando assim, inclusive, maior satisfação pessoal no exercício de sua missão. Construir este caminho é tarefa primeira da sua pessoa, que deve estar motivada para tal, mas que deve contar com a compreensão e apoio da própria comunidade em que atua bem como da instituição em que está inserido.

Uma terceira perspectiva que se revela possível são os vários âmbitos da vida pessoal que podem ser atingidos a partir da vivência da fé dentro de uma comunidade. Em outras palavras, ainda que a comunidade de fé seja vista como um lugar que possibilita o crescimento pessoal, este crescimento não ocorre apenas no aspecto interno e, menos ainda, no aspecto estritamente religioso/espiritual, mas tem um alcance mais amplo, influenciando a vida dos indivíduos como um todo, dando suporte para relacionamentos interpessoais, seja no contexto familiar, social ou profissional. Viver comunitariamente é abrir-se para além da realidade da própria comunidade. A vivência comunitária da fé se torna, portanto, um polo dinamizador de toda a dinâmica vivencial do sujeito, ajudando-o a integrar assim fé e vida. A partir disto, considera-se importante uma reflexão sobre a qualidade da espiritualidade que a comunidade de fé proporciona àqueles

que a procuram sinceramente para nela fazer o seu processo de integração consigo mesmo, com o mundo e com as pessoas que o rodeiam.

Para Boff (2002), teólogo da libertação, a espiritualidade pode ser entendida em três sentidos. O primeiro, como visão tradicional que significa cultivar uma parte do ser humano, o espírito, através da meditação, oração, interiorização e outras práticas correlatas, sobretudo em lugares que reúnem as condições para isso, como igrejas, mosteiros, *spas* ecologicamente corretos, centros esotéricos etc. Neste caso a espiritualidade não é falsa, mas reducionista, pois se dá em momentos estanques da vida da pessoa, sem configurar um modo de ser.

O segundo sentido de espiritualidade é como visão holística, entendendo o homem como um ser complexo, que deve ser visto nas suas três dimensões fundamentais: exterioridade, interioridade e profundidade. Pela primeira, relacionada com o corpo, ele é considerado um ser físico e psíquico: é apenas um modo de ser e existir no universo cósmico e que se relaciona para fora e além de si próprio, com a totalidade do mundo exterior; a dimensão de interioridade está relacionada com a mente, tão complexa quanto o universo exterior, de natureza cósmica e pessoal, dotada de desejo, caracterizado, sobretudo, pela busca incessante daquilo que realmente faz descansar, ou seja, a busca da Totalidade, enquanto algo fundante da vida; a última dimensão, profundidade, significa ir além das aparências e evidências dadas pelo mundo exterior ou interior, consiste em encontrar valores e significados e não simplesmente enumerar fatos e acontecimentos, possibilitando novas experiências e abrindo novas perspectivas de vida, ampliando nossa consciência acerca das questões mais globais e fundamentais da nossa existência.

O terceiro sentido de espiritualidade trabalhado por Boff (2002) é a visão antropológica, que se apresenta como complementar do sentido anterior (visão holística). Na dimensão antropológica, partindo do princípio de que é próprio de todo ser humano pensar sobre questões essenciais e refletir sobre a profundidade da própria vida e do mundo e tudo o que nele existe e acontece, a espiritualidade é compreendida como um dar-se

(...) conta de uma Presença que sempre o acompanha, de um Centro ao redor do qual se organiza a vida interior e a partir do qual se elaboram os grandes sonhos e as significações últimas da vida. Trata-se de uma energia originária, com o mesmo direito de cidadania que outras energias como a sexual, a emocional e a intelectual... Obviamente para as pessoas religiosas, esse Centro tem um nome certo. É Deus... As religiões vivem dessa experiência antropológica fontal (p.57-58).

Neste caso a espiritualidade é vista como um modo de ser, existir e viver, em qualquer lugar ou situação cotidiana, nos pequenos ou grandes acontecimentos pessoais ou sociais. Como consequência disso, a pessoa se mostra centrada, serena e repleta de paz, pois sabe que é amada e que pode amar; no amor irradia vitalidade e entusiasmo, pois percebe com todo o seu ser o sentido profundo da sua vida e da vida do universo, de cada coisa e de cada ser que nele habita. Para o autor citado, esta é a verdadeira espiritualidade, esquecida e necessária, capaz de gerar uma vida integrada e de fato feliz, mesmo em meio às aparentes adversidades.

Esta compreensão de Boff (2002) faz refletir sobre relação existente entre a vivência de fé na comunidade e a vida diária das pessoas que a

frequenciam assiduamente. Sem negar as limitações existentes dentro de uma comunidade de fé, presentes em todos os grupos humanos, como será abordado mais adiante, a vivência do GP sugere que a comunidade católica está proporcionando aos seus membros, na medida do possível, uma vivência espiritual tanto holística quanto antropológica, segundo a linguagem do mencionado autor. Holística (segundo sentido) na medida em que os membros relatam que conseguem construir, a partir da fé vivida em comunidade, uma compreensão e atitude positivas acerca da vida, concretizadas em valores e significados que os orientam nos mais diversos contextos, abrindo-os inclusive para a possibilidade de novas experiências. Como exemplo, uma das participantes, ao falar do seu trabalho de voluntária na comunidade, diz:

*“... Às vezes eu perdi, assim, momentos de ficar com o meu marido, com a minha família, né, com os filhos, mas isso amadureceu muito pra mim, pra minha vivência na minha família... Isso que me ajuda a viver o dia a dia mesmo. Você tem que alimentar a sua espiritualidade sempre...”* (Narrativa 2, participante 4).

Assim diz outro participante:

*“O encontro de hoje mostrou... como Deus nos capacita para os trabalhos na igreja e, conseqüentemente, nos mostra a influência deste trabalho na nossa vida no dia a dia”* (VS de Hélio, Narrativa 2).



No entanto é também antropológica (terceiro sentido) na medida em que os participantes do GP narram que, mesmo em meio às dificuldades, se deixam orientar pela vivência da fé cristã, desde as situações mais simples até as mais complexas, comprometendo-se com tudo que faz parte de suas vidas, numa consciência de que existe um Ser maior no universo que cuida de tudo e de todos e que os inspira a enfrentar a vida responsabilmente em qualquer situação. Este sentimento profundo lhes proporciona mais esperança e alegria, dando-lhes assim força e coragem para viver. Como exemplo disso, afirma uma das participantes:

*“... viver é difícil, é um desafio, é matar um leão todos os dias, mas a gente nem vê que matou um leão, porque você tem esse discernimento, essa fé, essa vivência, né?...”* (Narrativa 1, participante 2).

Se na espiritualidade holística (segundo sentido), para os participantes do GP, o acento incide sobre a fé, vista como experiência que permite conectar-se com a totalidade, possibilitando não apenas explicações da realidade, mas a construção de valores e significados que ajudam a se relacionar, física e psiquicamente, com o mundo interior e exterior, na espiritualidade antropológica (terceiro sentido) o acento recai sobre a integração e dinamização desses valores e significados, possibilitados por uma consciência de um valor supremo (Deus-cristão), energia vital e estruturante, que favorece e exige a construção de um eixo integrador pessoal capaz de dar à pessoa uma utopia e um sentido último de vida, fazendo-a mover-se com segurança, entusiasmo, esperança e serenidade

em qualquer lugar ou situação, envolvendo-se livre e responsavelmente com o outro ou até mesmo com cada ser do universo. Ambos os sentidos se completam.

Em relação ao primeiro sentido de espiritualidade (visão tradicional) mencionado por Boff (2002), este não se faz perceber nas falas dos membros do GP, pois não dão a entender que a vida espiritual deva estar limitada ao templo religioso, sobretudo aos momentos estanques da vida da comunidade, como, por exemplo, o momento do culto. Pelo contrário, as falas sugerem que a vivência comunitária católica quer ser uma motivação para viver melhor a vida fora dela, como já visto anteriormente. Com isso não se nega a possibilidade de existirem pessoas que frequentam a comunidade católica visando apenas ao cultivo de uma espiritualidade no sentido tradicional explicitado pelo autor. Esta questão permite colocar uma outra: seria o olhar das lideranças de uma comunidade, expresso no GP, diferente do olhar das demais pessoas (não lideranças) no que concerne à vivência comunitária católica?

Uma quarta perspectiva, de certa forma sintetizadora e esclarecedora das demais perspectivas já comentadas, é a comunidade entendida como vivência que dá sentido à vida. A comunidade católica parece proporcionar uma experiência capaz de produzir nas pessoas uma percepção e sentimento de completude, satisfazendo assim seus desejos mais profundos de viver e conviver com o outro e, por esta via, com o Outro (Deus). Para aprofundar esta intuição, torna-se importante dialogar com Victor Frankl, fundador da Logoterapia, que trabalhou para demonstrar que o homem é essencialmente um ser que tem fome e sede de sentido.

Com base no pensamento de Victor Frankl (2003; 2007; 2008), explicitado na fundamentação teórica deste estudo (cf. pp. 13-16.), que discorre

sobre a dimensão noética (ou espiritual) e religiosa do ser humano, diferenciando uma da outra, o GP demonstrou que a vivência da fé é uma forma concreta, dentre outras sugeridas pelo autor, de ajudar as pessoas a concretizar um desejo profundo contido em qualquer ser humano: o desejo de encontrar o sentido da vida. Desta forma, a dimensão religiosa encontra sua razão de ser dentro deste movimento interior maior do ser humano (dimensão noética/espiritual) de encontrar um sentido pessoal em tudo que envolve a realidade na qual está imerso. Especificamente, a fé cristã, expressada comunitariamente, revela-se, em sua forma e conteúdo, como uma ponte necessária entre a construção de sentido e a realização pessoal dos membros de uma comunidade, porque possibilita ao ser humano, pela sua condição de autotranscendência, abrir-se para além de si mesmo, seja participando de uma comunidade, respeitando assim a dimensão comunitária/social constitutiva da realidade humana, seja ligando-se a um ser que lhe transcende, denominado por todos, na própria comunidade, de Deus. E mais: considerando que para Frankl as fontes de sentido são a criação, o amor e a aceitação, a vivência comunitária católica pode favorecer o florescimento destes pontos fundamentais na construção do sentido, na medida em que ela incentiva, de várias formas, o trabalho voluntário (criação), a prática altruísta (amor) e uma leitura/ interpretação de fé dos acontecimentos trágicos inevitáveis (aceitação).

Considerando também que para o autor em questão o sentido é resultado da tensão positiva entre o ideal e a realidade, a comunidade católica pode favorecer ainda a descoberta do sentido da vida na medida em que questiona, através de suas práticas diversas, as atitudes e o comportamento que se levam e as atitudes e comportamentos que se esperam de alguém que deseja

aprimorar-se como pessoa e como cristão. Como exemplo disso, o GP expressa o quanto a reflexão do padre é importante no momento da homilia da missa, questionando, orientando e iluminando, conduzindo a assembleia a refletir sobre a sua vida dentro e fora da comunidade (Narrativa 1, segundo momento).

Para Frankl ainda, a relação tanto com o outro quanto com o que ele chama de Ser último (Deus) ou suprassentido só é possível dentro de um horizonte fenomenológico, isto é, no nível da experiência consciente. Nesta perspectiva, a comunidade se torna um lugar legítimo de uma experiência religiosa mediada pelos outros membros, fazendo brotar sentidos na relação estabelecida de forma livre e consciente.

Por fim, se para Frankl a fé (cristã) consiste em assumir uma das possibilidades de pensamento, participar de uma comunidade católica é assumir concretamente tal possibilidade, por se tratar de algo que preenche profundamente uma lacuna, construindo, assim, um sentido existencial para a vida. Ilustrando isso, uma participante expõe o quanto a comunidade traz sentido à sua vida pela sua participação nela:

*“... A minha vida em comunidade hoje, eu digo, que eu vivo dois momentos: a minha família... e a vida na comunidade. Eu não consigo ficar um domingo sem participar de uma celebração... eu acho se um dia falarem pra mim: ‘olha, você não pode mais ser católica, você não pode mais participar da comunidade’, é melhor me matar, porque eu não sei o que eu vou fazer...”* (Narrativa 1, participante 5).

Ávila (2007), numa tentativa de síntese de estudos de vários autores sobre religiosidade, fala e descreve duas formas possíveis de religião: a religião funcional e a religião como experiência de encontro. A primeira, vista como vivência infantil e imatura, é motivada por satisfação das necessidades básicas do ser humano, inclusive a de pertença a grupos que, institucionalizados, garantem segurança psicológica, defesa diante das instabilidades sociais e paz na consciência quando atacada pela culpa. Tal tipo de religiosidade é caracterizado por uma visão negativa da realidade, pela qual a divindade é invocada, dentro de uma mentalidade mágica, para proteger contra os males, a doença e a morte; caracteriza-se também por uma atitude pragmática pela qual a religião ou instituição eclesiástica é considerada um meio para atingir os fins imediatistas que se pretende. O âmbito comunitário se reduz ao espaço privado, mesmo em celebrações coletivas. No plano psicológico, tais comportamentos “podem não só responder a situações infantis, mas a verdadeiros conflitos profundos da personalidade, que fazem aparecer vivências patológicas da realidade” (p.93).

Quanto à segunda forma de religião (como experiência de encontro) citada por Ávila (2007), a experiência religiosa é motivada a partir da interioridade da pessoa e não das necessidades básicas do ser humano, afastando assim dos instintos de sobrevivência e aproximando-se da busca do sentido. A vivência do sagrado é sentida e percebida como resposta à busca de significação. A atitude fundamental é a postura de permanente busca e de acatamento da verdade quando a encontra, partilhando-a com simplicidade com os outros e o mundo. A compreensão da realidade é harmônica e articulada, pela qual a natureza, a história, a sociedade e o ser humano são expressões de um só todo no universo. A relação com a divindade se dá no plano da experiência, na qual a pessoa

percebe o Transcendente como centro da vida, como fonte do amor que o impulsiona a amar e como algo que não pode ser apreendido totalmente, fazendo-se assim humilde diante do mistério que o abrange. Desta forma, os motivos inferiores são superados por um motivo superior, dando à existência humana, através de um sentimento de plenitude, uma unidade, um significado, integração, apaziguamento e comportamentos coerentes com os valores em que se crê. Credo, ritos, dogmas e comportamentos são expressão do vivido e não simples busca de satisfação de desejos egocêntricos.

Esta compreensão de Ávila (2007) faz refletir sobre a vivência comunitária católica e sua contribuição para o crescimento pessoal de seus membros. Levando em conta a análise feita, é possível afirmar que o GP acena para uma comunidade que possibilita mais a religião como experiência de encontro do que a religião funcional. Concretamente, não foi possível detectar no grupo narrativas que apontassem para uma vivência comunitária motivada exclusivamente por satisfação das necessidades básicas, embora algumas necessidades inerentes ao ser humano sejam satisfeitas na comunidade, quando, por exemplo, os participantes afirmam que a comunidade é um espaço de convivência social, apoio, ajuda, acolhida, expressão de sentimentos etc.

Concretamente, foi possível detectar narrativas que apontam para a existência de uma religião como experiência de encontro, sobretudo quando os participantes referem-se aos aspectos positivos da comunidade, revelando ser ela um espaço fundamental que atribui sentido às suas vidas, no qual encontram suporte para dinamizar, na relação com o outro, sua vida pessoal inserida nos vários contextos. Como exemplo deste segundo tipo de religião mencionado pelo autor, uma participante dá o significado da comunidade em sua vida:

*“... Eu sempre tive um sonho de fazer faculdade... Só que não parti pra fazer a faculdade, mas também não deixei de fazer as coisas que eu gostaria de fazer no meu trabalho, na minha família e na igreja... Eu fiz tudo na minha vida, tudo que eu gostaria de ter feito, eu fiz e estou fazendo... Eu sou de estar no trabalho com pontualidade, na família também e na igreja, na comunidade, que são as coisas que me fazem muito, muito bem, me preenche perfeitamente... por tudo isso que eu vivi e que eu vivo dentro do meu trabalho, com a minha família e dentro da comunidade... Então eu vejo que a vida foi uma grande escola pra mim, né? Eu não tenho diploma, mas eu tenho a vivência e isso me bastou pra conseguir viver, ser mãe, ser pessoa, ser vó... Então eu queria falar isso... a vontade de fazer uma faculdade... eu não fiz, mas hoje não me arrependo, não faz falta, estou preenchida com tudo o que eu vivi... ” (Narrativa 5, participante 6).*

Uma quinta perspectiva que se desdobra são as limitações pessoais presentes em uma comunidade católica, ou seja, quem busca a comunidade para vivenciar sua fé cristã não está livre de ideias, atitudes e práticas contrárias aos valores religiosos, tais como o individualismo, o preconceito, a incompreensão e o autoritarismo. Neste sentido, a comunidade se revela não só como o tão comentado lugar do encontro mas também como do desencontro, que fala forte ao coração e machuca demais os participantes. À primeira vista, isto pode sugerir que a comunidade dificulta o crescimento das pessoas, impedindo-o, inclusive. Por outro lado, num olhar mais calmo e aprofundado, vê-se que não é bem assim.

Mesmo em meio às contradições dentro das comunidades, embora alguns cogitem seriamente sair delas por julgá-las insuportáveis, muitos acabam por encontrar nas próprias contradições uma oportunidade para o seu crescimento e superação dos obstáculos, na medida em que o confronto com o outro os faz refletir, tomar consciência e ter atitudes mais construtivas, ainda que às custas de dor e sofrimento. Esclarece uma participante:

*“... Ali [na comunidade] você recebe elogios, você recebe críticas, que isso tudo ajuda a gente a crescer, a melhorar, a refletir...”* (Narrativa 4, participante 6)

Se as contradições mencionadas são um fato dentro da comunidade de fé (cristã), por outro lado, não são exclusivas dela, mas próprias dos grupos humanos em geral, que apresentam, em menor ou maior grau, valores e contravalores. Neste contexto mais amplo, duas questões se impõem: uma relacionada à compreensão de tal fenômeno (contradição), outra relacionada à prática possível de superação do problema. A primeira pode ser formulada assim: como entender o que está por trás das limitações dos grupos humanos e, dentre eles, da comunidade de fé (cristã)? A segunda questão pode ser elaborada da seguinte forma: como a dinâmica de uma comunidade de fé cristã, através de seus valores e práticas, pode ajudar ou não na superação de entraves no relacionamento interpessoal e até mesmo na superação das limitações individuais resultantes de um processo complexo, impossível, na maioria das vezes, de ser captado dentro da comunidade de fé?



Numa tentativa de responder a estas perguntas, talvez seja pertinente recorrer a uma contribuição da psicologia social, que aponta para um processo de subjetivação e objetivação como formas de se captar e se mover na realidade em que se está. De acordo com Duarte (1994), existem dois tipos de realidade: a objetiva e a subjetiva. A realidade objetiva é aquela que é institucionalmente definida, enquanto que a subjetiva é a realidade tal como é apreendida na consciência individual. Baseado nisso, pode-se falar em processo de objetivação e processo de subjetivação. O primeiro refere-se à concretização das necessidades que o indivíduo busca. O segundo refere-se à construção cotidiana de significados e sentidos para o indivíduo, fundamentais na sua constituição. O modo pelo qual é realizada a apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objetivo como dotado de sentido, tornando-se assim subjetivamente significativo para o indivíduo, é chamado de interiorização, através da qual o indivíduo “assume” o mundo que os outros já vivem e torna-se membro da sociedade/comunidade. Para Berger e Luckmann (2002), a interiorização somente ocorre quando estão envolvidos não apenas o fator emocional mas também a identificação, que se dá através de uma interação dialética entre a identificação pelos outros e a autoidentificação, entre a identidade objetivamente atribuída e a identidade subjetivamente apropriada.

Esta visão acerca da realidade social, na qual estamos imersos, permite que se situem as limitações pessoais num contexto maior, relativizando assim o comportamento contraditório que os indivíduos apresentam em seus esforços de vivenciar a fé cristã em comunidade. Considerando o exposto pelo autor, as contradições inerentes aos grupos humanos, dentre eles o grupo de natureza religiosa em questão, explicam-se por falhas no processo de

subjetivação, uma vez que não houve a interiorização necessária dos valores (provenientes das crenças religiosas) que a comunidade de fé (cristã) se propõe a viver e que permitem o amadurecimento das potencialidades humanas na rotina do dia a dia, deixando assim o indivíduo sem um referencial claro de significados capazes de orientar sua interpretação da realidade (objetiva) bem como sua ação no mundo. Nesta linha, é compreensível o sábio ditado popular: “Ninguém dá aquilo que não tem”. Como exigir dos indivíduos comportamentos e atitudes coerentes com os valores comunitários, se não lhes foram criadas condições internas e externas para tal? A responsabilidade no enfrentamento da questão é individual e coletiva. Do indivíduo na medida em que, talvez, lhe tenha faltado ou ainda falta motivação pessoal para buscar por si, de forma autônoma e criativa, a partir dos recursos internos existentes, caminhos que facilitam a interiorização dos valores, que são conhecidos racionalmente pela comunidade, mas não apreendidos na experiência cotidiana. A responsabilidade é também da comunidade na medida em que, em sua estrutura e dinâmica organizacional, ela não criou ou não cria, através das lideranças, as condições para que o processo de internalização dos valores comunitários aconteça a fim de transformá-los em ação por meio de um projeto individual, sentido e pensado como necessidade. E ainda: a comunidade torna-se duplamente responsável quando as contradições são alimentadas e sustentadas dentro dela, exigindo de si mesma uma revisão crítica de suas convicções religiosas, estruturas e metodologia de trabalho. Ilustrando este fato, aqui vai transcrita a narração e denúncia de uma participante de como uma importante instância de sua comunidade (Conselho) é usada para abafar sua voz de liderança:

*“... Talvez, como eu disse, estou vacilando um pouquinho, né, não querendo coordenar, não querendo estar mais à frente, por causa de coisas que acontecem que eu discordo, que muitas vezes não posso falar e que quando falo [no conselho] eu sou vista como a polêmica, quando eu abro a boca só falto apanhar... Às vezes você vai contra o pensamento que é do grupo e que você acha que não é certo, né, talvez pode até ser, mas se você vai colocar, nossa... você é vista como realmente a pessoa que chega pra falar e que não precisava ter falado... E eu acho que, pra mim, o sentido de comunidade não é esse... Eu tô sentindo muita dor...”* (Narrativa 1, participante 5).

Talvez, a partir da análise feita neste trabalho, respondendo à segunda pergunta (como a comunidade pode ajudar na superação das contradições), incentivar a formação de pequenos grupos seja uma maneira eficaz de propiciar aos membros da comunidade, motivados por suas crenças religiosas, interiorizar valores que produzam sentidos. Desta forma, poderiam aprimorar-se como pessoas, diminuindo a tensão interna dentro da comunidade, provocada pela incoerência entre o comportamento ideal e o real. Os pequenos grupos, bem orientados, possibilitam livrar a comunidade do mal da massificação que, em última análise, é um fator poderoso e determinante das contradições internas, pois dificultam uma apropriação pessoal e significativa dos valores que norteiam a vivência comunitária da fé cristã. Caberia ao grupo, garantindo as condições psicológicas mínimas para o seu bom funcionamento, privilegiar mais a partilha de experiências do que o discurso sobre a vida, mais a formação humana do que à doutrinal, num clima mais afetivo do que racional. Tal conduta permitiria, inclusive,

alcançar uma abordagem direta e pontual das limitações pessoais presentes na vivência da comunidade – individualismo, preconceito, incompreensão e autoritarismo. Neste sentido, vale a pena recuperar a fala de uma participante que narra sua experiência em um pequeno grupo de vivência promovido pela grande comunidade, denominado círculo bíblico e considerado importantíssimo para o seu crescimento pessoal, familiar, social, afetivo e espiritual/religioso (cristão), apontando, desta maneira, uma solução interessante para o problema:

*“... Então, todas as alegrias a gente celebrava, todas as tristezas a gente celebrava ali, a gente punha em oração, e a gente o que dava pra gente resolver a gente resolvia, e muitas vezes as tristezas era só ouvir mesmo, ter ouvidos pra ouvir... Então aquilo criou um laço muito forte até hoje... Eu acho que esse é o meio, essa é a formação, essa é a forma de resgatar muitas famílias... Eu me lembro que nesta época algumas coisas aconteceram na minha vida e eu estava lá também dentro do grupo e, então, me segurei lá... Isso até hoje, eu digo, que foi a maior experiência, como cristã, que eu vivi dentro da minha comunidade...”* (Narrativa 4, participante 4).

Este caminho dos pequenos grupos, como uma perspectiva para toda a comunidade, deve ser visto como algo processual e de longo prazo, trabalhoso e exigente, mas que dá muitos e bons frutos. É preciso plantar para colher.

E mais: incentivar também as experiências fora da comunidade, pois, conforme compartilhado no GP, ajuda os membros a confrontar os valores pessoais e grupais com os valores vivenciados por outras comunidades, a se

comprometer mais com o próprio grupo e a desenvolver uma postura ética em outros espaços sociais, ajudando, desta forma, na elaboração e apropriação das próprias vivências e no crescimento pessoal e comunitário:

*“... Essa viagem pra mim foi, assim, foi muito, assim, pro meu crescimento pessoal, sabe?... Eu tive que ir lá longe pra prestar atenção na solidariedade deles...”* (Narrativa 4, participante 2).

Enfim, enxergar as limitações e não agir de forma responsável e estratégica, a partir de um projeto comunitário que contemple os aspectos necessários para a superação das contradições internas, é temerário não só para a qualidade de vida da própria comunidade, mas também para a saúde mental dos seus membros, que narram, de forma viva e clara, sofrimentos causados pela livre e sincera decisão de viver a fé dentro de uma comunidade católica na esperança de uma vida e um mundo melhor.

## **6.2 Nível grupal**

Antes de iniciar uma discussão sobre o GP em si, faz-se útil e importante esclarecer algumas convicções que permearam toda a experiência dentro do mencionado grupo bem como a análise e discussão deste trabalho acadêmico.

A primeira convicção está no entendimento de que o próprio ato de falar das experiências, narrando o vivido, possibilita à pessoa elaborar as suas

vivências no nível cognitivo e afetivo, apropriando-se assim de sua experiência de um jeito sempre novo, atualizado e dinâmico, o que lhe possibilita perceber detalhes e encontrar novos significados, sobretudo quando sente que o outro está interessado na sua história e mostra-se disposto a acolhê-la como é. Neste sentido, vale a pena recuperar a sabedoria popular: “Recordar é viver”.

A segunda convicção está na compreensão de que o ato de escutar permite à pessoa não só entrar no mundo do narrador mas também mobilizar-se internamente, ajudando-o a elaborar e/ou reelaborar as suas próprias vivências e a refletir sobre novas possibilidades para a vida do outro e sua também, ampliando assim os seus recursos interiores para uma vida mais qualificada. Nesta direção, em um contexto de grupo, é verdadeira a frase: “Ninguém sai do mesmo jeito que entrou”.

A terceira convicção está na intuição de que o resultado do movimento grupal não se resume à soma das falas de cada participante, mas vai além, pois o grupo possui um movimento próprio capaz de levar cada um a se encontrar dentro do espaço comum, garantindo a expressão da subjetividade de cada sujeito bem como a se identificar e se beneficiar com o todo expresso no dito e no não dito. Nesta linha, entende-se a máxima: “O todo é maior do que a soma das partes”.

A quarta convicção encontra-se na percepção de que o GP realizado é uma representação social da comunidade católica, uma vez que as pessoas que dele participaram são membros atuantes na comunidade e trouxeram suas experiências comunitárias para serem partilhadas no grupo. Por representação social entende-se um conhecimento prático formado por um conjunto de ideias, crenças, valores, sentimentos e atitudes produzidos e alimentados em um

determinado contexto social (a comunidade), a fim de ajudar na compreensão da realidade, na comunicação interpessoal e na construção do sentido de vida (Jodelet, 1984, citado por Alexandre, 2004). E mais: eles, enquanto líderes de uma comunidade católica, também podem levar os companheiros a se beneficiarem da vivência grupal, na medida em que, sendo ajudados, poderão, por sua vez, ajudar os outros membros, qualificando desta forma o trabalho voluntário que realizam.

A quinta convicção diz respeito ao pesquisador, que atuou no GP como facilitador e também como participante, contribuindo com suas narrativas, reflexões etc, sendo igualmente beneficiado, o que lhe possibilita crescimento pessoal e, como consequência, um aprimoramento do seu trabalho comunitário.

Tendo estas convicções como pano de fundo, a partir da análise feita (Nível grupal), é possível e importante destacar o conhecimento construído na interação grupal visto como conteúdo possibilitador do crescimento daqueles que fizeram parte do GP. Ainda cabe, neste nível, uma discussão sobre a metodologia aplicada e a ausência de algumas perspectivas dentro do grupo.

### **6.2.1 O conteúdo do grupo**

O conteúdo desenvolvido no GP pode ser visualizado a partir das reações às falas uns dos outros, sintetizadas na análise feita dentro do nível grupal (“as reações como expressão de mobilização interior”). O conteúdo do grupo se caracterizou, a partir das dificuldades levantadas durante a narrativa de cada um, como reflexões sobre a vida da comunidade enquanto espaço de contradições e que nem por isso perde seu encanto, pois é nela que as

experiências acontecem, religiosas ou não, ajudando a viver melhor a fé (cristã) e a vida do dia a dia; reflexões também sobre as lideranças, valorizadas por todos, mas que na compreensão dos membros do grupo nem sempre estão preparadas para tal função e que, por isso, devem estar atentas à forma como lidam com as pessoas e situações na comunidade, exigindo delas mais prudência no falar e fazer, uma postura de escuta constante, uma atitude mais democrática, critérios mais objetivos que norteiam suas decisões e ações, um espírito de união com as demais lideranças, um espírito de corresponsabilidade capaz de valorizar quem está na comunidade e quem dela se afastou por algum motivo. Ao agirem nessa direção, as lideranças estão não somente promovendo o crescimento da comunidade, mas igualmente de cada uma delas, pois todos se beneficiam de uma comunidade que, embora apresente dificuldades, proporciona fé, alegria, paz e esperança aos seus membros. Foram feitas, ainda, reflexões sobre a pessoa do padre como alguém que também põe à prova a fé dos fiéis quando não o compreendem, mas mesmo assim decidem perseverar no trabalho comunitário.

Ainda como conteúdo, considerando os significados expressos ao final de cada encontro (terceiro momento), sintetizados na análise feita dentro do nível grupal (“os significados extraídos da vivência grupal”), a experiência feita no GP possibilitou também: a ampliação da consciência acerca da vida em comunidade e tudo o que ela envolve; a expressão de sentimentos relacionados às pessoas da comunidade e outras; a mudança de ponto de vista sobre temas e situações comunitárias; o entendimento de se criar oportunidades na comunidade pelo diálogo; a compreensão de temas importantes para a vida comunitária como a perseverança, a fé, a humildade e a acolhida; a satisfação em perceber que os próprios problemas estão de certa forma refletidos na história de cada um dos



presentes; o fortalecimento dos vínculos entre os participantes que atuam na mesma comunidade; o fortalecimento dos vínculos entre os participantes e o promotor e facilitador do grupo (pesquisador); o fortalecimento pessoal diante das fragilidades de cada um; a manifestação livre do pensamento e sentimentos ligados ou não à vida comunitária; a formação de novas atitudes frente às dificuldades que se vive dentro da comunidade; o aprofundamento da própria fé (cristã) e um aprendizado para a vida pessoal e comunitária. Por fim, o clima de confiança depositada mutuamente, o sigilo garantido e o fato de terem experiências comuns a partilhar ajudaram a criar as condições para que aflorasse toda a experiência positiva feita.

De acordo com Martin-Baró (1991), psicólogo social, o grupo é um conceito bastante abstrato que remete a realidades bem distintas. O autor conceitua grupo humano “como uma estrutura de vínculos e relações entre pessoas que canaliza em cada circunstância suas necessidades individuais e/ou interesses coletivos” (p.206). Com este conceito básico, o grupo é entendido, primeiramente, como uma estrutura social na qual ele se torna uma realidade maior do que a simples soma de suas partes; constitui um canal de necessidades e interesses, a partir de situações e contextos específicos, possibilitando respostas a estas necessidades e interesses humanos, sejam eles pessoais ou coletivos.

Quanto aos parâmetros para análise de um grupo, Martin-Baró (1991) destaca três. O primeiro é a identidade grupal, que consiste na existência de uma totalidade unificadora peculiar que permite diferenciar-se de outras totalidades. Isso se torna possível através de uma estruturação interna que determina as condições e critérios para pertencer ao grupo; de uma relação com

outros grupos, uma vez que determinado grupo se configura enquanto tal a partir da realidade e interação com os demais grupos humanos, tornando-se assim ponto de partida para a manutenção da sua própria identidade; de uma consciência de pertença a um grupo, no nível objetivo e subjetivo. Objetivamente cada indivíduo, sabendo-se pertencer a um grupo que escolheu para participar; subjetivamente, cada indivíduo assumindo livremente o seu grupo como uma referência importante para a formação de sua identidade e crescimento pessoal. O segundo parâmetro é o poder grupal, que consiste na capacidade de realizar ações significativas em um determinado contexto e circunstâncias históricos, diferenciando-se fortemente de outros grupos, inclusive impondo sua vontade aos demais grupos sociais, saindo de uma dinâmica intragrupal para um movimento intergrupalo. Por fim, o terceiro parâmetro é a atividade grupal, que abarca duas dimensões: a interna e a externa. Internamente, o grupo é capaz de proporcionar a realização de objetivos que correspondem aos desejos individuais ou comuns; externamente, é capaz de produzir um efeito real, significativo e constante na vida da sociedade. A sua ação tem um efeito na vida do próprio grupo que a realiza, podendo ser de fortalecimento, enfraquecimento ou dissolução. Nestes dois últimos casos, na medida em que ele perde sua significação social ou se desconecta de suas raízes, deixa de produzir ações eficazes frente aos outros grupos ou não responde às aspirações mais profundas de seus membros.

À luz desta compreensão teórica e considerando o conceito de grupo humano elaborado pelo autor, pode-se dizer que o GP, embora tenha sido formado para fins de pesquisa, de caráter exploratório, caracterizou-se como um verdadeiro grupo, já que promoveu as relações interpessoais e o fortalecimento dos vínculos entre os participantes, a partir de um contexto específico

(comunitário) vivenciado por todos, como parte de uma estrutura social mais ampla.

No que se refere aos três parâmetros de análise de um grupo comentados por Martin-Baró (1991), talvez por seu caráter exploratório, acreditasse que o GP correspondeu parcialmente aos parâmetros citados. O primeiro parâmetro (identidade grupal) torna-se realidade no GP na medida em que houve uma identidade grupal, garantida por um movimento unificador de experiências narradas a partir de uma realidade específica, diferente das demais realidades, chamada de comunidade de fé (cristã), presente na sociedade maior, na qual estão presentes outros grupos humanos de natureza não religiosa. E ainda: o grupo foi assumido pelos participantes de forma consciente e livre como um espaço possível de formação de sua identidade e crescimento pessoal. O segundo parâmetro (poder grupal), por sua vez, não pode ser visualizado no GP, pois não foi possível, talvez pela limitação de tempo estabelecida pelo programa de pesquisa, propor e realizar ações significativas na comunidade maior onde o grupo se formou, menos ainda na sua relação com outros grupos sociais de natureza não religiosa. Quanto ao terceiro parâmetro (atividade grupal), este foi experimentado pelo GP em um sentido, mas não em outro. Por um lado, o grupo conseguiu realizar aquilo a que se propôs (dimensão interna), ou seja, alcançou seu objetivo de partilhar as histórias de cada um dos seus membros, relacionadas ou não à comunidade que frequentam, de forma a ajudar o indivíduo a crescer na sua relação com os demais participantes do grupo; por outro lado, o GP não conseguiu realizar ações significativas e constantes na linha da transformação social (dimensão externa), talvez porque não tivesse esta pretensão inicial nem tempo para evoluir para esta interessante e importante perspectiva.

### **6.2.2 Ausência de algumas perspectivas no grupo**

Outra questão, de certa forma relacionada negativamente ao conteúdo, refere-se à ausência de algumas perspectivas no GP (social, política, ecológica/ambiental), consideradas importantes para um desenvolvimento pleno de um grupo inserido num ambiente comunitário. Acredita-se que a falta de tais perspectivas dificulta o crescimento de seus membros, pois tal crescimento só acontece quando se respeitam e trabalham as dimensões constitutivas do ser humano enquanto um ser bio-psico-político-social-ambiental. O que não foi expresso no grupo pode ser igualmente revelador de uma consciência e prática subjacentes na comunidade católica investigada.

Com isso não se pretende concluir que os participantes do GP (ou a comunidade) não tenham as perspectivas citadas em seu horizonte de preocupação, de compreensão da realidade ou em sua prática cotidiana. Individualmente, sejam eles do grupo ou da comunidade, podem ter esta consciência política, social e ecológica, em algum nível, facilitada por outros grupos ou meios, embora ela não tenha aparecido no GP, talvez por não se ter criado a necessidade e/ou espaço no grupo para conversar sobre o assunto. Por outro lado, o fato de não se acenar para este tipo de possibilidade de pensamento pode ser sintoma de uma consciência pouco elaborada sobre o problema ou de uma falha na vivência pessoal, grupal ou comunitária, uma vez que quase nada apareceu nesta direção. As histórias contadas, as interações e reflexões feitas no GP, não deveriam apontar naturalmente para tal preocupação? Haveria necessidade de o facilitador provocar tal questão para que os enfoques citados surgissem? Não deveria ser um movimento natural dentro de qualquer grupo

humano que se pretende autônomo, criativo e conectado com a realidade maior? Neste sentido, o grupo revelou-se bastante intimista ao falar sobre questões pessoais em um contexto comunitário sem referência a outros contextos mais amplos como o social, o político e o ambiental/ecológico.

Por social entende-se a participação ativa e responsável, fruto de uma consciência política esclarecida, em espaços e movimentos mais amplos da sociedade, buscando a superação das causas que geram as desigualdades sociais, propondo e promovendo ações estratégicas em benefício da coletividade, rumo à construção de uma sociedade mais ética, justa, livre e solidária. Neste sentido, embora houvesse algumas experiências isoladas fora da comunidade, o grupo demonstrou uma consciência social empobrecida, uma vez que as narrativas apontaram para um compromisso maior, no geral, com a própria comunidade ou grupos relacionados a ela. Por acaso os membros da comunidade católica se satisfazem apenas com este espaço de atuação social, numa sociedade tão carente e complexa como a nossa de hoje?

Ferraro (2005) ilumina a questão, sugerindo que uma comunidade cristã, para ser autêntica, deve ser capaz de ligar fé e vida de tal forma que tudo o que é humano acaba repercutindo no coração do verdadeiro cristão, que se mostra cheio de compaixão pelos pobres e excluídos da sociedade e comprometido nos diferentes campos da ação humana, desembocando necessariamente na prática da caridade e do amor eficazes. Para o autor, no contexto social em que nos inserimos hoje, a eficácia significa um engajamento consciente nos movimentos populares de reivindicação, nos movimentos populares específicos, nos movimentos sindicais e nos partidos políticos populares. Tal engajamento é uma forma privilegiada de sentir um novo modo de

viver, transmitir e celebrar a fé (cristã). Esta perspectiva não foi colocada pelos participantes do GP e, parecendo até não fazer parte do horizonte da comunidade maior, o que se torna para a própria comunidade um desafio a ser enfrentado.

Por política entende-se uma consciência crítica sobre a forma de organização social, visando o bem da coletividade, mediada ou não por partidos políticos, a fim de se realizar, pela via do poder, a transformação social necessária para uma cidadania plena. Nesta linha, a dimensão política parece ser algo distante da vida da comunidade católica investigada, uma vez que ninguém abordou abertamente esta questão no GP, deixando subentendido que o tema não é considerado importante para os participantes ou não se encontra ligado diretamente, em sua visão de mundo, à comunidade de fé. Esta possível falta de consciência política, talvez, aponte para um modelo de igreja presente na comunidade que dissocia um aspecto do outro, isto é, a fé da política. Seria possível um verdadeiro crescimento do homem religioso sem esta dimensão (política) tão presente no cotidiano de todos os cidadãos?

Boff (2002) critica a dicotomia fé X política. Ao diferenciar 'política social' enquanto algo que diz respeito ao bem comum da sociedade de 'política partidária' enquanto luta pela conquista do poder de estado, o autor afirma que fé tem necessariamente uma dimensão política, seja de cunho social ou partidário, pois ambas podem ser instrumentos úteis e/ou necessários para a realização dos valores caros ao cristianismo. Neste sentido, a fé (cristã) não se resume a uma experiência intimista do sagrado, mas se concretiza na vida pela ética, como prática do amor e da justiça. Portanto, é como afirma Boff (2002):

A política é uma dimensão da fé concreta da pessoa na medida em que vive a fé nas suas duas rodas: fé como culto e fé como ética, como prática de justiça e como espiritualidade. A fé inclui a política, quer dizer, um cristão, pelo fato de ser cristão, deve se empenhar na justiça e no bem-estar social; deve também optar por programas e pessoas que se aproximam o mais possível àquilo que entendeu ser o projeto de Jesus e de Deus na história. Mas fé transcende a política, porque a fé se refere também à vida eterna (...) é não é somente boa ao nos apresentar uma promessa, é boa também para inspirar uma sociedade humana, justa e tolerante (p. 163-164)

Portanto, preocupar-se com a formação da consciência política e viabilizá-la dentro do grupo é outro desafio que a comunidade se impõe a si própria.

Por consciência ecológica/ambiental entende-se uma percepção bem mais ampla da realidade em que estamos imersos, caracterizada por uma visão holística do mundo, pela qual os seres humanos e a vida em sociedade são percebidos e sentidos como apenas parte de um todo contida no planeta e no universo, relativizando assim a pretensão de superioridade do ser humano sobre os outros seres. Situar-se neste contexto mais amplo é condição essencial para o bem-estar pessoal, comunitário e social. Neste sentido, o grupo não apontou para esta possibilidade de reflexão, parecendo dar pouca ou nenhuma importância a tal questão. Estaria a comunidade investigada limitada no seu desenvolvimento ao não possibilitar aos seus membros uma integração maior com a imensidão do universo?

Amatuzzi (2003), psicólogo humanista, diz de maneira interessante, profunda e didática que o verdadeiro crescimento pessoal só se torna possível pela experiência, que deve ser sempre vista como um processo que acontece em âmbitos diversos – individual, grupal, social, ecológico e universal –, que se implicam mutuamente. Para este ponto da discussão, interessam-nos apenas os âmbitos ecológico e universal.

No âmbito ecológico/ambiental, o sujeito do processo não é o homem, mas a natureza, exigindo do ser humano uma consciência e atitude de humildade e reverência diante da mãe-terra, reconhecendo-se não como senhor do mundo mas como uma parte muito pequena dele, na qual deseja inserir-se, alcançando assim uma nova racionalidade. Diz Amatuzzi (2003): “... não se trata de um processo humano que inclua o meio ambiente, mas de um processo ambiental que inclui o ser humano... Já não se trata de alargar homogeneamente um âmbito, mas de uma radical mudança de ponto de vista” (p.574).

Quanto ao âmbito universal, expressão mais acabada e que ultrapassa o ambiental, o sujeito não é visto como o ser humano, a sociedade nem o meio ambiente, mas é o próprio universo com tudo o que nele existe, enquanto unidade maior, apontando para o ser humano a possibilidade de uma relação nova e absolutamente original, fonte de sentido pleno. Afirma:

O que pode o ser humano fazer em relação a este processo universal que o transcende, é inserir-se conscientemente nele, por uma relação que se consuma numa entrega absoluta. É neste ‘entrega absoluta’ que o ser humano toca seu limite, encontrando-se consigo mesmo, e pode, por fim, viver e morrer humanamente...



essa entrega absoluta é a fé propriamente religiosa (p.574-575).

A partir desta reflexão de Amatuzzi (2003) em relação à consciência ecológica, observa-se que ela não se fez presente em nenhum momento do GP, nem de forma indireta, apontando assim para uma limitação na vivência grupal e, quem sabe, na comunitária também, uma vez que aquela pode ser reflexo desta. Nesta perspectiva, o desafio que se impõe é a possibilidade de se fazer um trabalho de conscientização a fim de contribuir para a comunidade se integrar melhor, pela reflexão, sentimento e atitudes, com esse âmbito tão necessário (ecológico) para uma compreensão mais ampla da realidade.

A consciência universal, por sua vez, faz-se perceber dentro do GP em um sentido, mas não em outro. Não, na medida em que o grupo não fez nenhuma narrativa que aponte para esta questão bem mais ampla da realidade. Talvez falte à comunidade uma consciência refletida que sinalize para a existência de um horizonte indicador de que o ser humano é apenas um ponto no imenso universo, que pode ajudá-lo a encontrar nele o seu lugar, relativizando assim toda forma de autossuficiência humana na sua relação com o cosmos. Sim, na medida em que os participantes do grupo narram situações e histórias de fé religiosa (cristã), demonstrando, de forma intuitiva e/ou consciente, que existe no universo infinito uma força superior (Deus), além da força cósmica, criadora, que os move, orienta, fortalece etc, dando-lhes um sentimento profundo de conexão com a totalidade da realidade, capaz de fazê-los caminhar com segurança, esperança e serenidade, mesmo em meio às adversidades. É fundamental, para a autorrealização do ser humano, sentir-se profundamente parte deste todo que o envolve misteriosamente e que pode tocá-lo, ainda que precariamente, pela fé (cristã),

possibilitando um sentido último que proporciona uma autêntica, completa e original forma de viver plenamente.

Se na resposta “não” o acento incide sobre uma consciência referida ao cosmos, enquanto unidade maior que sustenta o planeta em que vivemos, no “sim” o acento recai sobre a consciência religiosa, garantida pela fé em Deus. Esta está além daquela. A primeira, todos podem atingi-la; a segunda, somente o homem de fé pode alcançá-la. Se no grupo não apareceu essa consciência universal referente ao cosmos, os participantes podem ter interpretado que a fé religiosa não tem uma relação direta e consciente com a contemplação do lado misterioso do cosmos, nossa casa. A sua fé religiosa cristã não nasce nem se expressa a partir de um olhar para as dimensões cósmicas do mundo. Pelo menos não se manifestou no grupo dessa forma, o que não significa que não exista como fé cristã. Nasce de onde então? Embora não tenha sido mencionado explicitamente, pode-se inferir, talvez, que nasce ou se confirma exatamente pela experiência comunitária! A vivência comunitária como que lhes confirma a fé cristã, pois foi tendo a Cristo como mestre ou guia que eles se comprometeram com a comunidade e se convenceram de seu valor inestimável. A verdade é que através dessa experiência comunitária animada pela fé cristã, eles vivenciam as dimensões transcendentais dessa mesma fé e assim, meio que sem o saber, abrem-se para a sua dimensão cósmica. Ainda que não mencionado explicitamente, não fica excluído necessariamente pelo que foi dito.

Considerando ainda a questão da ausência de perspectivas no GP, é curioso observar também que a perspectiva institucional não se fez presente na consciência dos membros do grupo. Por instituição entende-se a Igreja Católica Apostólica Romana, que juridicamente define, de maneira clara e distinta, em

graus diversos, os poderes e funções exercidos por homens organizados numa hierarquia e que representam oficialmente a instituição, desde o papa, cardeais e bispos até os padres e diáconos.

Sem entrar em um juízo de valor, o fato é que esta questão institucional, exceto em relação aos padres, não aparece no horizonte das partilhas e reflexões do grupo, demonstrando estar a experiência comunitária católica muito mais marcada pelos aspectos pessoais e comunitários, interacionais e vivenciais, do que pelo princípio da autoridade ou mesmo pelo conceito de instituição. Embora todos saibam que a comunidade católica possui uma fé (cristã) universal, transmitida, sustentada e garantida pela instituição e pelas autoridades que dela fazem parte, parece que o primordial é a comunidade local enquanto promotora de vivências religiosas e outras. Neste sentido, perguntamos: é possível haver uma autêntica vida comunitária de fé sem este referencial maior da instituição?

Boff (2008) ajuda a entender esta questão ao recordar que na história da igreja, do início até hoje, dois paradigmas predominaram: um, no primeiro milênio, como Igreja-comunidade, outro, no segundo milênio, como Igreja-sociedade. Neste segundo paradigma, a Igreja-instituição é vista como hierarquia, cujos membros têm tudo, e os fiéis, no que se refere ao poder, não têm nada, exceto o direito de receber. Sobre isso, conclui o autor: “Trata-se de uma sociedade religiosa profundamente desigual, monárquica e piramidal” (p.128).

Embora reconheça que membros da hierarquia têm questionado com práticas novas e ousadas este paradigma e embora afirme que a instituição tem feito alguns esforços, ainda que tímidos, para superar esta compreensão limitada, o teólogo sintetiza que a verdadeira igreja é a comunidade, enquanto realidade

fundante, animada por um espírito de fé (cristã), que exige estruturas de igualdade, participação e comunhão. Neste sentido, mais do que oposição entre instituição e comunidade, aponta para uma integração necessária, concreta e vital da dimensão institucional com a dimensão comunitária. Para o autor, ambos os polos sempre existirão na estrutura social. Aponta que o real problema está não na eliminação de um em função do outro, mas na forma como se relacionam o comunitário e o institucional, exigindo de ambos uma atitude de respeito e constante questionamento, evitando assim que o institucional se enrijeça e venha a dominar ou que o comunitário se transforme em um puro e ingênuo idealismo a ponto de desejar que a Igreja maior se transforme numa comunidade. Afirma: “O institucional não pode, na Igreja, predominar sobre o comunitário. Este deve guardar sempre a primazia; o outro vive em função dele. O comunitário, por sua vez, deverá encontrar sempre sua adequada expressão institucional” (Boff, 2008, p.32).

E mais: a partir de um projeto popular de sociedade, caracterizado por uma democracia participativa, sustentada por projetos sociais pensados e assumidos pelos movimentos populares, iniciou-se a construção de uma nova reflexão e projeto popular de Igreja focados na vida de comunidade, enquanto expressão de fraternidade, em reação a uma sociedade hierarquizada. Esclarece:

Para uma nova sociedade, uma nova Igreja. Para uma distribuição diferente e um exercício distinto do poder social, por que não uma distribuição diferente e um exercício distinto do poder eclesial?” (Boff, 2008, p. 236). Neste novo modelo de Igreja, o projeto eclesial se faz em íntima união “com a libertação econômica, política e

cultural como expressão do novo sujeito histórico: os pobres e oprimidos organizados (p.240).

Certamente a perspectiva institucional, compreendida desta forma, pode ajudar a comunidade a ampliar seus horizontes e a conviver melhor com sua realidade inserida num contexto maior, no caso a instituição, que se justifica apenas, em última análise, quando viabiliza a experiência comunitária da fé (cristã), geradora de práticas libertadoras.

Nesta perspectiva, vale a pena ainda refletir sobre a figura do padre enquanto membro da instituição hierárquica, muito comentada por todos no GP. Talvez para a comunidade o elo mais importante com a instituição seja mesmo o padre, não tanto pela autoridade que possui, mas pelo fato de estar junto dela rotineiramente, ajudando-a ou não através de sua função, responsabilidade e jeito de ser como pessoa.

Considerando que o facilitador-pesquisador do GP é membro da hierarquia e trabalhou na comunidade investigada, é oportuno refletir sobre sua relação com o grupo, dando assim, talvez, uma luz à questão. Observa-se, nas narrativas, que um dos pontos avaliado como positivo da vivência dentro do grupo foi a aproximação de todos com o facilitador-pesquisador (padre), sugerindo, desta forma, que a hierarquia é vista pelos membros da comunidade como algo distante deles, ainda que próxima. Isso traz consequências para todos, inclusive para o padre, no sentido de que deve levantar suspeitas sobre sua visão e prática eclesial, despir-se de seus paramentos e funções, tornar-se um igual entre iguais e relacionar-se de pessoa para pessoa, independente da função que exerce; somente assim será reconhecido em sua autoridade, que serve a todos. Quanto à

instituição, ela precisa, através de suas autoridades maiores, dirigir-se à comunidade e aproximar-se dela não para somente exigir em proveito próprio, mas sobretudo para ajudá-la a viver melhor sua fé cristã. A comunidade sai favorecida no sentido de que apenas numa relação de verdadeira fraternidade e igualdade entre os membros e o padre, responsável hierárquico pela Igreja local, todos podem se ver e se reconhecer como parte de um mesmo grupo (Igreja). Sendo assim, questiona-se, inclusive, a visão de alguns leigos, que tendem a reforçar mais o aspecto institucional do que o comunitário.

### **6.2.3 A metodologia do grupo**

Outro elemento digno de atenção neste nível grupal refere-se à metodologia usada no GP. Para melhor compreendê-la, faz-se necessário avaliar o próprio grupo em alguns aspectos. Convém notar que o GP foi considerado pelos participantes não como um grupo a mais dentro da comunidade católica, mas um grupo “diferente” jamais experimentado por eles, sendo visto, inclusive, embora não tivesse esta pretensão, como uma terapia (Narrativa 5, terceiro momento), apontando assim para a necessidade de se criar um grupo de conteúdo mais psicológico dentro da comunidade paroquial.

Com base no que foi expresso pelos participantes, insistir nesta experiência pode possibilitar o fortalecimento de vínculos entre eles, que poderiam se ajudar mutuamente em situações de dificuldades, ampliar os horizontes de consciência pela reflexão sobre questões comuns, superar preconceitos, lidar com as diferenças, expressar sentimentos (sufocados ou não),

pôr em prática valores que os unem como comunidade, ressignificar experiências de vida etc. E ainda: insistir nesta experiência é valorizar e corresponder a uma necessidade de a comunidade viver em pequenos grupos, conforme exposta pelos participantes e expressa na análise feita neste trabalho (cf. p. 37).

Interessante observar ainda que o grupo se revelou como um espaço não apenas de partilha de experiências, possibilitada pelas narrativas das histórias de cada um (conforme ideia inicial), mas tornou-se também um espaço de reflexão conjunta, provocada pelas interações entre os participantes, fruto de reações às falas uns dos outros, sugerindo assim uma possível reestruturação do próprio grupo bem como uma possível mudança na designação, talvez para “grupo de partilha e reflexão” ou “grupo de vivência” ou, simplesmente, “refletindo histórias”...

Metodologicamente, observa-se que o GP, ao ser estruturado em três momentos, o segundo deles não pôde ser realizado de acordo com o que se planejara – escolher uma das experiências relatadas ou um tema comum a todas elas e contar outras experiências relacionadas com o escolhido. Nas narrativas constam, geralmente, apenas o primeiro e o terceiro momentos, não sendo possível perceber com clareza o segundo. Conforme se pode comprovar, o segundo momento não foi realizado, ora porque faltou tempo, uma vez que os membros do grupo se estendiam muito em suas falas, ora porque os participantes se envolviam demais com alguma história mobilizadora para a maioria. Por outro lado, embora não tenha sido possível conduzir um segundo momento formalmente, observa-se que o grupo apresenta uma dinâmica e sabedoria próprias a partir do momento em que escolhe espontaneamente algumas experiências mobilizadoras para compará-las a histórias pessoais. Este fato

sugere ao facilitador-pesquisador que os participantes, num grupo desta natureza, contentam-se em contar e ouvir histórias reais uns dos outros e com elas interagir a partir das vivências pessoais, dando a impressão de que isso os ajuda a refletir as experiências alheias e a refletir, reviver e ressignificar as próprias experiências de vida, satisfazendo-os profundamente. Uma vez garantido o foco, que sentido poderia haver em introduzir formalmente o segundo momento? Tudo indica que essa atitude viria a atrapalhar o desenvolvimento natural do grupo na medida em que atenderia mais a uma exigência metodológica do facilitador-pesquisador do que a uma necessidade do grupo enquanto tal. Foi assim que este segundo momento configurou-se a mim, participante-facilitador-pesquisador, como algo enfadonho de se fazer. Depois de contar tantas histórias e se envolver com cada uma delas, como pessoa e grupo, haveria necessidade de outras mais, a partir da história escolhida ou do tema comum a todas elas? Sinceramente, julgamos não ser necessário. O trabalho desenvolvido no GP foi satisfatório para responder ao problema de pesquisa investigado, ainda que o segundo momento não tenha sido contemplado conforme se pretendeu. Possivelmente se possa sugerir uma reestruturação do GP no que concerne à sua condução, apontando apenas para os dois momentos que realmente funcionaram: contar histórias (primeiro momento) e associar o que cada um leva do encontro para a vida pessoal (terceiro momento), abrindo, evidentemente, conforme já foi dito, espaços para interações diversas de acordo com os interesses pessoais e as necessidades do grupo.

No tocante ao número de participantes (nove), pareceu-nos um número excessivo, pois havia participantes que se estendiam em suas falas, faltando assim tempo para garantir o direito a cada um de narrar suas histórias. Um



número menor de pessoas talvez evitasse tal inconveniente, que em nada prejudicou a pesquisa, uma vez que na totalidade do grupo foi possível encontrar os elementos necessários para realizar este trabalho.

Em relação à VS, enquanto forma de registro feito após cada um dos cinco encontros, mostrou-se um instrumento eficaz para captar o sentimento subsequente presente imediatamente após o encontro, possibilitando um acompanhamento individual de cada membro do GP, incluindo o facilitador-pesquisador.

### **6.3 Nível individual**

Neste nível serão considerados não mais a fala de cada um individualmente, conforme análise feita em nível individual, mas os pontos comuns das falas individuais presentes nas versões de sentido (VS), aqui denominados significados, dando assim um salto qualitativo na compreensão no que se refere ao crescimento pessoal do indivíduo. Trata-se, portanto, dos significados da experiência que individualmente cada um tem do grupo, agora vistos no conjunto. Entendido assim, a discussão fica mais rica e repleta de sentido.

#### **6.3.1 Os pontos comuns dos significados individuais**

Um primeiro significado que surge nas VSs é a vivência da fé através do GP (VS Meire, Nara, Carla e Hélio), ou seja, os participantes têm no grupo um

contexto, um apoio e uma confirmação de sua fé. Parece coerente uma experiência deste tipo dentro do grupo, uma vez que os participantes têm a fé religiosa cristã como ponto comum de suas vivências comunitárias, ajudando-os a fazer assim uma interpretação religiosa de algo sentido como bom para suas vidas. Sobre isso diz uma participante:

*“Sinto-me feliz por ter tido a oportunidade de crescer como pessoa, como cristã. Meus pés se firmaram na minha fé e na minha caminhada. Mais do que nunca estou certa de que a vivência comunitária é essencial para minha existência”* (VS Carla, Narrativa 5).

E mais: não basta partilhar experiências, mas partilhar com pessoas que têm fé:

*“O privilégio de poder falar em voz alta os meus sentimentos, partilhando entre pessoas que têm fé em Deus para sua vida... Levo a certeza de viver e conviver cada vez mais a vida de fé em comunidade* (VS Élen, Narrativa 1).

Um segundo significado que aparece nas VSs é a vivência do grupo entendida como facilitadora de recordações de histórias pessoais, muitas vezes esquecidas, escondidas ou sufocadas dentro das pessoas, ajudando-as a reviver o passado, atualizando-o e, assim, renovando-as (VS Aline, Débora, Élen e Henri). Como exemplo disso, duas participantes dizem:

*“Eu estou sentindo que cada dia que passa estou renovando e como é bom viver de novo o que já estava um pouco esquecido”* (VS Débora, Narrativa 4);

*“(...) estou vivendo cada momento com muito carinho, podendo partilhar o que está só comigo...”* (VS Aline, Narrativa 4).

Um terceiro significado a ser destacado é a experiência do GP vista por seus membros como promotora da reflexão e do aprendizado, fazendo compreender melhor a realidade e favorecendo a formação de opiniões e atitudes (VS Júlia, Carla e Nara). Para ilustrar um pouco tudo isso, tomemos as falas das participantes:

*“Hoje o encontro me deixou pensativa, vou refleti-lo melhor em casa”*  
(VS Nara, Narrativa 3);

*“Este encontro para mim foi muito gratificante no sentido de aprender com a partilha do relato de cada membro participante”* (VS Nara, Narrativa 1);

*“... Vivenciando momentos bons ou ruins você adquire sabedoria, se tornando mais humilde, generoso, e amadurece várias atitudes...”* (VS Júlia, Narrativa 2).

Um quarto significado que emerge das VSs é a experiência do grupo compreendida como algo que ajuda a superar as dificuldades pessoais e comunitárias, motivando para continuar a caminhada dentro da comunidade católica (VS Hélio, Carla e Nara). Testemunham os participantes:

*“O encontro de hoje mostrou... que não devemos desanimar nunca perante as dificuldades na caminhada com a comunidade...”* (VS Hélio, Narrativa 2);

*“... Apesar de tudo podemos perseverar pois nossa caminhada não é em vão... Isso tudo me motiva a continuar a caminhada”* (VS Carla, Narrativa 2).

Um quinto significado que se desponta das VSs é a experiência do GP sentida como alívio para o sofrimento emocional, muitas vezes causado pelas limitações da vivência comunitária católica (VS Francisca, Aline e Carla). Nesta direção, narra uma participante:

*“Eu achei o encontro muito bom, me identifiquei com muitas histórias, me senti aliviada com muita coisa que me incomodava”* (VS Francisca, Narrativa 1).

Outra participante, a partir das dificuldades que enxerga na comunidade, diz:

*“Me sinto aliviada e tomei consciência do quanto a partilha me faz bem...”* (VS Carla, Narrativa 3).

Um sexto significado extraído da experiência realizada no grupo é a percepção dos participantes de que, no ato de falar e escutar, os sentimentos afloram e podem ser expressados livremente na confiança, simplicidade e autenticidade (VS Henri, Aline e Élen). Para exemplificar, vale a pena recuperar alguns depoimentos dos participantes:

*“Eu estou sentindo neste momento uma paz muito grande por poder falar e poder escutar”* (VS Aline, Narrativa 3);

*“Sinto que este encontro foi uma partilha simples, direta, espontânea e sincera...”* (VS Henri, Narrativa 4).

Todos estes significados nos permitem enxergar o quanto a vivência grupal pode colaborar no desenvolvimento das potencialidades do indivíduo, que passa não pelo esforço solitário de cada um, mas por uma verdadeira experiência de encontro com o outro. O crescimento de um é mediado pelo outro, isto é, o crescimento pessoal só se torna possível num contexto relacional, no qual surge a oportunidade de uma expressão autêntica possibilitadora de significados.

Segundo Buber (1982), o diálogo é o ponto central de uma verdadeira relação, mas existem pseudodiálogos, que apontam mais para uma aparência de diálogo do que para a sua essência mesmo. De acordo com o autor, existe um movimento básico, entendido como ação essencial do ser humano a partir do qual

se constrói uma atitude essencial, que possibilita um autêntico diálogo. Este movimento consiste em voltar-se-para-o-outro, exigindo não só a nossa atenção às situações corriqueiras mas também à nossa alma, transformando-se assim numa presença, geradora de um movimento sem limites, que garante ao ser humano uma unidade original, única e inigualável, conhecida também como unidade vivida. O meio privilegiado para que o diálogo aconteça é a palavra; a palavra é relacional, ou seja, ela só se torna autêntica no contexto do encontro. Pela palavra se toca o mais íntimo do outro e se revela o que existe de mais íntimo em si mesmo.

Amatuzzi (1989), ao comentar o pensamento de Buber, estabelece algumas condições essenciais para um diálogo genuíno. A primeira delas é que haja autenticidade, pela qual vale ser o que se é; a segunda é perceber o outro como ele é em sua totalidade e concretude, que se dá a partir do interior de uma relação; a terceira condição é que os interlocutores não queiram impor-se um ao outro, proporcionando um clima de abertura, evitando assim a manipulação na relação; uma quarta condição é que os parceiros do diálogo se confirmem mutuamente como pessoas, o que não se limita a uma simples aprovação do que o outro diz ou faz, mas legitimar o outro como parceiro de encontro; a quinta condição está em garantir ao outro o direito de uma participação ativa na própria relação; uma última condição é a fecundidade, vista como um desdobramento de novos sentidos provenientes de um diálogo em movimento (Amatuzzi, 1989, p. 47-54).

Para Buber (1987) ainda, o diálogo verdadeiro supõe e se dá privilegiadamente dentro de uma comunidade. Mas o que entende ele por comunidade? Esta se opõe à sociedade. A sociedade é compreendida como uma

massa de indivíduos, uma coletividade massificada, que se organiza com fins essencialmente utilitaristas, atrofiando a criatividade subjugada ao trabalho especializado e alienante. Ela pretende ser exclusivamente uma onda no fluxo humano que visa apenas a vantagens e proveito.

A comunidade, por sua vez, tem como finalidade a vida. Comunidade e vida se confundem. A comunidade é a “expressão de transbordante anseio pela vida em sua totalidade. Toda Vida nasce de comunidades e aspira a comunidades. A comunidade é fim e fonte da Vida” (Buber, 1987,p. 34). Nela reina não o princípio utilitário, mas o princípio criador e libertador das forças subjugadas. Vale a escolha como expressão de liberdade, vale escolher viver coisas novas. Ela exige uma verdadeira interação, só possível quando existe uma autêntica relação entre os homens, de pessoa a pessoa, na totalidade da relação (reciprocidade), sem intermediários e sem pretensões de usar uns aos outros para se atingir fins previamente estabelecidos. Por este caminho, o indivíduo massificado da sociedade, peça de uma engrenagem social, torna-se pessoa e sujeito na comunidade. Se na sociedade o primordial é estar-um-do-lado-do-outro ou ainda, na melhor das hipóteses, estar-um-com-o-outro em vista de um fim estabelecido socialmente, na comunidade a experiência estruturante é “em todo lugar dirigir-se-um-ao-outro, um face-a-face dinâmico, um fluir do Eu para o Tu; a comunidade existe onde a comunidade acontece” (p.66).

Passar da sociedade à comunidade é algo absolutamente possível, desde que se lance um olhar crítico sobre as bases sociais nas quais estão assentadas as instituições, que calcificaram as relações, compartimentando-as e hierarquizando-as em função de interesses de produção coletiva. Esclarece e denuncia o autor:

Atualmente, a sociedade é um organismo de células agonizantes, uma realidade fantasma... Somente no interior, pela reanimação do tecido celular pode realizar-se a cura e a renovação. A comunidade em todas as suas formas deve ser enriquecida com nova realidade, com a realidade das relações, puras e justas, entre os homens, de modo que, da união de autênticas comunidades, surja um verdadeiro sistema comunitário que observa, sorridente, como a engrenagem enferrujada se transforma, pedaço por pedaço, em sucata. (Buber, 1987, p.56)

Quem formaria tal comunidade? A interação viva entre pessoas íntegras e maduras que sintam que o próprio crescimento consiste em escolher viver dentro de uma entrega incondicional ao outro (alteridade) em vista de uma liberdade maior, que se concretiza nas relações. Neste sentido, urge na sociedade ocidental de hoje libertar a verdadeira vida pelo caminho do renascimento da comunidade, possível somente pelo espírito autônomo e cooperativo que deve reinar entre as pessoas, capaz de gerar novos costumes e atitudes.

Tendo este pensamento de Buber como ponto de partida, podemos observar como o GP favoreceu o crescimento de seus participantes ao conseguir elaborar, a partir de sua vivência, alguns significados concretos para a vida de seus membros. O que tornou possível tal experiência? Certamente a interação no grupo, promotora de uma relação sustentada por um diálogo vivo e aberto, pelo qual um voltou-se para o outro, falando e escutando atentamente, colocando-se inteiramente em sua presença. Sem esta atitude fundamental os significados não emergiriam, frustrando a todos na pretensa convivência grupal. Se a relação foi



a condição básica para o autêntico diálogo no GP, a palavra escrita (VS), oral ou gestual, foi o caminho que tornou possível o diálogo, fazendo as pessoas se descobrirem e descobrirem o outro na sua intimidade. Autêntico diálogo sim, pois as condições essenciais para que ele acontecesse foram garantidas durante a própria relação entre os participantes do grupo, a saber: a autenticidade, a percepção do outro concreto, o respeito ao modo de ser e expressar do outro, a compreensão do outro como pessoa singular na relação, o entendimento do direito do outro de tomar iniciativa na relação e a fecundidade da relação que faz gerar significados.

A relação estabelecida, vivida como diálogo, expresso na forma de palavra, se traduz por significados concretos, não como discurso mas como vivência, aqui chamada de experiência de fé, recordações de vida que fazem viver melhor, reflexão que ilumina a vida, superação de dificuldades que fazem caminhar, alívio emocional e liberdade de expressão do que sente e pensa.

Esta experiência positiva feita no GP, na linguagem de Buber, tem um nome – chama-se comunidade. Certamente, o grupo não constituiu um espaço de reprodução da vida em sociedade, enquanto algo pragmático e utilitarista, embora houvesse uma necessidade de pesquisa como elemento motivador. Se assim fosse, não emergiriam os significados que foram possibilitados pela experiência de encontro. Foi, portanto, um espaço de Vida, onde os sentimentos afloraram, as histórias foram narradas livremente, as crenças valorizadas, os desejos acolhidos, os valores respeitados e a opção pela vida em comunidade confirmada, sinalizando assim, para todos, uma forma original de conviver com o outro, na

gratuidade da relação. Neste sentido, o grupo significou para os participantes uma experiência de autêntica comunidade.

E a comunidade católica que frequentam os participantes deste grupo? Esta se torna comunidade não pelo nome que leva, mas na medida em que estiver sempre disposta a repensar, de forma crítica e contínua, os seus referenciais, priorizando mais as relações do que a execução de tarefas, mais a abertura ao outro do que a satisfação de suas necessidades, mais as pessoas do que as coisas, mais a comunidade enquanto tal do que a instituição, mais a relação entre iguais do que a hierarquia, mais as verdades a serem construídas na relação do que os dogmas, mais o espírito que a letra, mais a caridade do que a lei, mais a mudança do que a preservação do *status quo*... Para tanto se faz necessário um permanente processo de conversão (mudança) pessoal, comunitário e institucional, exigindo revisão de paradigmas, atitudes e estruturas para um novo jeito de ser comunidade, em alternativa a uma sociedade que fez das instituições uma peça de engrenagem do sistema social em que vivemos, no qual cada um e todos se perdem no coletivo, que sufoca e tira a verdadeira vida, só possível numa relação dialógica.

Finalmente, a divisão da discussão em vários níveis (comunitário, grupal e individual) tem apenas valor didático e, portanto, artificial, pois o conteúdo dos mencionados níveis se mesclam o tempo todo, possibilitando uma compreensão unificada do problema de pesquisa. A questão do crescimento pessoal, enquanto aspecto estruturante deste trabalho, perpassa todos os níveis da discussão (e análise também). No primeiro nível (comunitário), o crescimento é visto a partir da comunidade; no segundo (grupal), o crescimento é visto a partir

do GP formado para esta pesquisa, e no terceiro (individual), o crescimento é visto a partir da individualidade de cada sujeito participante do grupo. Embora tudo aconteça a partir do GP, os participantes do grupo se expressam em relação a uma comunidade de fé religiosa (nível comunitário), tomando consciência das consequências deste movimento grupal (nível grupal) para a sua vida pessoal (nível individual).

## VII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa realizada significou uma experiência muito rica para a minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Pessoal, porque me ajudou a compreender melhor o trabalho que realizo e coordeno dentro de uma comunidade católica como padre; profissional, porque me fez, como psicólogo, dar um foco na Psicologia, enquanto área de conhecimento ampla e diversificada; acadêmica, porque me possibilitou trabalhar o problema de pesquisa, isto é, compreender os sentidos da vivência comunitária católica como crescimento pessoal de seus membros. Aqui vale destacar e confirmar que a vivência da fé religiosa cristã num contexto comunitário católico é promotora de crescimento pessoal, embora tal crescimento nem sempre esteja garantido tão somente pelo simples fato de participar da comunidade, uma vez que ela é também sentida e percebida como um espaço de contradições, próprio de qualquer grupo humano. O crescimento se faz perceber dentro da comunidade, por exemplo, quando as vivências nela possibilitam a seus membros expressarem sua fé religiosa, viverem melhor a vida familiar, fazerem pontes para outros contextos de vida, promoverem novos relacionamentos e amizades, participarem das atividades diversas (festas, pastorais, conselhos etc), fortalecerem-se nos momentos de fragilidade, aprenderem algo útil para a vida, acolherem o novo e o diferente em seu meio, mudarem a orientação de vida, expressarem sentimentos, ajudarem uns aos outros nos momentos difíceis, formarem pequenos grupos, fazerem outras experiências comunitárias fora da própria comunidade etc. Por outro lado, o crescimento pessoal fica comprometido dentro da comunidade, por exemplo, quando as vivências ocorrem na direção do cerceamento da liberdade de pensar,

falar e agir, da indiferença ao preconceito, do apoio às práticas e atitudes individualistas, do reforço às críticas injustas, da não valorização do trabalho voluntário do outro, da falta de preparo das lideranças, da não acolhida do outro que chega ou já participa da comunidade etc. Portanto, viver a fé comunitariamente pode ser expressão de uma realização pessoal mas também pode constituir um desafio pelas limitações que existem dentro de uma comunidade católica. Neste último caso, as pessoas podem encarar o desafio como algo negativo e acabarem desistindo da comunidade, ou então encará-lo como oportunidade para superar os problemas comunitários, enfrentando-os, e assim crescerem como pessoas e como cristãos. A sensibilidade, consciência e liberdade de cada um vão definir que tipo de atitude tomar face às limitações presentes em uma comunidade, seja ela religiosa ou não.

No que se refere ao Grupo de Partilha (GP), este se mostrou um instrumento adequado para a pesquisa, porque possibilitou construir um conhecimento que subsidiou este trabalho; mostrou-se também uma boa estratégia de ação comunitária ao se revelar para os participantes como uma experiência única em suas vidas, antes jamais experienciada, sinalizando para a própria comunidade uma alternativa de grupo entre tantos outros que já existem dentro dela. Com isso aponta-se para uma limitação da comunidade católica em questão por não criar condições para se fazer uma experiência de grupo na linha da que foi feita no GP, embora ela tenha em seu seio a possibilidade para tal. O GP, por tudo o que nele foi vivenciado, se afirmou, na linguagem de Buber, como uma verdadeira comunidade na sua radicalidade, pois foi expressão de Vida para todos. Isto se evidencia sobretudo quando os participantes do grupo expressam que a experiência feita foi uma experiência de fé, fazendo assim uma leitura

religiosa de tudo o que nele aconteceu, o que é coerente com o que foi compartilhado, pois a fé religiosa cristã para eles é algo (chave de leitura) que perpassa toda a existência situada em qualquer contexto. Neste sentido, o grupo tornou-se uma comunidade de fé, promotora de crescimento pessoal de seus participantes. E mais: O GP foi expressão de Vida também na medida em que os sentimentos afloraram e foram expressados na confiança, as reflexões ajudaram na superação das dificuldades pessoais e comunitárias, houve aprendizado e alívio para o sofrimento emocional, as histórias foram recordadas e narradas livremente, as crenças valorizadas, os desejos acolhidos, os valores respeitados e a opção de vida comunitária confirmada.

Interessante observar ainda que a realização deste trabalho foi apontando, a cada passo dado, a necessidade de outras pesquisas práticas, igualmente importantes para elucidar e complementar a questão pesquisada. Nesta linha, pode ser proveitoso para a ciência produzir pesquisas que considerem o fenômeno religioso-comunitário a partir da visão e experiência de sujeitos de vários credos religiosos, dando assim uma dimensão ecumênica ao tema investigado. Proveitoso também seria criar uma pesquisa que leve em conta o olhar e a experiência dos ateus, enriquecendo a questão, desta maneira, com outros olhares, ao esclarecer como a dimensão comunitária se realiza na vida deles. Igualmente estimulante uma pesquisa do fenômeno religioso a partir da perspectiva da hierarquia, que forma, representa e simboliza a instituição religiosa (Igreja), ajudando a compreender esta relação inevitável entre comunidade e instituição. A formação de um grupo vivencial só para padres, nos moldes do GP, pode ser sugestivo para se trabalhar o problema. Valeria a pena ainda uma pesquisa que valorizasse a dinâmica da experiência religiosa de pessoas que

cultivam uma determinada “espiritualidade” fora de um contexto comunitário, individualisticamente, favorecendo uma leitura do fenômeno religioso desde um horizonte ousado e desafiador, pois as experiências humanas, incluindo as de natureza religiosa, são sempre mediadas por crenças e valores socialmente construídos. Enriquecedor seria também elaborar uma pesquisa sobre a religiosidade infantil, ajudando a entender como a vivência da fé em uma comunidade favorece ou não o desenvolvimento da personalidade da criança, sobretudo quando se sabe que há um número considerável de crianças que frequentam uma comunidade católica. Igualmente interessante seria uma pesquisa com pessoas que frequentam a comunidade católica apenas em momentos pontuais (missas, por exemplo), diferente dos participantes do GP que têm um envolvimento maior com a comunidade enquanto líderes dela: seria a vivência destes diferente da vivência daqueles? Enfim, esta pesquisa levou-me a perceber que pesquisar um problema estimula a vontade e a necessidade de partir para outras questões, motivando para uma atitude de estudo permanente, sobretudo no que se refere ao fenômeno religioso, a fim de se acompanhar vivamente a complexidade do movimento presente no processo de abertura ao Transcendente (Deus).

Por fim, esta pesquisa sinalizou para a possibilidade de uma integração de conhecimentos, tão necessária para compreender o fenômeno da fé religiosa em um contexto comunitário. Isto se torna evidente pela discussão feita neste trabalho, para a qual foi necessário recorrer a vários autores de áreas de conhecimento diversas como a teologia, filosofia, história, sociologia e psicologia, áreas que se mostram sensíveis à temática aqui amplamente explorada, sem negar a contribuição de outras possíveis áreas.

## VIII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alexandre, M. (2004). Representação Social: uma genealogia do conceito [Versão eletrônica], *Comum*, 10(23), 122-138.

Amatuzzi, M.M. (1989). *O resgate da fala autêntica*. Campinas, SP: Papirus.

Amatuzzi, M.M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 13 (1), pp. 5-10.

Amatuzzi, M.M. (1999). Desenvolvimento psicológico e desenvolvimento religioso: uma hipótese descritiva. In M. Massini & M. Mahfoud (Orgs). *Psicologia e Senso religioso*. São Paulo: Loyola.

Amatuzzi, M.M. (2001). *Por uma psicologia humana*. São Paulo: Alínea.

Amatuzzi, M.M. (2003). Fé e ideologia na compreensão psicológica da pessoa. In *Psicologia: Reflexão e Crítica* (UFRGS), 16 (3), p 569-576.

Amatuzzi, M.M. (2006). A subjetividade e sua pesquisa. *Memorandum*, 10, pp. 93-97. Acesso em 7/11/2008: [www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/amatuzzi03.pdf](http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a10/amatuzzi03.pdf)

Amatuzzi, M.M., Cambuy, K., Baungart, T. de A. A. & Milanesi, P.V.B. (2008). *Pesquisa fenomenológica e intervenção: possibilidades*. Resumo expandido apresentado na Segunda Jornada Internacional de Pesquisa em Psicanálise e Fenomenologia, PUC-Campinas. Campinas, SP.

Ancona-Lopes, M. (2005). A espiritualidade e os psicólogos. In M.M. Amatuzzi (Org.). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, pp.147-159.

Ávila, A. (2007). *Para conhecer a psicologia da religião*. (M.J.R. Nunes & T. Gambi, Trad.). São Paulo: Loyola.



Berger, P. L. & Luckmann, T. (2002). *A construção social da realidade* (22ª ed.). (F. S. Fernandes, Trad.). Petrópolis: Vozes.

Boff, L. (2002). *Crise: oportunidade de crescimento*. Campinas: Verus.

Boff, L. (2008). *Eclesiogênese: a reinvenção da igreja*. Rio de Janeiro: Record.

Buber, M. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. (M.E. de S. Queiroz & R.Weinberg, Trad.). São Paulo: Perspectiva.

Buber, M. (1987). *Sobre comunidade*. (N.A. von Zuben, Trad.). São Paulo: Perspectiva.

Duarte, J.F., Jr. (1994). *O que é realidade* (10ª ed.). São Paulo: Brasiliense.

Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. In *Estudos de Psicologia* (Natal), 7 (2), 12 pp.

Ferraro, B. (2005). Espiritualidade da libertação em uma perspectiva cristã. In M.M. Amatuzzi (Org.). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, pp.235-237.

Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa* (2ª ed.). (S. Netz, Trad.). Porto Alegre: Bookman.

Fowler, J.W.(1992). *Estágios da fé*. (J. P. T. Zabatiero, Trad.). São Leopoldo, RS: Sinodal.

Frankl, V.E. (2003). *Sede de sentido* (3ª ed.). (H. Elfes, Trad.). São Paulo: Quadrante.

Frankl, V.E. (2007). *A presença ignorada de Deus* (10ª ed.). (W.O.Schlupp & H.H.Reinhold, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal.

Frankl, V.E. (2008). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração* (25ª ed.). (W.O.Schlupp & C.C.Aveline, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal.

Kung, H. (2004). Cristianismo. In *Religiões do mundo - Em busca dos pontos comuns* (C.A. Pereira, Trad.). Campinas, SP: Verus, pp.212-247.

Libânio, J.B. (2004). *Fé*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Martin -Baró, I. (1991). El grupo humano. In *Sistema, grupo y poder*. El Salvador: UCA Editores, pp. 189-227.

Rogers, C.R. (2001). *Tornar-se Pessoa* (5ª ed./3ª tiragem). (M.J. C. Ferreira & A. Lamparelli, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Schmidt, M. (2003). *Estresse e a religiosidade cristã*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Valle, J.E.R. (2005) Religião e Espiritualidade: um olhar psicológico. In M.M. Amatuzzi (Org.). *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, pp.83-108.

Vasconcelos, E.M.(2006). Epidemiologia da religião: constatando a associação entre a vivência religiosa e melhoria da saúde. In E.M.Vasconcelos (Org.). *A espiritualidade no trabalho em saúde*. São Paulo: Hucitec, pp. 73-84.

**ANEXOS**

## Anexo 1

### Carta ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Campinas, 27 de Março de 2009.

Ao Sr.

Prof. Dr. Carlos Alberto Zanotti

Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Pontifícia  
Universidade Católica de Campinas

Eu, Henri Karam Amorim, pesquisador responsável pelo projeto de pesquisa intitulado ***A vivência comunitária católica e o crescimento pessoal: um estudo qualitativo***, venho, por meio desta, submetê-lo à análise deste digno Comitê de Ética em Pesquisa.

Trata-se de um projeto de dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, sob orientação do professor Dr. Mauro Martins AmatuZZi, aprovado pela banca no Exame de qualificação ocorrido no dia 03 de março de 2009.

Atenciosamente,

---

Henri Karam Amorim

Pesquisador responsável

## Anexo 2

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Esta pesquisa tem como objetivo fazer um estudo sobre o significado da vivência comunitária da fé para quem participa de uma comunidade católica. Para isso será montado um grupo de partilha sobre a vida com a participação de membros da comunidade paroquial.

Os dados coletados neste estudo serão descritos na dissertação de Mestrado em Psicologia do aluno Henri Karam Amorim, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia do Curso de Pós-Graduação da PUC - CAMPINAS, sob a orientação do Professor Dr. Mauro Martins Amatuzzi.

Os procedimentos adotados nesta pesquisa não envolvem nenhum tipo de risco para os participantes e o sigilo quanto à identificação do participante será mantido.

Como benefício da participação voluntária nesta pesquisa, o participante terá a oportunidade de ampliar suas perspectivas de crescimento pessoal e refletir sobre o seu envolvimento na comunidade.

Entendido assim, a assinatura abaixo indica a aprovação pessoal em participar desta pesquisa de forma voluntária, livre e consciente. O participante poderá interromper a sua participação, em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade ou necessidade de se justificar.

Eu, \_\_\_\_\_,  
RG nº \_\_\_\_\_, concordo em participar voluntariamente  
deste Grupo de Partilha, coordenado por Henri Karam Amorim, Mestrando em

Psicologia, e autorizo o uso das informações nele fornecidas por mim para fins de pesquisa e publicação científica.

Para maiores informações sei que posso entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (19) 81276252 ou com o comitê de ética pelo telefone (19) 33436777.

Este documento será assinado em duas vias idênticas, sendo uma delas cedida ao participante.

Campinas, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

\_\_\_\_\_  
Participante

### **Anexo 3 - Narrativas**

#### **Narrativa 1**

O primeiro encontro, de uma série de cinco, aconteceu no dia e local combinados. Nesse dia, na casa de um dos participantes, a família estava aguardando os demais membros do grupo com satisfação e alegria por estar colaborando com a realização do encontro, cedendo o espaço gentilmente. Aos poucos os participantes foram chegando, cumprimentando uns aos outros, falando de assuntos variados e corriqueiros, com humor e descontração. Depois deste aquecimento natural do grupo e após falar sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, iniciamos, na hora marcada, o encontro propriamente dito, com a seguinte instrução disparadora: “Estamos aqui para compartilharmos experiências de vida. Poderíamos começar cada um escolhendo alguma experiência pessoal que tenha relação com a vida na comunidade, e contando essa experiência para o grupo”. Achei melhor dar um tempo de silêncio para que cada um pudesse selecionar a sua própria história. Do total de nove participantes, talvez por falta de tempo, nem todos chegaram a contar a sua história, preferindo ouvir e fazer comentários a respeito da fala dos demais participantes. Apesar disso, senti que todos estavam muito atentos e interessados a tudo o que se passava.

Depois do mencionado silêncio, as pessoas espontaneamente começaram a se manifestar, narrando suas histórias com clareza e emoção. A primeira participante falava de sua vida antes e depois de frequentar a

comunidade do bairro onde morava e mora até hoje. Para ela tudo começou a partir da doença de um dos filhos, quando desesperada, recém chegada ao bairro, cuja “vida se resumia em ir do trabalho para casa e da casa para o trabalho”, recebeu um convite de uma pessoa para participar do grupo de oração da comunidade que estava nascendo. Foi a primeira vez ao grupo e isso foi marcante para ela, pois a deixou calma e confiante em Deus na esperança da cura do filho. Para ela esta experiência ajudou na cura e fez despertar nela e na família o desejo de participar da comunidade local, permitindo-se não só fazer novas amizades mas também sentir o apoio dos membros da comunidade em uma hora difícil para eles. A partir disso, toda a família começa a frequentar com assiduidade a comunidade, seja para rezar ou fazer algum tipo de trabalho. A medida que vão caminhando dentro da comunidade, a participante elabora sua percepção da própria comunidade, apontando os seus valores, apesar dos problemas que enxerga nela. Afirma: “... a partir daquele momento, já fazem 14 anos, que a gente se entregou mesmo à comunidade; hoje eu conheço todo mundo, dou carona, isso é muito gostoso, mudou completamente, porque foi um momento tão frágil que eu estava precisando, que precisou, não sei, de repente, acontecer isso, essa introdução mesmo na comunidade... A gente sente falta da comunidade, mesmo sabendo que ela é difícil, pois tem atrito com um, com outro, mas quando você não vai, você sente falta, falta alguma coisa dentro de você... Foi uma mudança que deu para sentir que melhorou, não é que melhorou, não sei se estava escondida ou a gente que saía na rua e não queria cumprimentar as pessoas, de não querer saber; hoje não, a gente fica preocupado, a pessoa está doente você vai visitar lá na casa dela, sabe, comunidade tem muito dessa coisa, um fala para o outro, um ajuda o outro, isso que é muito legal”. Seguindo esta



linha de raciocínio, outro participante acrescenta: “Dá a impressão que a gente não tá sozinho no mundo, que as outras pessoas também têm problema igual a você; então a gente sente, não é como o brasileiro fala: ‘cada um para si e Deus para todos’, mas cada um buscando ajudar o outro, não é? É isso que nós sentimos, eu acho que a Igreja dá esse sentido também pra gente, de mostrar que o caminho é cada um ajudar o outro e a gente sabe que tem um Deus que tá olhando pela gente também, né?”. Neste momento a primeira participante retoma a palavra e expressa que a comunidade é, apesar de não haver uma intimidade entre as pessoas, um lugar onde você encontra com as pessoas, é abraçada e pode abraçar, troca sentimentos bons, apesar das diferenças: “Cada um é único, né, a gente lida muito com as diferenças dentro da comunidade, mas isso que é o legal, se fosse todo mundo igual não ia ter graça, né?”. A comunidade é ainda um espaço que ela encontrou para ter força para enfrentar com serenidade a morte do seu irmão e a depressão de sua mãe: “... Isso que me faz acordar todo dia e falar: ‘puxa vida, ai Deus, obrigado por ter me aberto os olhos, e vamos em frente’. Acho que o que fortalece é a fé mesmo, né, e é o carinho, é o carinho que você não sabe, ou você discute com ela, entendeu, você está lá numa festa ou numa coisa, mas amanhã você vai abraçá, entendeu, não fica aquela coisa de ódio, é diferente num local de trabalho, eu sinto assim”.

Uma segunda participante narrou sua história, contando que se considera uma pessoa sofrida e medrosa, mas que, quando pensa em Deus e na comunidade, sente-se fortalecida, protegida e não mais solitária. Diz: “... Quando você está em comunidade, tem fé, acredita num Deus, né, acredita num Jesus que advoga por nós, que tá vendo a gente dia e noite, e que você acredita que realmente ele está..., então faz uma diferença muito grande na vida

da gente... Se me chamam para ir a uma festa, alguma coisa, eu sou muito arredia, eu fico achando que lá pode acontecer alguma coisa, não sei o que, mas quando falo assim: 'vou à Igreja, vou numa festa da Igreja, lá tem o pessoal da comunidade', faz uma diferença total, não tenho aquela preocupação... Sei que Deus vai estar lá com a gente, em tudo, não é só reunir para orar, pra missa, mas como a gente tá reunido igual aqui, quando está pra se divertir, a gente sente isso...". Esta participante falou ainda de sua vivência dentro de um círculo bíblico, que busca articular fé e vida, que acontecia nas casas do bairro, do qual participava e coordenava, dizendo como este espaço era importante não só para alimentar a sua fé e dos demais membros, mas também para questionamentos e reflexões sobre a vida e seus problemas bem como de criação e fortalecimento da amizade e confiança entre eles. A participante se sente privilegiada, sobretudo quando presencia tanta gente sofrida à sua volta, que não luta com fé. Para ela, viver é muito difícil, mas quando se tem uma fé viva, a luta diária fica menos dura. Diz: "... viver é difícil, é um desafio, é matar um leão todos os dias, mas a gente nem vê que matou um leão, porque você tem esse discernimento, essa fé, essa vivência, né? E a comunidade é tudo, eu deixo de qualquer coisa, eu faço tudo, eu trabalho a semana inteira, eu faço tudo que eu tenho que fazer, mas quando chega a hora de me fortalecer, de ir lá buscar a palavra de Deus, buscar força pra semana, eu vou, eu não deixo de ir". Tentando sintetizar o pensamento e o sentimento desta participante, outro membro do grupo faz uma observação que foi compartilhada por todos: "... não diga a Deus que você tem um grande problema, mas diga ao problema que você tem um grande Deus". Senti que esta participante falou de uma forma genérica sobre a fé e a comunidade em sua vida, não contando uma experiência concreta, embora sua fala possa configurar-se

como uma tentativa de sintetizar várias experiências acontecidas em sua vida a partir da sua fé religiosa exercida na comunidade.

Uma terceira participante narrou emocionada o seu envolvimento com a comunidade a partir de uma situação bastante difícil para ela e toda a família, quando seu irmão foi assassinado ainda jovem. Quando isso aconteceu, há muitos anos, ela recebeu “muita força da comunidade-igreja”, que demonstrou solidariedade para com os seus familiares, possibilitando a todos um crescimento espiritual, uma vez que a realidade da morte, segundo ela, provoca uma participação de todos na vida da Igreja. Isso deixou-a mais forte como pessoa. A partir desta experiência única, considera-se “imune” aos problemas de uma forma geral, sejam eles relacionados a doenças, violência ou até mesmo maldades das pessoas que participam da comunidade na qual se considera estar inserida. Diz: “... Acho que agora, assim, né, depois de tudo isso, não há nada que a gente não possa superar. Este fato fez com que a gente se superasse bastante, houve mais uma grande união entre a família, os irmãos, né, a gente é muito unido. Então, esse foi um dos primeiros fatos... fez com que a gente crescesse. Então, assim, acho que nada mais me abala dentro da igreja, quando as pessoas falam alguma coisa que eu não gosto, eu sou direta, sou bem expansiva, eu vou, pergunto, sabe, eu não deixo nada pra trás, eu gosto das coisas muito bem esclarecidas, e eu não me abalo. O fato de surgir alguns comentários, né, as pessoas, há muitas pessoas boas que vêm pra igreja, mas há também pessoas muito maldosas, a gente sabe disso. Então isso não me abala, eu falo assim: que nada que me acontece, depois de tudo isso, nada mais veio me abalar, sabe, eu aprendi a superar... Cada um cresce de uma forma, né, você cresceu pela doença, a gente cresceu pela dor, mas, assim, o que deixou de bom, né, foi assim o amor que a

gente viu que as pessoas tinham pela gente, que a comunidade tinha pela gente, né, todo mundo nos amparou e depois de tudo aquilo a gente viu, assim, que realmente aquelas pessoas que estavam do nosso lado eram pessoas que realmente gostavam da gente, né, e que estão até hoje junto com a gente...”.

A quarta participante narrou de forma breve e alegre a sua história, mostrando que o seu envolvimento com a igreja começou a partir de um convite que recebeu para ser catequista. Isso foi para ela um ‘susto’, porque não se julgava preparada e não conhecia ninguém na cidade, onde chegara recentemente. Sua vida na igreja restringia-se apenas às missas de que participava e, a convite de uma vizinha, uma formação que frequentava, dada por uma freira que coordenava um grupo de oração. Apesar do susto, ela interpretou esta situação como a providência de Deus em sua vida, uma vez que, ao ir para o primeiro encontro, viu-se obrigada a coordenar um encontro de pais das crianças da catequese. Teve que iniciá-lo com uma leitura da bíblia, mas não sabia manuseá-la; no momento de discutir algumas perguntas, não sabia o que falar. Após o encontro, sentiu que falou pouco, mas conduziu razoavelmente bem a reunião, fazendo os participantes falarem e, assim, entendeu que Deus a socorreu naquela hora difícil. A partir disso, compreendeu que Deus a chamava para uma vida comunitária, motivando-a a se envolver cada vez mais com a comunidade, conhecendo e sendo conhecida, ajudando-a assim a entender melhor, aos poucos, as coisas de Deus e a vida em comunidade. Afirma: “... É uma coisa que eu me recordo, assim, que valeu a pena pra mim, né? Deus estava do meu lado, estava ali e era pra mim caminhar, era aquele caminho que eu tinha que seguir. Cheguei na cidade, não conhecia ninguém, não tinha amizade com ninguém, nenhuma família, ninguém, então era pra uma comunidade que eu tinha

que entrar. Eu acho que foi um chamado [de Deus], né? É uma coisa que eu sempre lembro, agora eu dou risada, mas foi um susto (risos)”.

Uma quinta participante, de uma maneira clara, viva e serena, narrou sua história dizendo inicialmente que se vê como uma pessoa intensa em tudo o que envolve a sua vida. Falou da gravidez na adolescência e da violência física que sofreu por parte do pai da criança, seu primeiro namorado e marido, que a proibia inclusive de ir às missas; falou também do convite aceito para ser catequista na comunidade, mesmo sabendo que isso seria motivo de brigas com o companheiro, chegando mesmo a apanhar dele toda vez que saía para os encontros de catequese na comunidade: “... todo dia antes de sair para a catequese eu tinha que apanhar, porque ele (marido) não deixava; e eu continuei, eu falei: ‘não, eu vou apanhar, mas eu vou’, né, ia pra catequese, dava catequese...”. Quanto mais se envolvia na catequese, mais sentia necessidade de se envolver com a vida da comunidade como um todo. O seu envolvimento progressivo acabou por fazê-la desistir do primeiro casamento. Com o passar do tempo, participando de outras pastorais, inclusive do grupo de jovens, voltou a namorar e casou-se com um dos rapazes participantes, com quem vive até hoje, sofrendo a discriminação dos familiares e da própria comunidade, que não via com bons olhos uma mulher com filho partindo para uma segunda união. Revela ainda que ficou surpresa e disponível ao ser convidada pelo padre para coordenar a comunidade juntamente com o seu segundo marido, mas, ao mesmo tempo, sentiu na pele o preconceito, o desprezo de pessoas antigas e amigas no dia de sua posse como coordenadora. Diante de tudo isso, fiquei me perguntando onde ela queria chegar ao fazer uma síntese da sua caminhada dentro da comunidade. Aos poucos, ela foi-se abrindo cada vez mais e a resposta à minha questão foi

sendo esclarecida. Senti que ela queria falar mesmo era dos problemas atuais da comunidade e como se sentia diante deles. Iniciou falando que a comunidade não é mais a mesma: para ela, antes a comunidade era humilde, simples, pacífica, sem competição e sem disputa de poder; hoje ela a vê como um grupo de pessoas com uma maneira de pensar e agir padronizados, por motivos pouco ou nada coerentes com os valores evangélicos, dando destaque mais para o ter do que o ser e bastante preocupada em competir com outras comunidades e lutar pelo poder interno. Esta contradição entre a utopia comunitária e a realidade de sua comunidade faz a participante ficar confusa com seus sentimentos em relação à comunidade da qual participa, ou seja, se por um lado ela parece achar natural estes problemas internos e sente-se preparada para enfrentá-los, por outro lado, sente-se desmotivada, confusa e abalada em suas convicções acerca da comunidade que frequenta. Afirma: "... A minha vida em comunidade hoje, eu digo, que eu vivo dois momentos: a minha família... e a vida na comunidade. Eu não consigo ficar um domingo sem participar de uma celebração, eu não consigo ficar sem participar, sem preparar, tá junto, sem participar das festas, a minha vida se resume na comunidade e na minha família; eu não consigo mais viver sem isso, é uma coisa, assim, que eu acho se um dia falarem pra mim: 'olha, você não pode mais ser católica, você não pode mais participar da comunidade', é melhor me matar, porque eu não sei o que eu vou fazer... Por isso que eu sofro muito, eu sofro demais na comunidade, porque às vezes a gente vê coisas, a gente percebe situações de pessoas que levam aquilo como um status, né, e isso me dói, isso me magoa... Às vezes eu me desanimo muito, né, porque eu vejo pessoas assim em situações que não dão testemunho, sabe, daquilo que já aprendeu, daquilo que a gente vive... Talvez, como eu disse, estou vacilando um

pouquinho, né, não querendo coordenar, não querendo estar mais à frente, por causa de coisas que acontecem que eu discordo, que muitas vezes não posso falar e que quando falo [no conselho] eu sou vista como a polêmica, quando eu abro a boca só falto apanhar... Às vezes você vai contra o pensamento que é do grupo e que você acha que não é certo, né, talvez pode até ser, mas se você vai colocar, nossa... você é vista como realmente a pessoa que chega pra falar e que não precisava ter falado. Então, assim, é difícil, está sendo muito difícil, assim, hoje eu acho que é um grande desafio que Deus colocou pra mim, né, superar este grande momento de dificuldade...". Senti que a participante se referia à dificuldade de não mais poder contar com o apoio do padre com o qual ela se sentia apoiada, respeitada e valorizada, uma vez que ele mudou de paróquia, tendo que se adaptar ao novo sacerdote bem como ao novo jeito de ser da comunidade. Fiquei pensando se seria uma crise ou uma fase de transição dentro da comunidade; seja o que for, o fato é que a participante sentia-se mal com tudo o que estava acontecendo, duvidando inclusive de suas convicções. Diz ela: "... Este ano, né, do final do ano pra cá, eu sinto assim, que eu preciso, junto com a comunidade, sabe, me reerguer, me fortalecer, eu não tô conseguindo mais centrar; eu, por ser uma pessoa muito intensa, não tô conseguindo mais tá centrada, sabe, nas coisas da comunidade, tudo me irrita... Vou ter que confessar, porque o padre me tirou do sério, fiquei muito, muito enraivada com isso, eu nunca passei por isso, né, nunca senti isso, principalmente por um sacerdote, né? Então eu sinto, assim, que eu tô um pouquinho intolerante. Não seria intolerante, eu acho assim que eu tô meio, como que eu posso dizer, eu não tô mais tão firme, sabe, mais tão certa de que (riso discreto) eu vou conseguir ir até o fim. Eu sinto, assim, eu tô muito dividida, eu tô muita confusa, eu sinto que eu não vivo

sem a comunidade, sem viver em comunidade, sem estar em comunidade, porém eu sinto assim que alguns fatos têm me deixado, assim, muito distante desta comunidade, eu tô muito confusa, eu tô muito perdida, eu me sinto muito perdida... Eu acho, assim, que a minha caminhada hoje não tá mais tão firme, não tá mais tão intensa, tão centrada como era há um, dois anos atrás, porque eu não sinto mais apoio da comunidade, sabe, eu não sinto mais apoio; tudo o que nós vamos fazer, tudo o que nós imaginamos, tudo o que nós pensamos, barra em coisas bobas, sabe, em pensamento de um ou de outro; tudo que a gente pensa em colocar em prática, tudo que a gente sonha, tudo que a gente anseia para a comunidade, que é uma comunidade humilde, uma comunidade pacífica, uma comunidade, isso a gente percebe que não existe mais, né, isso a gente percebe que acabou... Hoje a comunidade, as pessoas que estão ali, né, elas pensam em fazer atos grandes pra ser melhor; olha só, isso eu acho um cúmulo, um absurdo, pra ser melhor do que a outra comunidade... Por isso que eu já não me encontro mais na comunidade, como liderança, como estando à frente eu não me sinto tão confortável, porque dá a impressão que você também faz parte desse pensamento... Isso me deixa enojada, esta é a palavra, sabe? Eu sinto, assim, que isso tem me tornado muito cética, porque eu não me identifico mais com esta comunidade, com este jeito de ser comunidade, né? Então isso é uma coisa que tem me feito fraquejar em alguns pontos, sabe, não me envolvo mais tanto, não tenho mais vontade de participar, participo porque sou obrigada, tenho uma pastoral... Não sinto mais aquela alegria, aquela felicidade de estar participando de festas, de tá envolvida com estas festas, de tá envolvida com estas situações, porque eu sinto, assim, que tudo que tão fazendo, e isso é a maioria, é porque um leva isso da cabeça do outro e vai levando isso é pra engrandecer, né? E eu



acho que, pra mim, o sentido de comunidade não é esse... Eu tô sentindo muita dor...". Por fim, esta participante questiona o foco que a comunidade está dando às suas práticas atuais, motivadas pelas aparências, esquecendo-se do essencial. Diante disso, ela vê apenas duas possibilidades para as pessoas novas que estão se aproximando da comunidade: ou elas se afastam ou se aliam àquelas idéias como referência para suas vidas.

A partilha de vida desta última participante foi longa e rica em detalhes. Senti que ela foi mobilizadora não só para ela e para mim como também para os companheiros, os quais acabaram por eleger espontaneamente a sua história (segundo momento), comentando-a com exemplos próprios, demonstrando assim solidariedade para com ela, aparentando uma certa intenção, consciente ou não, de ajudá-la a superar o momento difícil pelo qual está passando dentro da comunidade de que participa. Neste sentido, alguns reagiram, argumentando, entre outras coisas: a ideia que ela fazia da igreja era perfeita, por isso, ao presenciar coisas erradas, foi com surpresa e sofrimento que constatou que a Igreja é também cheia de defeitos, erros, acertos, pecados, glória etc, mas mesmo assim faz o melhor que pode, sem a intenção de competir; a comunidade confunde a figura da coordenadora com a de uma síndica que deve resolver tudo, por isso ela esteve prestes a desistir, mas quando pára e pensa que um dia foi feliz ou é feliz, reúne forças para continuar na caminhada; como liderança, pôde aprender o quanto é importante refletir antes de falar, pois as interpretações são variadas e as críticas, muitas vezes, impiedosas; há necessidade de se estabelecer critérios para exercer uma função na comunidade, não envolvendo a família nas fofocas; e, às vezes, a homilia do padre ajuda, orienta, chacoalha, ilumina e faz refletir sobre o viver em comunidade. Confesso que, nesse

momento, fiquei um pouco perplexo e constrangido com tudo o que ouvi, pois todos queriam aproveitar a oportunidade para desabafar, falando de coisas negativas que estavam afetando-os, relacionadas à minha saída da comunidade paroquial e à chegada do meu sucessor, permitindo assim certo alívio à maioria dos membros por comentar uns para os outros na minha presença. De todo modo, achei importante deixar os fatos fluírem naturalmente, sem intervenção, pois entendi que era uma necessidade do grupo e isso poderia ajudar no seu desenvolvimento.

O encontro terminou com um convite para cada um dizer o que levava daquela noite para a sua vida (terceiro momento). Todos foram unânimes em dizer que percebem com mais clareza que os problemas relacionados à vida de comunidade não são exclusivos de quem os sente, mas estão de certa forma refletidos, às vezes mais às vezes menos, na história de cada um dos presentes. Fizeram também outras reflexões: que o encontro possibilitara um aprendizado, pois viam de um jeito e agora começavam a enxergar de outro; que compreendem a força da perseverança e da esperança; que não se permanecer perdido diante dos problemas, mas refletir para agir melhor na própria comunidade, assim como um “peixe que volta para o aquário”; que é fundamental criar oportunidades pelo diálogo; que tudo o que aconteceu naquela noite permitiu uma nova experiência, útil para a vida pessoal e comunitária. Senti uma identificação entre os membros do grupo, importante não só para os próximos encontros mas também como ajuda para o fortalecimento pessoal a fim de se continuar a caminhada comunitária, na medida em que os auxiliou na elaboração pessoal de suas experiências, possibilitando novas significações da própria vivência, conforme relatadas nas versões de sentido (VS) transcritas a seguir.

Tudo culminou com um lanche com refrigerante oferecido pela família hospedeira e partilhado por quase todos, com simplicidade e alegria.

Segue aqui, por ordem alfabética, a VS de cada participante:

- Aline: Eu estou muito à vontade, gostei muito de participar, mas quase não falei, porque o tempo foi curto. Foi legal.

- Carla: Senti que ainda posso esperar algo que novamente revigore minha caminhada na comunidade. Percebi a importância de partilhar e de como isso me satisfaz.

- Débora: Este encontro para mim foi uma experiência muito boa, porque é tudo o que estou vivendo neste momento. Mas isso vai fazer com que eu possa crescer mais na minha comunidade.

- Élen: O privilégio de poder falar em voz alta os meus sentimentos, partilhando entre pessoas que têm fé em Deus para sua vida. E ao mesmo tempo ouvir cada um. E junto o Pe Henri. Levo a certeza de viver e conviver cada vez mais a vida de fé em comunidade.

- Francisca: Eu achei o encontro muito bom, me identifiquei com muitas histórias, me senti aliviada com muita coisa que me incomodava.

- Hélio: A partir das experiências relatadas, por cada um dos integrantes da reunião, percebi que muitas dificuldades e muitos obstáculos foram aparecendo na caminhada, mas que Deus foi a principal razão de superação dessas dificuldades e obstáculos.

- Júlia: Igualdade, sabedoria, determinação, tolerância, coragem e amor.

- Henri: Senti-me contente e satisfeito ao ver como os participantes entenderam bem a proposta do grupo, partilhando suas experiências de vida a partir da comunidade; no final fiquei incomodado com comentários relacionados à minha pessoa... desviando assim da proposta, mas achei importante respeitar esta necessidade do grupo de falar sobre mim.

- Meire: Este primeiro encontro para mim veio acrescentar mais à minha vida espiritual, tendo a certeza que o Pai me ama cada vez mais.

- Nara: Este encontro para mim foi muito gratificante no sentido de aprender com a partilha do relato de cada membro participante.

## Narrativa 2

O segundo encontro aconteceu na mesma casa. Quando lá cheguei, alguns colaboradores já haviam chegado e estavam conversando sobre assuntos diversos. Desta vez, a sala de reunião já estava preparada pela família, que tomou o cuidado de manter o ambiente físico de acordo com o primeiro encontro. Enquanto aguardávamos os demais membros, em meio a conversas triviais, fui organizando o material que seria utilizado: folhas, canetas e gravador. Na hora combinada, dei as boas-vindas aos oito participantes presentes. Neste momento, uma das participantes justificou a falta de um membro do grupo, afirmando que ele não tinha desistido, mas não poderia participar naquele dia, em função de compromisso assumido antes de se remarcar este segundo encontro. A justificativa demonstrou compromisso, atenção e respeito para com os demais membros.

O encontro propriamente dito teve início quando eu comuniquei que iria colocar em cima da mesa de centro um relógio para que todos pudessem controlar o tempo previamente combinado. Na mesma mesa, depus também uma folha com letras grandes contendo os três momentos previstos, os quais igualmente deveriam ser levados em conta dentro do horário e assim orientar cada um e todo o grupo, sem necessidade de muita intervenção na condução das atividades. Lembrei também que ninguém era obrigado a falar, muito menos em todos os momentos. Todos os participantes mostraram-se de acordo com tal procedimento. A seguir, coloquei a mesma instrução disparadora da reunião anterior, a saber: “Estamos aqui para compartilharmos experiências de vida.

Poderíamos começar cada um escolhendo alguma experiência pessoal que tenha relação com a vida na comunidade, e contando essa experiência para o grupo”. A esta instrução, acrescentei que a experiência a ser contada poderia ter uma relação direta ou indireta com a vida na comunidade. Estranhei um pouco quando, logo após a instrução, um dos participantes imediatamente começou a contar sua história, dando-me a impressão de que a selecionara com antecedência. Ao escrever neste momento, fico pensando que talvez isso possa ter acontecido, porque ele, por algum motivo, não narrou a sua história na reunião anterior, restringindo-se apenas a fazer pequenas colocações a partir da fala dos outros participantes. Teria se sentido obrigado e motivado a contar no segundo encontro a sua história, uma vez que não o fizera no primeiro? Mesmo assim, coloquei-me em atitude de escuta atenta. Este primeiro colaborador falou de uma experiência que teve quando participou de um encontro de casais na igreja, denominado “Encontro de Casais com Cristo”, destacando o quanto essa experiência o ajudou espiritualmente na época e o ajuda até hoje à medida que o motiva para um engajamento maior em uma comunidade. Narrou o quanto foi bom aquele encontro de casais, sobretudo como se sentiu positivamente impressionado com o testemunho de um palestrante que deu depoimento, de forma apaixonada, sobre a sua conversão. Sentiu-se marcado pelo entusiasmo e mudança de vida de um palestrante, policial militar, que contava abertamente sua vida, antes e depois da sua conversão, atribuindo ao contato com a palavra de Deus na Bíblia o seu questionamento sobre a conduta errada que estava levando, uma vida desonesta, corrupta etc. Deixou claro que muito o impressionou a convicção e o entusiasmo do palestrante. Isso o fez se questionar: “... Meu Deus, será que um dia eu vou ser uma pessoa com essa espiritualidade toda, com essa,

vamos dizer assim, com essa maneira de viver que ele está vivendo agora, segundo ele, né, ele mudou totalmente... Será que um dia eu também vou ter esse momento de falar: 'poxa, acho que chegou a hora de eu mudar também', né, de eu ter uma vida diferente, uma vida nova, uma vida em Cristo realmente, né, porque o sentido do encontro era realmente esse, né? Então mostrar pra você qual é o sentido de Cristo na vida da gente, que não é só ser um participante da missa, né, como a gente era...". Para o participante esta experiência foi determinante para despertar um desejo e necessidade de fazer algo além do que já fazia como cristão. Ele e sua esposa saíram do encontro de casais com o intuito de fazer algo útil na comunidade, sem saberem exatamente o quê. Acabaram por descobrir a necessidade de agruparem alguns casais para partilhar a vida e a espiritualidade, indo além da participação nas missas. Afirma: "... A partir deste encontro de casais com Cristo, principalmente dessa palestra, as coisas na vida foram mudando, né, a gente percebeu essa iniciativa de querer fazer alguma coisa diferente; e aí a gente reuniu os casais no final de semana em Barão pra conversar a respeito do que foi falado, pra procurar fazer uma amizade, formar grupos, né? Então isso foi ficando gostoso... virou uma coisa mais, é, vamos dizer assim, um grupo mais integrado, né?". Portanto, o participante considera tudo isso como "um momento em que deu aquela alavancada pra que realmente as coisas fossem diferente na vida da gente, né?".

Uma segunda participante sentiu a necessidade de partilhar a sua história a partir da que fora contada pelo participante anterior, dando assim certa continuidade à sua fala. Diante da dúvida do primeiro narrador sobre o efeito do mencionado encontro de casais com relação à sua esposa, que não estava no grupo de partilha, ela disse que poderia ajudá-lo a compreender uma história que

aconteceu entre elas – segunda narradora e esposa do primeiro narrador – dentro da comunidade em que atua. Contou que um dia, como catequista, atendeu a sua esposa que a procurou para inscrever o seu filho na catequese, mas queria também falar do menino e dos seus problemas, sentindo-se ela acolhida e escutada na sua necessidade de mãe. Esse fato fez com que a esposa sentisse e interpretasse esta segunda participante, catequista, como sendo boa, paciente e humilde, aproximando-se as duas, assim, pela empatia. Posteriormente, dada a necessidade de renovar o quadro de coordenadores das pastorais da comunidade, a participante narra que a convidou para ser coordenadora da pastoral do batismo, convite que foi aceito pela amizade entre elas. Diz: “ ... Aí ela disse que quando eu fui convidá-los pra que vocês fossem pra pastoral do batismo, ela não teve como falar não... E eu fiquei feliz. Falei: ‘bom, se eu consegui transmitir uma humildade... Se isso aconteceu com a Rafaela (nome fictício) pode ter acontecido com outras pessoas’, porque eu tratava todo mundo da mesma maneira...nunca eu fui, assim, diferente com ninguém. Então eu falei: ‘...tomara que tenham mais Rafaelas por aí’ (risos).” Durante a sua narrativa, senti que ela ficava sempre constrangida quando narrava que algumas pessoas na comunidade, sobretudo a Rafaela, a julgavam uma pessoa humilde, dando-me a entender que ela fica surpresa quando as pessoas têm essa percepção da sua pessoa.

Uma terceira participante também narrou sua história a partir da fala do primeiro participante, contando que sempre caminhou sozinha na igreja e ficava triste porque o seu marido não a acompanhava, apesar de ser bom marido e bom pai. Tudo mudou quando o casal recebeu um convite para participar do Encontro de Casais com Cristo. Após este encontro, os dois começaram a frequentar



assiduamente a comunidade, tanto para as missas quanto para os trabalhos que precisavam ser realizados. Diz: "... A gente fez esse encontro e, assim, uma coisa muito, foi muito gratificante, porque a gente começou a nossa vida de casal dentro da igreja, a partir desse encontro há 21 anos atrás. Então, assim, foi uma experiência na nossa vida, né, como família, de viver, de participar na igreja juntos. Até hoje a gente faz praticamente tudo junto..."

A quarta participante contou várias situações ou histórias que julgava importante dizer naquele momento. Inicialmente falou do tempo em que morava sozinha com seu pai, muito católico e que a levava sempre para a igreja, participando da vida da comunidade naquilo que era possível, inclusive do grupo de jovens. Órfã de mãe na infância, com a morte do pai, na adolescência, ficou magoada com Deus, por tirar aquilo que ela tinha de mais precioso na vida. Afirma: "... Eu falei que eu tinha brigado com Deus, porque ele tinha tirado a coisa mais preciosa, porque era só eu e meu pai, né, os outros irmãos eram todos casados. E continuei a vida... Mas sempre ia (à missa), né, finados, natal, sempre tava, minha família se reunia, então a gente sempre ia, assim, mas não participava mais...". Falou também de algumas pessoas religiosas que marcaram sua vida, sobretudo sua catequista e sua sogra. A primeira no sentido de que até hoje é uma referência para ela, pois sempre se lembra de muita coisa aprendida na época em que frequentava a catequese. Mas a participante não diz exatamente o que a sua catequista falou de tão importante, dando a entender apenas sentir-se ligada a ela afetivamente e, quando lembra dela e de tudo que viveu com ela na catequese, sente-se bem. Quanto à sogra, considera-a uma mulher de grande fé, que muito a ajudou a voltar a caminhar na igreja. Afirma: "... A dona Helena (nome fictício) era, assim, tem uma fé, assim, muito grande.

Ela abriu mesmo o meu caminho, ela fez eu enxergar mesmo que o que eu tinha deixado pra trás, né, tinha deixado de lado e que sempre me acompanhou...”. A participante narra também que, quando começou a participar do grupo de oração da comunidade do seu bairro, foi convidada várias vezes para dar testemunho, mas acreditava, desde a mocidade, que era preciso ter uma vida sofrida para testemunhar a ação de Deus, portanto, era preciso sofrer para ter fé. Entretanto, segundo ela, ao participar das reuniões, foi descobrindo que tinha algo para dizer, pois sentia a presença de Deus na sua vida; além disso, tinha também uma vida sofrida para partilhar e, ao partilhar, foi descobrindo que isso fazia bem às pessoas que a escutavam. Diz: “... Comecei a soltar, comecei a falar para as pessoas, e isso começou a ajudar as pessoas, a pessoa não ficava triste do meu lado, né?... Comecei a achar legal, falei: ‘poxa, vou começar a falar’, porque eu via que encorajava a pessoa, eu não deixava a pessoa mais triste... Eu sempre falava junto com a igreja, tudo o que aprendia nas reuniões...”. Narra também uma outra história, testemunhando que a palestra dada por uma pessoa de outra comunidade foi decisiva para ela se engajar mais ainda na própria comunidade. Ficou positivamente impressionada com a forma como a palestrante falou, emocionando a ela e a todos os ouvintes. Diante disso, sentiu a necessidade de fazer o mesmo. Afirma: “... Falei: ‘ meu Deus esta mulher está aqui, olha quantos casais estão tocando com a palavra. Puxa, que bonito, né, por que que eu também não posso fazer isso?... Pô, vou começar a me abrir mais para as pessoas da minha comunidade...”. A participante diz ainda que a comunidade foi e é para ela um espaço de crescimento, que ela não se arrepende de participar. Esclarece: “... Você vai numa comunidade, às vezes você entra calado e sai muda, mas só do sorriso que você dá para as pessoas, nossa ajuda demais. Eu

comecei a trabalhar, assim, de voluntária na comunidade, na pastoral social que tinha, né? Então a gente ía visitar as famílias necessitadas, às vezes tem dia que você não tinha nada pra levar, mas só de você ficar lá dentro do barraco de madeira que eles tinha, a mulher chorava, entendeu, você não falava nada, ela mudava: 'ai, obrigado por você ter vindo hoje'... . Então aquilo eu fui amadurecendo, mas pra minha vida pessoal mesmo, como mãe, como mulher, sabe, eu falei: 'puxa que legal... valeu tudo a pena, vale tudo a pena, eu não me arrependo'. Às vezes eu perdi, assim, momentos de ficar com o meu marido, com a minha família, né, com os filhos, mas isso amadureceu muito pra mim, pra minha vivência na minha família... Isso que me ajuda a viver o dia a dia mesmo. Você tem que alimentar a sua espiritualidade sempre, você não pode, aí, deixar de lado e quando tiver saudade eu vou lá, não é assim, não é assim que funciona...". Quando a participante fala de seu trabalho voluntário na comunidade, sobretudo nas festas, entende que o cansaço é físico e não mental, sente-se feliz apesar do sacrifício; quando fala das dificuldades da vida, diz que é mais um motivo para se prender à sua fé e com ela enfrentar cada dia; quando comenta sobre os seus filhos adolescentes expressa as dificuldades que sente na educação deles, mas acredita que o seu exemplo de vida na comunidade pode ajudá-los a serem pessoas melhores no futuro.

Uma quinta participante, de forma emocionada, narrou também a sua história a partir da primeira fala. Para ela, que já participava da comunidade, era um sonho poder participar do Encontro de Casais com Cristo, pois acreditava que isso seria a porta de entrada para uma caminhada conjunta do casal na comunidade. Diz que, por muito tempo, sentiu-se angustiada pelo fato de o marido nunca aceitar fazer essa experiência junto com ela. Muitas vezes sentiu

vontade de desistir da caminhada na igreja, pelo fato dele não participar nem das missas, chegando inclusive a brigarem muito por isso. Dialogando com o padre sobre esta situação, foi aconselhada a olhar diferente para o problema, valorizando o fato de que o marido, embora distante, dava-lhe plena liberdade para participar, diferente de tantas outras mulheres da própria comunidade, que eram sempre pressionadas pelos respectivos maridos a não se envolverem com a comunidade. Esta era a colaboração do seu marido para a vida da comunidade. A partir dessa orientação, a participante narra que parou de brigar com o marido e começou a caminhar sozinha e mais tranquila na comunidade. Esclarece: “Então eu tentei, né, na minha caminhada fazer este encontro, né, de casais e eu não consegui... Eu tava desistindo da igreja, porque eu falei: ‘como que eu vou pra igreja sozinha? Por que eu vou trabalhar na igreja sozinha?... Por que meu marido não tá junto? Por que que eu tenho que ir sozinha pra igreja, né?... Ai eu vou largar tudo, vou largar tudo’. Mas quando eu falava que vou largar tudo, eu pegava mais (risos)... Eu brigava porque eu queria que ele (marido) fosse, né? Aí eu parei de brigar, eu falei: ‘não, eu vou é sozinha, também eu não nasci com ele, né, eu vou fazer a minha parte, né, eu vou caminhar sozinha’... mas só que a gente partilha, às vezes em casa, né, as coisas...quantas vezes acontecia coisas, assim, de meus filhos estarem participando, quando teve teatro, né, eu chegava em casa, eu ia partilhar com ele e falava. E aí eu não estava cobrando mais... Aí a gente ficava assim, um dia ele falou assim: ‘acho que eu tô perdendo muita coisa’. Aí começou a ir... aí foi, mas daí foi e afastou de novo... Estou contando essa historinha porque... eu acho que não chegou a hora dele ainda. Então eu acho que vai chegar um momento dele caminhar...”.

Sexto participante: eu, o padre. Senti a necessidade de também partilhar uma história pessoal acontecida há 16 anos, que tinha tudo a ver com a comunidade. Senti que esta iniciativa foi bem compreendida pelos participantes, que a partir desse momento me viram mais como um membro do grupo do que um simples coordenador. Falei da crise pela qual passei no início do meu sacerdócio, provocada pelas dificuldades colocadas por várias pessoas significativas da época, que se recusavam, intencionalmente ou não, a criar as condições para o meu trabalho. Diante da dificuldade inicial, com a chegada de um novo padre na cidade, a esperança reacendeu em mim e iniciou uma nova relação com ele, que sinalizou o desejo de apoiar o meu trabalho e ajudar nas minhas necessidades pessoais. Refletindo hoje sobre esta história, vejo como é importante atitudes de fé, esperança, humildade, sacrifício, paciência e perseverança como pontos-chave para a superação de uma crise e busca mesmo de felicidade. Afirmei: "... E passei os dezesseis anos aqui mais felizes de toda a minha vida. Então, por que tô contando isso? Como é que no começo da gente, na caminhada, tudo é difícil, cheio de obstáculos e se você não tem este espírito de fé, de perseverança, de paciência, né, e de humildade para ter que escutar tanta coisa, né, você acaba desistindo no começo e você aborta uma missão que pode ser a realização da sua vida... Quem tem a fé, né, vai passar por esse vendaval e vai chegar, vai ter dias melhores, e vem. Então, às vezes, os dezesseis anos mais felizes da minha vida, é verdade, mas se eu não tivesse essa atitude, né, que vem pela fé...eu teria abortado a minha própria felicidade. Então, às vezes, ser feliz passa por aí, engolir sapo, ser humilde, perseverante e ver a tempestade como uma oportunidade pra você caminhar mais..."

A sétima participante narrou sua história, de forma engraçada, contando o quanto foi importante para ela e o marido serem convidados pelo padre a dividirem o altar com ele em uma das missas, sobretudo considerando que essa era uma vontade dela, porém praticamente impossível de realizar, pois alguns paroquianos não permitiam, por não serem casados, na época, na igreja. Esta experiência a fez sentir-se acolhida na comunidade. Diz: "... Eu me senti acolhida pelo padre... você se sente importante... você se sente querida...". Um dos participantes reage à fala desta participante, dizendo que tem coisas na comunidade que as pessoas falam e fazem, que acabam afastando as outras. Daí a necessidade de acolher as pessoas como elas são: "... Eu penso assim, a gente tem que acolher a pessoa como ela é... Então, eu acho assim, que muitas coisas que se falam, afasta, assim como muitas coisas que se falam, acolhe, né, te encorajam, né?... A gente tem que tomar cuidado, porque muita coisa afasta. É uma palavra dita em hora errada, é uma palavra dita sem precisão, sem necessidade, pode afastar as pessoas da igreja". Reagindo a esta fala, outra participante reflete: "... Eu vejo assim, não é porque você está na igreja que você é dono da verdade...".

A oitava participante quis, inspirada na fala dos outros, comentar sobre a perseverança a partir de uma história sua na comunidade. Disse que, em uma de suas dúvidas, aconselhou-se com o padre e sentiu-se profundamente incompreendida por ele, que a tinha convidado para coordenar a comunidade. Tentada a desistir, em oração se sentiu fortalecida e iluminada e, assim, decidiu perseverar na missão recebida. Hoje considera este padre como um de seus melhores amigos. Esclarece: "... Eu chorava... mas eu não desisti. Falei: 'não, um dia ele vai me entender, vai me entender, porque eu não tenho experiência

nenhuma e ele me colocou para coordenar a comunidade'; e fui rezando.... e chegava diante do Santíssimo lá na capelinha do salão... e falava: 'Deus, o Senhor quer que eu ajudo, então me ensina, me ensina porque eu não sei; e ele foi me ajudando e através desta perseverança, de muita luta, eu fui conseguindo. E hoje eu vejo o padre Alberto (nome fictício), assim, o meu melhor amigo (risos)". Durante a fala desta participante senti que ela queria comentar ainda sobre a mudança de padre na comunidade, buscando expressar sentimentos sobre o padre antigo e o novo, demonstrando que isso é ainda para ela um problema a equacionar, um sentimento a ser mais bem trabalhado, parecendo aquela oportunidade um momento adequado para falar sobre isso. Vários participantes, a partir dessa fala e da minha partilha, sentiram necessidade de abordar também fatos ocorridos com padres da igreja, dando a entender que a perseverança pode ocorrer quando os padres não os compreendem em suas falas e práticas na comunidade, embora alguns reconheçam que quando param para refletir, muitas vezes, concluem que o padre tem razão no que fala ou na decisão que toma.

A nona participante conta a sua história narrando uma experiência que teve na comunidade no dia anterior à realização desse encontro: uma mulher de fora, que vai de vez em quando à missa da comunidade, e que ela não conhecia, aproximou-se dela, abraçou-a e fez elogios à sua pessoa, dizendo o quanto gosta dela, pelo que ela é, fala e faz na comunidade, quando era coordenadora e ainda hoje. Devido às dificuldades que está passando na sua relação com a comunidade, narrada no encontro passado, tal fato levou-a a se sentir melhor na própria comunidade e a entender que era Deus que estava falando com ela através da mulher desconhecida. E mais: isso a fez refletir sobre a importância de sorrir, acolher, abraçar e transmitir o que se sente para o outro, dentro e fora da

comunidade. Considera a sua vida cheia de turbulências no momento, mas feliz, pois tem trabalho, casa, família, comunidade etc e consegue transmitir para o outro um sentimento de autenticidade. Afirma: "... Então, eu penso assim, né, como é importante você sorrir, como é importante você transmitir o que você realmente sente... e quando você, mesmo no momento de dor, mesmo no momento de sofrimento, você ri, você acolhe, você abraça, você, né, eu acho assim, que você está realmente mostrando o que tá lá atrás, o que tá lá dentro, eu pelo menos... Eu aprendi que eu tenho que falar, né, eu tenho que expor, eu tenho que ser, tenho que trazer o que tá dentro de mim, porque senão eu não sou eu, senão realmente eu sou falsa... Acho assim, que a gente tem que, muitas vezes, tomar cuidado com aquilo que faz, tomar cuidado com o que faz, porém tem que transmitir sempre, né, aquilo que você é... ”.

Em relação ao segundo momento (escolher uma história ou tema comum e contar outras histórias relacionadas à escolha), mesmo com o cartaz em cima da mesa determinando os três momentos previstos, não foi possível desenvolvê-lo formalmente, mas penso que o grupo acabou acertando, ao escolher espontaneamente três pontos mobilizadores: o primeiro foi sobre o Encontro de Casais com Cristo, história narrada pelo primeiro participante e que motivou a fala de vários outros; o segundo foi o tema da perseverança, que também serviu como motivo de partilha para alguns participantes, e o terceiro foi a pessoa do padre como alguém importante para a comunidade e que motivou algumas falas, sobretudo a partir da sua (minha), enquanto padre que atuou na comunidade por muito tempo. Neste momento senti que o melhor a fazer era não interferir na dinâmica própria do grupo, pois a partilha estava fluindo normalmente, sem desviar do foco proposto.



No terceiro e último momento, os participantes falaram um pouco sobre o que significou para eles aquela noite (terceiro momento). Consideraram que foi um encontro de partilha sobre a perseverança, a fé, a humildade e a acolhida, buscando aceitar a si mesmo e ao outro como são, evitando julgamentos e preconceitos; que os obstáculos não devem desanimar, pois são permitidos por Deus a fim de favorecer o crescimento, dando sentido ao existir. Isso é importante tanto para a vida pessoal assim como para a vida de comunidade. Por fim, senti, por algumas vezes, que o encontro foi bom, embora não tão entusiasmante como o primeiro. Seria próprio de uma dinâmica grupal? Tudo acabou com a família oferecendo uma deliciosa sopa de grão-de-bico com frango para os participantes, que com alegria e simplicidade prolongaram por mais uma fatia de tempo o convívio grupal.

Segue abaixo a VS produzida por cada participante:

- Aline: Quero dizer que está muito bom este momento que estamos juntos, partilhando toda essa vida de comunidade. Tenho muito a dizer nos próximos encontros. Padre Henri, tudo o que já passamos juntos na comunidade foi uma experiência boa.
- Carla: Tudo passa, só o amor permanece. Apesar de tudo podemos perseverar pois nossa caminhada não é em vão. Com Jesus a vitória é certa. Isso tudo me motiva a continuar a caminhada.
- Débora: Hoje foi mais um dia de experiência na minha vida, recordei coisas que está dentro de mim e que fez um alívio no meu coração, quando isso é colocado para fora e você sempre adquire novas experiência no grupo.
- Francisca: Revi o passado, me sinto de alma lavada, muito bem mesmo, uma experiência incrível.

- Hélio: O encontro de hoje mostrou não só para mim como aos presentes a importância da humildade e da acolhida na caminhada de fé. E que não devemos desanimar nunca perante as dificuldades na caminhada com a comunidade e como Deus nos capacita para os trabalhos na igreja e, conseqüentemente, nos mostra a influência deste trabalho na nossa vida no dia a dia.

- Henri: Senti que foi um encontro descontraído, diferente do anterior na parte final, embora as pessoas desenvolvessem algumas falas mais cognitivas do que afetivas e também falassem um pouco de algumas experiências ligadas à minha pessoa em suas vidas. Senti-me bem também por me permitir contar uma história pessoal, vendo-me como membro do grupo e não só facilitador.

- Júlia: Você é do tamanho daquilo que pensa, idealiza, constrói, não do tamanho da sua medida de altura... Vivenciando momentos bons ou ruins você adquire sabedoria, se tornando mais humilde, generoso e amadurece várias atitudes...

- Meire: Neste segundo encontro foi muito bom a partilha de cada um, em saber que a nossa fé nos levou a caminhar, que jamais eu pudesse pensar que chegaria o amor aos irmãos.

- Nara: Este encontro me deixou muito feliz ao descobrir que os trabalhos por Deus determinados à minha pessoa na comunidade rendeu bons frutos.

### Narrativa 3

No terceiro encontro, o gravador não funcionou. Para organizar esta narrativa, baseei-me na memória e nas minhas anotações. Desta vez a partilha aconteceu em outra casa, também de um dos participantes, e contou com a presença de oito dos nove integrantes do grupo. A pessoa ausente não justificou sua falta. Estava também presente uma pré-adolescente, neta de uma das participantes, que foi bem acolhida por todos, inclusive por mim, e que não perturbou o desenvolvimento do grupo. Quando cheguei à casa, o ambiente já estava preparado, isto é, a televisão desligada, a sala limpa e organizada, com um assento garantido a cada participante. Percebi o quanto para a família era importante acolher o grupo em sua casa, mostrando-se honrada e orgulhosa em poder ajudar na realização do encontro. Aos poucos, cada um foi chegando e todos foram conversando assuntos diversos, com sorrisos nos lábios e humor nas falas. Este momento achei importante, pois ajuda as pessoas a se sentirem mais espontâneas, descontraídas e próximas, criando assim um clima mais favorável para o encontro planejado. Mais ou menos na hora prevista, iniciei o encontro dando boas-vindas, agradecendo a presença de todos e lembrando o objetivo do grupo. Depois pedi um tempo de silêncio e solicitei que cada um pensasse em um tema que gostaria de expor naquela noite. Os temas foram: relacionamento de todos os membros de uma comunidade com o padre, fidelidade à igreja, amor ao próximo, doação à comunidade, acolhimento, compromisso com a comunidade, honestidade e liberdade de expressão dentro da comunidade. Embora não fosse pedido, alguns sentiram necessidade de justificar o tema escolhido, o que foi bem

aceito por todos e respeitado por mim, facilitador do grupo. Após a apresentação dos temas, pedi a todos que fizessem mais um tempo de silêncio e escolhessem no baú de suas vidas uma história relacionada ao tema escolhido e que tivesse, direta ou indiretamente, relação com a vida da comunidade. Feito isso, solicitei então que os participantes contassem livremente as suas histórias.

A primeira participante narrou dizendo que atuou muitos anos como coordenadora da comunidade e que isso foi muito bom, pois aproximou-a mais do padre, ajudando-a a conhecê-lo melhor e também a fazer a ponte entre ele e a própria comunidade. Comentou que esta oportunidade que teve, deve ser estendida a outras pessoas, dando a elas a chance de fazer esta experiência de uma proximidade maior com o sacerdote, desmistificando assim a sua figura. Afirma: "... Eu me sinto feliz por ser uma pessoa próxima do padre e por conseguir fazer a ponte entre ele e a minha comunidade...".

A segunda participante falou sobre honestidade. Narrou que como coordenadora de uma comunidade tinha, além da responsabilidade de animar pastoralmente o grupo, a responsabilidade de coordenar a parte material, uma vez que estavam construindo o templo. Quando ia pagar as contas no comércio local, muitos perguntavam se queria que colocasse valores maiores nas notas, superfaturando assim as compras. Diz que se sentia incomodada com isso e nunca aceitou essa prática. Isso a fez mais respeitada pela própria comunidade, que aumentou a confiança em sua pessoa. Afirma: "... Hoje eu sinto que as pessoas na comunidade me respeitam mais, confiam em mim, né, porque eu fui honesta, não fazendo coisa errada como muita gente faz...". Ao escutar essa participante, senti que ela percebia esta sua postura como algo digno graças ao

qual vive melhor com sua própria consciência e com os outros, sobretudo com as pessoas da comunidade na qual caminha.

A terceira participante abordou a acolhida. Narrou que, quando decidiu caminhar na comunidade, sentia-se uma “anta”, com muitas limitações intelectuais, despreparada, com dificuldades reais para compreender os textos, sobretudo os de catequese, porta de acesso a ela para uma vida mais engajada na comunidade. Apesar dessas dificuldades, contou que se sentiu muito bem acolhida pelas catequistas que, durante as reuniões de preparação para os encontros de catequese, lhe possibilitaram uma verdadeira experiência de fraternidade e solidariedade. Disse que as catequistas a ajudaram de forma paciente e amorosa, resolvendo suas dúvidas mais simples, atendendo prontamente em suas necessidades, fortalecendo-a e encorajando-a na escolha feita. Afirma: “... Na época, quando eu estava começando na catequese, eu não sabia nada, eu era uma anta, então eu ia para os encontros de preparação e fui bem acolhida pela Vanda, Isaura, Lílian, Diogo [nomes fictícios], que me ajudaram muito, né, respondendo minhas perguntas com calma, sem fazer diferenças entre eu que não sabia nada e elas que já sabiam bem mais do que eu.... Isso pra mim deu força, coragem... foi uma experiência de fraternidade mesmo...”. Isso tudo a fez e faz sentir e pensar até hoje que, se não tivesse passado por esta experiência positiva de acolhida naquela época, talvez tivesse se afastado da comunidade, uma vez que era “quadrada” para entender até mesmo que a não acolhida faz parte da vida real de uma comunidade. Diz: “... Eu fico pensando hoje: ‘talvez se eu não fosse acolhida naquela época, com aquela cabeça quadrada que eu tinha antes, eu não estaria hoje caminhando na igreja, teria desistido de tudo’...”. No relato dessa história, senti um grau de grande

maturidade na medida em que ela compreende que uma comunidade é feita de pontos positivos e negativos, mas que a acolhida, sobretudo para quem está chegando, é fundamental para que o outro se sinta em casa, principalmente quando ele não tem uma bagagem de vivência comunitária. Esta postura é, muitas vezes, determinante para a perseverança ou não do outro em sua opção de viver comunitariamente.

A quarta participante falou sobre o que é ser voluntário na comunidade. Contou que desde adolescente gostava de participar de atividades voluntárias. Na comunidade da qual participa hoje, no entanto, tudo começou com um convite para atuar na pastoral social. Durante o tempo em que esteve nessa pastoral, descobriu que, mais do que carência material, havia carência afetiva. Isso a fez gostar mais ainda do seu trabalho, pois sentia-se contente em poder se relacionar com as pessoas, ajudando-as não só com alimentos e outros bens, mas também dando e recebendo atenção, carinho, conselhos etc. Aprendeu que dar mais dignidade às pessoas não significa simplesmente levar coisas às suas casas. Afirma: "... Aos poucos eu fui descobrindo, né, que as pessoas não queriam só ajuda material, elas queriam atenção, carinho, alguém pra conversar... Então, né, eu passei a mudar o meu jeito, comecei a visitar e conversar mais... Aí eu fui conhecendo melhor as pessoas e elas a mim...". Avalia que esta sua experiência de vida na comunidade foi muito positiva, pois mais aprendeu do que ensinou. Hoje, das muitas famílias que visitou e ajudou, tem mais contato com apenas duas, que estão indo sempre à comunidade. Acha pouco, mas sente-se feliz por tê-las ajudado a despertarem para a participação comunitária. Entende que o trabalho não foi em vão, que a semente está crescendo. Entende também que, embora não tenha contato com as famílias assistidas por ela, através da pastoral

social, já se sente satisfeita, pois deu a sua contribuição. Hoje não está mais ligada à pastoral social, mas sente muita falta deste tipo de trabalho, pois considera fundamental a ligação entre o falar e fazer. Afirma ainda que não espera retribuição alguma pelo que faz voluntariamente na comunidade, a não ser o carinho natural das pessoas que ela encontra, expresso em um sorriso, abraço etc. Por fim narra que se sente especialmente feliz por conseguir passar este seu espírito voluntário na comunidade para os seus filhos, que também estão assumindo isso como um valor para sua vidas, dando a entender que toda esta sua experiência comunitária foi e está sendo importante não só para ela mas também para a sua família hoje. Ao escutar a história dessa participante, partilho a sua preocupação, ao levantar o tema e justificá-lo no início do encontro, acerca dos motivos possíveis que levam uma pessoa a ser voluntária, sobretudo considerando que tudo começou para ela ainda quando era bastante jovem. Constatei maturidade em sua experiência de vida quando fala da importância de uma coerência entre o que se fala e faz e que não espera reconhecimento alheio sobre sua prática.

A quinta participante discorreu sobre a fidelidade, sobretudo em relação à igreja. Segundo ela, embora não esteja atualmente participando diretamente da comunidade como liderança, sente que é fiel a Jesus Cristo e ao seu evangelho pela vida que compartilha com as pessoas com as quais convive, principalmente aquelas com quem está lidando diariamente, a quem busca servir com a melhor das intenções e que não estão dentro da igreja necessariamente. Acha que este espírito de serviço está marcado por uma postura ética que assume diante dos outros e das situações que está presenciando ou tem que enfrentar. Isso para ela é coerência entre o que fala e faz, tão importante para o

seu bem-estar. Lamenta quando vê pessoas da igreja com um discurso bonito, mas sem uma prática pautada pela ética. Afirma: "... A gente sabe que tem gente na igreja que fala e não faz; eu, graças a Deus, me esforço pra fazer o que falo... Eu acho que eu tô sendo ética...".

O sexto participante falou sobre o comprometimento. Disse que antes participava apenas das missas na comunidade, mas com o tempo foi percebendo que isso era pouco. Ao ser convidado para participar da pastoral do batismo, como coordenador, mesmo sendo criticado pelos membros da pastoral, que o acharam muito jovem, sem experiência e fora do "meio", aceitou com humildade e iniciou, assim, um trabalho mais comprometido com a sua comunidade, buscando valorizar os "velhos" membros da equipe que coordenou. Mesmo saindo da coordenação, continua até hoje o seu trabalho voluntário através da pastoral do batismo, demonstrando com isso que não está preocupado com cargos, mas com o espírito de serviço que deve marcar sua presença na comunidade. Ainda se questiona até hoje se não poderia ajudar mais, esclarecendo que o importante é fazer não para agradar às pessoas, mas como um compromisso assumido livremente com Deus acima de tudo. Afirma: "... Às vezes eu fico me perguntando se eu não deveria fazer mais ainda do que faço, né, não para as pessoas, mas pra Deus...".

A sétima participante falou sobre a liberdade de expressão dentro da comunidade. Contou uma experiência que teve na semana anterior em sua comunidade. Em reunião do Conselho, do qual faz parte, foi criticada de forma dura e indireta, por vezes direta, e sentiu-se desrespeitada com tudo o que disseram a seu respeito, obrigando-a a se defender e esclarecer os fatos. Sua fala culminou com a entrega do cargo que ocupava como coordenadora de uma



das pastorais e com a conseqüente decisão de abandonar a sua participação no conselho. Ela diz que se entristece quando as questões pessoais pairam acima dos interesses comunitários, sobretudo quando o conselho se reúne para conversar e resolver os problemas da comunidade. Se o fato a deixou livre para falar tudo o que pensa e sentiu, lamenta que isso tenha acontecido num ambiente tenso; lamenta mais ainda quando a comunidade não cria espaço para as pessoas se explicarem e dialogar, forçando-as ou a ficarem caladas ou falarem sob pressão. Entende que isso não é saudável para ela nem para ninguém. Diz: "... falta espaço para se explicar, para você dizer o que pensa... as pessoas são dominadas nas ideias... Eu falei tudo o que queria falar, desabafei mesmo, mas tive que forçar um espaço... Acho que na comunidade isso tem que ser algo espontâneo, né, como numa família...". Uma outra participante reage a tudo isso dizendo que, na qualidade de ex-coordenadora, acredita ser importante os coordenadores de uma comunidade escutarem o que as pessoas querem, sem impor as ideias; diz também que ainda que não seja possível colocar em prática as muitas sugestões que recebem, pelo menos deveriam ouvir atentamente. Um participante acrescentou que tudo fica mais triste ainda quando o coordenador usa o nome do padre para fazer acontecer o que ele quer, num falso testemunho, sem mesmo o conhecimento do próprio padre.

A oitava participante questionou sobre o amor ao próximo, a partir de sua experiência na comunidade. Às vezes ela fica sem entender o que significa esta expressão, pois tem enfrentado dificuldades grandes na comunidade da qual participa. Narra que devido a sua função de liderança, muitas vezes tem que dizer 'não' às pessoas. Isso gera muitas críticas, forçando-a a escutar palavras duras dos outros membros da comunidade; sente-se pressionada pela forma como tudo

está acontecendo, deixando-a angustiada e até mesmo com problemas de saúde física. Diz que se sente confusa, porque ao mesmo tempo que passa por tudo isso, acha que tem o dom de escutar às pessoas e ajudá-las a compreender de maneira diferente algum problema, seja ele relacionado à comunidade ou não; esclarece ainda que o trabalho que faz é por amor. Isso tudo a faz se perguntar se não está na hora de distanciar-se do voluntariado. Afirma: "... É duro, né, porque tenho que escutar tanta coisa das pessoas da comunidade, principalmente quando eu falo não... sinto cobrada demais e isso tá me fazendo mal, tô ficando doente... Então, eu falo pra mim mesma: 'será que não tá na hora de dar um tempo, de afastar de tudo?'...". Diante da narrativa dessa participante, duas outras reagem solidariamente. A primeira, dizendo: "O corpo reclama, né?..." e a segunda, dizendo: "A verdade é que sempre vai ter isso dentro da comunidade, não é mesmo, porque as pessoas são muito diferentes, é difícil agradar todo mundo...".

Em relação ao segundo momento, novamente não foi possível fazê-lo conforme planejado. As pessoas se contentaram em ouvir e interagir com as histórias reais que cada participante contava, dando-me a impressão que isso estava ajudando-as a refletir e reviver suas próprias experiências de vida. Senti que, na condição de facilitador, introduzir formalmente o segundo momento seria mais para satisfazer uma necessidade metodológica do que uma necessidade do grupo enquanto tal. Optei, então, por deixar o movimento seguir normalmente, uma vez que o foco estava garantido.

Quanto ao terceiro momento (falar sobre o significado do encontro realizado), os participantes falaram que o encontro foi bom, pois a cada encontro vão fazendo novas descobertas e conhecendo as limitações e dificuldades uns

dos outros; que a garantia do sigilo está sendo importante, pois dá condições para se falar sobre tudo o que se deseja; que o encontro ajuda a tomar atitudes; que antes não enxergavam claramente a importância da vida na comunidade, mas só vivenciando a experiência do encontro é possível entender e valorizar mais as próprias experiências, sobretudo as relacionadas à comunidade; que ouvir, falar e saber que a comunidade é importante para a vida, apesar dos problemas, permite um encontro com Deus, embora tal encontro não seja igual para todos; que os encontros estão ajudando a renovar para a nova fase dentro da paróquia, ocasionada pela saída do antigo padre; que falar para gente conhecida, como é o caso dos membros do grupo, é mais fácil, pois todos falam a mesma linguagem e sobre a mesma realidade; que o grupo é um espaço de verdadeiro aprendizado, possibilitador de uma experiência única, jamais vivida, pelo menos por um dos participantes. Por fim, uma participante falou, de forma interessante, que o encontro significou uma resposta ao tema colocado e trabalhado por ela, isto é, pôde falar com total liberdade o que pensa. Senti sobre suas experiências de vida, bem diferente do que está acontecendo na sua relação com várias lideranças da sua comunidade, ajudando-a bastante a enfrentar as dificuldades do momento. Tudo terminou com a família oferecendo aos participantes um saboroso caldo de feijão, prolongando assim o convívio e a partilha informal.

Segue abaixo a VS produzida por cada participante:

- Aline: Eu estou sentindo neste momento uma paz muito grande por poder falar e poder escutar.
- Carla: Me sinto aliviada e tomei consciência do quanto partilhar me faz bem. Enxergava a partilha como um sinal de fraqueza ou evidência da mesma; hoje, porém, vejo a partilha como cura espiritual.

- Débora: O que me chamou mais atenção neste encontro [que] foi boa a minha experiência de vida, que às vezes eu falo sem pensar e eu preciso aprender a pensar e refletir antes de ofender as pessoas; viver mais o amor e a fidelidade as pessoas.

- Élen: Neste encontro me senti como filha de Deus, o grande Pai, que não desampara mas que dá a liberdade de viver. Como é bom fazer parte desta família.

- Hélio: O encontro de hoje me mostrou que é muito importante partilharmos as nossas experiências na comunidade, e automaticamente percebermos que quando isso acontece há um crescimento espiritual.

- Júlia: Perdão, liberdade, perda, conquista, força, firmeza, fé no que creio.

- Henri: Senti que o encontro foi descontraído e frutífero para mim e os participantes. Valeu a pena!

- Meire: Este encontro me trouxe muita paz [de] poder expressar o meu pensamento, isto é muito bom...

- Nara: Hoje o encontro me deixou pensativa, vou refleti-lo melhor em casa.

#### Narrativa 4

Para o quarto encontro foi escolhida a casa de um dos participantes, por ser o dia de seu aniversário. Dos nove integrantes do grupo, apenas uma pessoa faltou injustificadamente. Aos poucos, as pessoas foram chegando e conversando sobre assuntos corriqueiros, de forma descontraída e alegre. O ambiente já estava preparado pela família. Na hora marcada, iniciamos as atividades. Pedi um minuto de silêncio, solicitando a cada um que pensasse em uma história que gostaria de partilhar com o grupo, podendo ser uma história alegre ou triste, envolvendo a família, amigos ou outros tipos de pessoas, de conteúdo religioso ou não, do passado ou do presente, que foi motivo de crescimento pessoal ou não e que tenha uma relação direta ou indireta com a comunidade. Após o silêncio, observado por todos, a primeira participante narrou a dificuldade que teve em coordenar a comunidade juntamente com outra pessoa. No seu entender, duas coordenadoras para a mesma comunidade é um desafio imenso, trouxe mais dificuldades do que ajuda de fato, pois o povo via a outra como a boazinha, e a ela como uma coordenadora chata e exigente demais. Segundo ela, coordenar significa, muitas vezes, dizer não; diante disso o povo preferia a outra que sempre dizia sim, criando assim um mal-estar entre elas e entre ela e as outras lideranças da própria comunidade. Narra ainda que chegou a pensar em desistir da função de coordenadora, tendo perseverado por causa da obra da igreja-templo. Esta experiência de certa forma deixou-a traumatizada a ponto de hoje não querer assumir mais nenhuma coordenação, embora deixe claro que servir a comunidade é sempre um prazer para ela, mas de forma

discreta e sem cargo ou função. Afirma: "... E hoje eu me questiono, assim, acho que nem coordenar mais eu quero, acho que eu fiquei traumatizada... Eu não tenho medo de ajudar, a comunidade que precisar, me chamar e se eu puder ir, eu tô à disposição pra servir, não pra aparecer, né?... Eu acho que servir, trabalhar, se doar é assim. Não é fazer barreira, é onde precisa, vai". Diante de sua fala, vários outros participantes reagiram. Confessou um deles que ser coordenador não é fácil, pois o coordenador não trabalha sozinho mas em equipe; quando a equipe está unida, funciona bem, mas quando não há união, tudo fica difícil para todos. Outra participante disse que precisa haver afinidade, pois também teve que dividir a coordenação com outra, porém a experiência foi ótima, pois elas dialogavam o tempo todo e se ajudavam mutuamente, somando esforços em benefício da própria comunidade. Outra participante disse que também dividiu a coordenação da comunidade com o próprio marido e teve suas dificuldades, pois ele tem uma personalidade bem diferente da sua; outra participante disse ainda que igualmente teve que coordenar a comunidade com o marido e teve uma experiência excelente, pois fez amadurecer ambos como pessoa e como casal.

A segunda participante contou, de forma envolvente, sua experiência missionária. Contou que recebeu há mais de dez anos um convite da sua comunidade para fazer uma missão no estado do Paraná e se preparou para isso. Ao chegar ao lugar, deparou com uma realidade dura e difícil, marcada por violência, favelas, tráfico organizado de drogas, pobreza absoluta etc. Ao inserir-se neste submundo, foi adquirindo uma consciência nova, uma experiência única em sua vida. Narra que inicialmente achou que ia para ensinar, mas agora pensa que foi a mais beneficiada por tudo o que presenciou na missão, fazendo refletir

sobre sua vida durante, depois e até hoje; narra também que testemunhou verdadeiros gestos de solidariedade no meio do povo e das pessoas em relação a ela e aos demais missionários. Tudo isso a fez dar mais valor à sua vida, à sua família, à realidade onde está e à vida que leva. Afirma: "... Enquanto eu estava lá fazendo o que foi determinado pra que eu fizesse, eu não tomei consciência que aquilo tava servindo mais pra minha vida, pra minha mudança pessoal do que eu sei que eu levei, porque eu aprendi pra levar, né? E a gente via que as pessoas estavam precisando daquilo que a gente foi levar. Mas depois que eu cheguei em casa, com o decorrer dos dias, lembrando nas situações, que eu vi que eu não dava muita importância, assim... para as coisas, porque lá eu vi tanta miséria, tanta miséria, que nunca eu tinha visto na minha vida, né? E eu também, até então, eu ouvia falar em solidariedade, mas eu não sabia como aplicava realmente a solidariedade, eu vi lá...Essa viagem pra mim foi, assim, foi muito, assim, pro meu crescimento pessoal, sabe?... Eu tive que ir lá longe pra prestar atenção na solidariedade deles..."

A terceira participante iniciou sua história perguntando: por que as pessoas se afastam da igreja? Quis responder a esta pergunta com sua própria história, contando que esteve presente desde o início da comunidade, trabalhando com entusiasmo, dando a vida para que tudo surgisse do nada, deixando-a satisfeita e feliz. Mas sente que as pessoas se esqueceram desta sua dedicação, deixando-a hoje desmotivada e desanimada para uma participação mais efetiva, ou seja, sente que as pessoas não valorizam o que ela fez no passado em prol da comunidade, levando-a assim a se afastar, sobretudo dos trabalhos comunitários. Diz: "... Chega determinada hora que você fala assim: 'puxa, eu trabalhei tanto, né, hoje tá bonito, hoje tá bom, tá pronto, mas as

peças parecem que não dão muito valor pelo o que eu fiz'... Então isso, às vezes, assim, eu cresci muito, mas às vezes me incomoda bastante, né, isso me incomoda bastante, principalmente nestes dois últimos anos... [ porque] eu ainda não fui convidada a fazer parte de uma pastoral, né? Eu acho assim: eu não quero coordenar, mas eu quero continuar fazendo parte da história da comunidade...”.

A quarta participante iniciou sua história falando de uma reunião da qual participou na semana anterior em sua comunidade. Nesta reunião foi destacada, pelo padre, a importância das visitas às famílias e da formação permanente. A partir disso a participante narrou sua história, vivida há mais ou menos quinze anos, dizendo o quanto foi bom para ela e sua comunidade a criação do “círculo bíblico”, enquanto caminho para encontro com as famílias do bairro e formação humana. Neste grupo, havia verdadeiras partilhas de experiências, possibilitando uma ligação entre fé e vida, ajudando os participantes a entender e viver melhor suas vidas. Narra ainda que o grupo era uma grande família na qual as alegrias e tristezas eram acolhidas, a fraternidade, a solidariedade e a amizade eram vivenciadas. Entende que o círculo bíblico é uma das formas mais vivas e dinâmicas para ajudar as famílias em suas dificuldades diárias, pois é um espaço no qual cada um pode se expressar pessoalmente e sentir o apoio dos outros. Lamenta, devido ao corre-corre da vida, não dar continuidade a esta experiência, mas esclarece que os vínculos permanecem até hoje entre as pessoas que dele fizeram parte um dia. Afirma: “... Então, todas as alegrias a gente celebrava, todas as tristezas a gente celebrava ali, a gente punha em oração, e a gente o que dava pra gente resolver a gente resolvia, e muitas vezes as tristezas era só ouvir mesmo, ter ouvidos pra ouvir... Então aquilo criou



um laço muito forte até hoje...Eu acho que esse é o meio, essa é a formação, essa é a forma de resgatar muitas famílias... situações de dor mesmo que acontece dentro das famílias e que a pessoa fica lá dentro de casa sofrendo sem ter pra quem falar, né? Eu me lembro que nesta época algumas coisas aconteceram na minha vida e eu estava lá também dentro do grupo e, então, me segurei lá... Isso até hoje, eu digo, que foi a maior experiência, como cristã, que eu vivi dentro da minha comunidade...”.

O quinto participante falou sobre um filme que assistiu – Desafiando Gigantes – e o quanto este filme o ajudou e está ajudando a refletir sobre sua vida. Depois de contar a película em detalhes, narra que ficou emocionado ao vê-la, que colocava a fé religiosa como condição fundamental para a superação das dificuldades pessoais, inclusive aquelas que parecem impossíveis de serem solucionadas. Diz: “... Isso deixa uma lição muito, olha eu fiquei muito, porque mexe demais, você vê o que Deus pode fazer na vida, quando a pessoa realmente acredita...”.

A sexta participante iniciou sua história dizendo que não era de participar da vida da comunidade, embora achasse bonito quem participava, despertando nela o desejo de um dia participar também. A sua caminhada na comunidade começou quando aceitou o convite para participar da pastoral do dízimo. A partir desse primeiro passo tudo começou a mudar na sua vida. Sentiu e sente até hoje que mudou o seu jeito de ser, seu jeito de enfrentar os problemas familiares e de se relacionar com as pessoas em geral, fazendo-a mais compreensiva e mais tolerante com os outros; percebe que tem mais amigos, sentindo-se mais apoiada por eles nas horas mais difíceis. Narra ainda que, por tudo que a comunidade representou em sua vida, não saberia viver sem ela, pois

acha extremamente saudável conviver com outras pessoas além do círculo familiar, pois aprende muito com elas e este aprendizado a ajuda a viver melhor sua vida com os seus familiares. Afirma: "... A partir do momento que você encontra Deus a vida da gente muda muito, né? A minha mudou bastante desde que eu comecei a caminhar na igreja, a caminhar dentro da comunidade, porque até então eu não era uma pessoa de caminhar, tinha muita vontade, via as pessoas trabalhar, achava lindo, morria de vontade, mas era uma pessoa que não era, assim, de caminhar não; depois que eu comecei, eu mudei muito, mudei bastante, o meu jeito de ser, de pensar, em tudo, a vida da gente muda muito. E a enfrentar os problemas também, né, porque eu tive muitos, passei por muitos, a doença do meu pai, a gravidez da minha filha, né, tão novinha com 16 anos, e eu falo: 'se eu não tivesse dentro da comunidade, da igreja, com o apoio dos amigos, sabe e tudo, eu falo que acho que não teria conseguido...'. A vida da gente é uma luta constante, né?... E quanto mais você vai lutando, mais problema você vai tendo, mais você vai aprendendo, você vai mudando. É uma experiência, assim, muito boa, é tão, sabe, a gente vai aprendendo, vai mudando tanto o jeito de pensar, o jeito de ser, o jeito de agir, a gente vai entendendo direito as pessoas... E hoje eu falo: ' se fosse pra mim viver longe da igreja hoje, eu falo, eu acho que eu não saberia'. Longe da igreja, assim que eu digo, da comunidade, das pessoas, né, porque, nossa, a gente aprende demais... Se for pra mim voltar aquela vida que eu tinha antes...eu acho que eu ficaria doente... entraria numa depressão... O meu mundo era pequenininho, era dentro daquelas quatro paredes e ali, o que que eu via?, ali eu só sofria, só via sofrimento, não via prazer, porque eu via dificuldades em tudo... Ali (na comunidade) você recebe elogios, você recebe críticas, que isso tudo ajuda a gente a crescer, a melhorar, a refletir... A

minha [vida] mudou muito, viu, padre, nossa, foi uma reviravolta completa, foi muita coisa mesmo.”

A sétima participante narrou sua história falando o quanto ficou fortalecida ao ver a forma como sua mãe, há muitos anos, havia enfrentado a doença do câncer até o dia de sua morte. Segundo ela sua mãe era uma pessoa sem Deus, sem esperança, pessimista, impaciente e abrutalhada em seu jeito de ser. Com o diagnóstico da doença, mesmo falando em suicídio, ela descobriu outra mãe, uma mulher cheia de vontade de viver, esperançosa, humilde, amorosa e mais dócil com a sua família, sobretudo com seu marido. Diz ainda que sua mãe aceitou a morte com serenidade, reconciliada com Deus, consigo mesma e com os outros. Neste caso, acha verdadeiro o ditado popular que diz: “Se não foi pelo amor, foi pela dor”. Mesmo sabendo que sua mãe não tinha muita perspectiva de vida, sentiu que cresceu muito ao ver toda esta mudança na vida dela, a qual denominou conversão. Considera tudo isso uma lição pra sua vida até hoje. Afirma: “... Quando que ela descobriu... que era um câncer e tudo, aí eu vi a transformação da mudança da minha mãe, a luta que ela teve pra viver, que ela falou aquilo (suicídio), ela agiu ao contrário, da boca pra fora. Ela lutou, gente, foi a coisa mais linda que eu vi na minha vida; que ela ia, assim, pro médico com a esperança de vida, de sempre ela tá falando assim de: ‘se Deus quiser, graças à Deus’. É, nunca mais eu vi minha mãe reclamar de nada... Então, eu via assim, o carinho do meu pai com ela, sabe? Pra mim isso me preencheu muito na minha vida... Como diz mesmo: ‘não é pelo amor, mas foi pela dor’, naquele momento triste, mas foi o momento, assim, que eu vi os dois, é, mostrando um carinho, um cuidado, um zelo pela minha mãe... Então isso fez eu crescer muito... porque achando que ela ia desanimar, e ela deu força, assim, pra

gente, pra que a gente não ficasse triste, né?... Eu vi que foi tudo... através da oração, através da amizade de todo mundo, né? Então isso pra mim teve um crescimento muito grande, né, dentro da comunidade, dentro da minha família, dentro de tudo, sabe?... Foi uma lição pra mim...muito gratificante pra mim de ver a conversão da minha mãe... a aceitação da doença, né?... É uma história que eu carrego pra mim pro resto da minha vida...”.

A oitava participante falou do seu casamento no religioso e das dificuldades que teve para prepará-lo. Narra que depois de muitos anos convivendo com seu marido na mesma casa decidiram casar-se, mesmo com a oposição de alguns parentes preconceituosos, por ser ela mãe solteira e mais velha do que ele. Desde o início da preparação do casamento, apesar dos muitos obstáculos colocados por familiares seus e do noivo, venceu cada um dos obstáculos pela força da oração a Deus e a Nossa Senhora. Depois de contar em detalhes cada situação concreta, que vai desde o salão para a festa e a forma de transporte dos convidados até os comes-e-bebes, o enfeite da igreja e a conversa com o padre, conclui dizendo que é uma sensação sempre gostosa quando na busca de uma solução do problema você percebe que venceu pela fé em Deus e em Nossa Senhora. Esta atitude de fé diante dos problemas da vida é algo que a acompanha até hoje. Afirma: “... É muito gostoso você sentir, no final de tudo, que você tem Deus, que você tem Nossa Senhora intercedendo o tempo todo... quanto maior a dificuldade, a graça é maior e vem... A gente sentia, o tempo todo, a presença de Nossa Senhora e a presença de Deus durante o casamento todo, desde quando a gente marcou até hoje...”.

Quanto ao segundo momento, novamente não foi possível realizá-lo formalmente. Com o tempo esgotado, passamos para o terceiro momento no qual

as pessoas, ao falarem sobre a importância do encontro daquele dia, destacaram naturalmente a história da segunda participante como a mais mobilizadora de todas, dizendo que ficaram emocionados com a experiência de vida dela e que gostariam também de um dia poder fazer tal experiência em suas vidas. Desta forma, pareceu-me que o grupo tem uma dinâmica própria e os passos estabelecidos previamente são apenas passos possíveis e não necessários, exigindo do coordenador flexibilidade para que o encontro não seja atropelado pelas exigências metodológicas, sobretudo quando ele caminha na direção do foco proposto. Neste último momento, os participantes expressaram também que o encontro desta noite significou para eles um fortalecimento pessoal e um aprendizado a mais, proporcionados pela atitude de contar e escutar experiências, em um clima de confiança mútua, gerando vida nova naqueles que do grupo participam. Tudo terminou com uma singela comemoração do aniversário de um dos participantes, momento bonito no qual todos puderam expressar seu carinho pelo aniversariante e sua família, que agradeceu a todos pela feliz oportunidade em poder comemorar o aniversário junto com o grupo de partilha.

Segue abaixo a VS produzida por cada participante:

- Aline: Eu estou já com saudade, pois sei que estamos terminando esses encontros maravilhosos, estou vivendo cada momento com muito carinho, podendo partilhar o que está só comigo. Obrigado, Pe. Henri.
- Carla: Estou contente pois este encontro me fez tomar consciência da realidade que me cerca, do quanto não conheço a história do próximo e o quanto preciso ir ao encontro dos irmãos para vivenciar suas realidades e me fazer presente nesses momentos.

- Débora: Eu estou sentindo que cada dia que passa estou renovando e como é bom viver de novo o que já estava um pouco esquecido.
- Élen: Para mim hoje foi a melhor noite, pois cada história falou profundamente no meu coração, no meu ser, no que já vivi e vivo até hoje.
- Francisca: Hoje falei sobre minha vida na comunidade, me sinto muito bem com essa experiência.
- Hélio: O encontro de hoje mostra [que] foi rica e proveitosa a troca de experiências de vida, através das dificuldades e da bênção que Deus derrama em nossas vidas, e que sem Deus nossa vida não tem sentido e não conseguiríamos enfrentar nossas dificuldades.
- Henri: Sinto que este encontro foi uma partilha simples, direta, espontânea e sincera; fez bem aos participantes, embora me sinta um pouco cansado e abatido.
- Meire: Neste momento eu estou muito feliz em poder transmitir tudo que senti aos meus irmãos.
- Nara: A partir deste encontro percebi a graça de Deus presente em minha vida desde o meu nascimento.

## Narrativa 5

O quinto e último encontro contou com a participação de oito dos nove participantes. Ninguém justificou a falta do participante ausente. O encontro aconteceu novamente na casa de um dos membros do grupo. Quando cheguei ao local, o ambiente já estava preparado, inclusive a televisão desligada. Percebi que a família estava esperando o grupo com alegria, prazer e satisfação em poder colaborar mais uma vez. Aos poucos os demais membros foram chegando, comunicando-se informalmente uns com os outros, ajudando a criar assim clima favorável para a partilha de vida. Na hora combinada, iniciei o encontro, dizendo que este era o último deles e que cada um poderia contar uma história diferente das que já havia contado; história que tem uma relação com a vida da comunidade, podendo ser sobre um tema social, uma amizade que surgiu com alguém dentro da comunidade ou fora dela, um assunto frustrante ou decepcionante, algo do passado antigo ou recente ou mesmo dos dias de hoje. Enfim, solicitei que cada um pensasse em silêncio alguma história que gostaria de contar e que não foi contada ainda, como a última história que gostaria de partilhar com os membros do grupo.

A primeira participante retoma sua fala a partir do encontro passado, esclarecendo para todos que, apesar das dificuldades que teve para coordenar a comunidade com outra pessoa, hoje elas se dão bem no relacionamento pessoal, mas enfatiza que para trabalhar juntas como coordenadoras não acredita ser mais possível, isso por tudo o que viveu no passado recente com ela no grupo. Feito este esclarecimento, a participante coloca uma questão crucial para ela: com a

mudança do padre, como será sua caminhada daqui pra frente? Diz sentir-se desmotivada pela falta de incentivo do novo padre, pela falta de valorização do seu trabalho feito com tanto sacrifício. Apesar disso, entende que está trabalhando hoje na comunidade não pelo padre, mas por Deus, embora considere o papel do padre importante para animar e orientar a comunidade. Afirma: "... Durante a minha caminhada na comunidade eu senti, assim, muito, acho que eu cresci muito através do ensinamento do padre, né? E hoje eu me vejo, continuo falando que eu na comunidade, eu me sinto, assim, eu não me sinto motivada em continuar em trabalhar na comunidade, porque parece que a gente não tem incentivo, não sei, tudo o que a gente fala, é, parece que os responsáveis não param pra escutar, pra dar uma palavra de conforto, pra ajudar, né? Então eu fico me perguntando assim: será que, será que, como vai ser, né? E vejo muito assim: as coisas que a gente lutou com tanto sacrifício pra conseguir e hoje parece que não têm valor de nada... Então isso me deixa muito magoada, fico me perguntando o tempo todo: como será, com vai ser, né? Isso que eu não consigo entender, pensando assim: 'puxa vida, podia ser tudo como antes, né?'. A gente via os erros, né, das coisas da igreja, das coisas de Deus, hoje a gente vê que tá tudo assim, parece que, parece que não tem muito importância, né? Cada um fala, faz do jeito que quer, não tem alguém pra falar, assim, mais forte, falar: 'não, que a regra é assim'. Então isso deixa a gente muito magoada, desmotivada em continuar, né? Sei que a gente tá lá não é por causa do padre, mas por causa de Jesus Cristo mesmo, mas tem que ter um superior pra animar, né? Pra falar, pra orientar, pra parar e escutar, porque tem hora que a gente fica perdida na comunidade... Eu não tô me vendo, não tô achando esse apoio mais na comunidade..."



O segundo participante, motivado pela fala anterior, escolheu contar, em tom de desabafo, a sua história a partir da experiência desagradável que teve nos últimos dias, por ocasião de uma festa promovida pela comunidade. Como membro do conselho, sentiu-se ofendido por outras lideranças que o criticaram abertamente, durante a realização do evento. Pensa que as pessoas falam de forma incosequente e consideram isso normal. Acha que tudo isso faz diminuir numericamente a equipe de voluntários por revelar falta de acolhida, de tato no relacionamento com o outro e de exemplo por parte de quem está à frente da comunidade. Apesar de tudo isso, reconhece que continua o trabalho na comunidade por causa de Deus e não das pessoas. Afirma: "... Em relação à nossa comunidade lá, o que eu sinto é que... na nossa comunidade é sempre as mesmas pessoas que... são as mesmas pessoas que criticam as próprias pessoas que estão lá dentro. E isso às vezes, não é que acaba desmotivando, é, eu fico, me sinto triste, porque muitas vezes você quer se dar o melhor de você, principalmente nas festas...Eu percebo que essas críticas desmotivam outras pessoas que já estão, é, participando, principalmente nos momentos de festa... Participar e suportar algumas coisas que as pessoas falam, às vezes fica difícil. Mas, mesmo assim, pra mim não é uma desmotivação, mas eu acho que tem que mudar a consciência de muitas pessoas da nossa comunidade.... Então, muitas vezes a gente vê algumas coisinhas que as pessoas falam, às vezes elas não se dão conta do que elas estão dizendo, então elas acabam, é, dizendo coisas que não agradam, entendeu, e elas acham que é normal, que isso é normal, e não é normal. Eu acho que a gente no momento de dificuldade, que a gente tem que procurar se unir mesmo, se tem alguma coisa a falar, chega na pessoa em particular e fala, e não fala no meio de todo mundo... Tem pessoas

que às vezes estão à frente das festas ou da comunidade, e não sabem se portar perante ao próximo, e não é isso, igreja não é isso na minha concepção, não é?... Então eu acho que isso acontece com muita frequência na nossa igreja, infelizmente. Mas, por um outro lado, é um desafio pra aquela pessoa para que ela continue mesmo neste momento difícil... Mas mesmo assim eu acho que a gente faz o trabalho não visando agradar ninguém, mas fazer o trabalho pra Deus, porque a gente não ganha absolutamente nada, mas Deus dá em dobro pra gente. Eu acho que cada um aqui sabe disso: que as bênçãos e graças derramadas por Deus é infinita, ele tá a todo momento olhando pela gente... A gente faz porque o intuito é de querer ajudar a igreja, ajudar a comunidade, e Deus tá vendo, né, o que a gente pode fazer de melhor...". A partir da fala deste participante, muitos outros participantes, inclusive eu, reagimos de forma solidária e entusiasmada, fazendo reflexões e dando outros exemplos, tentando esclarecer, para nós mesmos, que as dificuldades fazem parte da vida da comunidade, pois ela é formada por pessoas; que a consciência de que a comunidade não é de ninguém em particular mas de todos, ajuda as pessoas a se sentirem responsáveis pela comunidade e no direito de caminharem dentro dela; que todo trabalho voluntário é bem-vindo, ainda que cada um o faça do seu jeito, dedicando o tempo que lhe convém; que as pessoas que estão de fora, sem uma participação direta, devem ser convidadas a trabalhar na comunidade, dando a entender a todos que ela não é formada por panelinhas; que mesmo as pessoas que participaram e se afastaram da comunidade por algum motivo, devem ser convidadas de novo, pois o ser humano é um ser muito carente e gosta de ser notado e lembrado pelos outros e, assim, sentir-se valorizado; que as pessoas quando não são percebidas ou convidadas para participar diretamente da

comunidade, devem tomar a iniciativa, se fazer perceber, conquistando o seu espaço dentro da comunidade, pois, do contrário, a gente deixa de contribuir com o seu próprio desenvolvimento, que passa pelo trabalho realizado na comunidade.

A terceira participante contou uma decepção que teve com um ex-coordenador de sua comunidade, que quis humilhá-la e acabou por humilhar também sua família, deixando-a profundamente magoada. Aos poucos voltou a dialogar com a pessoa, que novamente voltou a decepcioná-la, rompendo mais uma vez o diálogo entre eles. Lamenta muito em ver a pessoa isolada na vida, no bairro e na comunidade. Entende que não houve nenhum movimento dentro da comunidade para prejudicar a pessoa, mas ela mesma foi cavando esta situação pelo seu comportamento e jeito de ser. Mesmo assim, conta que ainda o cumprimenta na rua e tem desejo de um dia restabelecer o diálogo. Apesar de tudo, não sente raiva da pessoa, mas confessa, sem entender o porquê, que quando isso acontece na relação com os seus parentes, sente raiva. Então se pergunta: por que, em situações parecidas, consegue sentir raiva dos familiares, mas não consegue sentir raiva de pessoas da comunidade? Por que, em situações de conflito, se dá melhor com pessoas da comunidade do que com os seus próprios familiares? Afirma: "... Eu tive uma decepção há alguns anos, bons anos atrás, com um animador, e eu não esperava, porque era uma pessoa que eu respeitava muito... eu não esperava isso dele e eu tive que ser do mesmo nível que ele... eu falei: 'não, comigo não!'... E eu fiquei muito chateada, porque aquilo me machucou muito... E depois, assim, eu não consegui ficar com raiva dessa pessoa... Aí teve um dia, que foi numa, depois de um tempo, acho que foi numa confissão comunitária, aí no dia que eu ajoelhei lá eu falei: 'não, Senhor, eu quero perdoar essa pessoa', porque eu acho que eu tava fazendo mal pra mim, né? Aí

eu comecei a melhorar, né, tentei ver com outros olhos, né, tal, aí voltamos a conversar... Aí depois essa pessoa voltou a decepcionar de novo, só que ela mesma cavou, né, a própria pessoa cava o buraco dela... Se a gente briga com um parente nosso, a gente fica com raiva, né?... Eu consigo me dar, assim, eu ajudo mais a minha comunidade do que a minha própria família... E hoje essa pessoa não tá mais na comunidade, aos poucos ela foi distanciando, distanciando... hoje ela tá sozinha, hoje ninguém convida ela pra nada, ela perdeu a família dela, não que a gente desejasse mal... Ninguém precisou fazer um movimento para isolar essa pessoa, ele mesmo foi cavando isso... Eu não cumprimentava, hoje eu cumprimento essa pessoa... O meu único conflito hoje é assim: eu me dou melhor com a minha comunidade do que com a minha própria família, sabe, eu queria entender isso...". Diante da fala desta participante, outros participantes, inclusive eu, reagimos dizendo que a comunidade existe para nos ajudar a viver melhor nossa vida com as pessoas de dentro e de fora da comunidade; que as dificuldades que existem dentro da comunidade nos ajudam a lidar melhor com os próprios parentes e com os acontecimentos familiares; que em geral a dificuldade para lidar com os familiares é maior do que com as pessoas da comunidade, porque "santo de casa não faz milagre". Na fala da quarta participante, esta terceira reage, dizendo entender agora, através do encontro realizado, por que se entende melhor com as pessoas da comunidade do que com os próprios familiares. Afirma: "... Agora você me clareou uma coisa... a família conhece você, sabe seus defeitos, a comunidade, não. Então ela aceita, você integra melhor... Porque a família já sabe os pontos fracos, os pontos fortes, enfim. E eu era muito assim... tinha que ser perfeita... Eu aprendi na

comunidade que não é assim... O medo da rejeição na comunidade é maior do que em casa, por isso que a gente cede...”.

A quarta participante, depois de recordar algumas situações acontecidas em sua comunidade, narra sua história dizendo o quanto é sofrido para ela, diante do comportamento alheio, ter que omitir suas opiniões e até mesmo a verdade em certas situações, a fim de preservar uma boa convivência com o outro e dando a ele o direito de ser feliz do jeito dele. Isso tudo a faz questionar se esta atitude é saudável para si e para o outro também. Afirma: “... Muitas vezes eu acabo omitindo as minhas opiniões, né, muitas vezes eu acabo omitindo até mesmo a verdade, porque, assim, é, eu me vejo na obrigação de deixar as pessoas sempre bem, sempre felizes, né?... Eu sempre me vi na situação de querer abafar situações, né, abafar os casos, querer contornar, consertar... eu graças a Deus melhorei muito, assim, sabe, eu evoluí muito depois que eu casei, né?... Hoje eu sorrio pra todo mundo, eu dou risada, claro que isso não é falsidade, mas, é, muitas vezes me dói, porque eu tô rindo, eu tô brincando e por dentro tá me moendo, né?... Eu não quero que a pessoa sinta mal por aquilo que ela me fez sentir... E aprendi a ser dessa forma, né?... Com toda a vivência de comunidade eu tomei a consciência de que isso me faz mal, porém eu sempre penso assim: ‘tá, faz mal pra mim, só que muitas vezes faz bem pro outro’... Eu acho assim que muitas vezes a minha omissão, né, esta minha consciência me machuca e eu não sei até onde eu tô certa nisso, né, eu acabo me anulando, eu acabo deixando o meu sentimento, o meu pensamento de lado, né?... Por que que eu não tenho coragem de falar, por que eu não tenho coragem de me expressar, né? Será que é justo eu me machucar só pra que o outro não sinta o que ele fez ou não perceba o que ele fez... É uma coisa, assim, muito

complicada, né, muito difícil... Eu tenho medo de falar e a pessoa não aceitar, eu tenho medo de falar o que eu penso e a pessoa não compreender, né, eu tenho medo de falar e magoar, né? Então é uma coisa muito difícil... Hoje, assim, eu consigo até falar algumas coisas, mas, olha, foram anos, hein (risos)... Que necessidade é essa que a gente tem de querer que todo mundo goste da gente?... Eu sinto assim, que em mim isso é uma necessidade muito grande... Gente, eu era muito brava, eu não aguentava desaforo de ninguém, não... Antes, imagina gente, eu batia, eu brigava, eu xingava... Parece que agora eu tô tentando, assim, é, me redimir, me redimir pelo que eu fiz lá trás... E agora eu acho, assim, que não, que eu não posso ser assim, que eu tenho que ser o inverso...”.

A quinta participante partilhou sua história, dizendo ser o contrário da participante anterior. Considera-se uma pessoa sincera com os outros. Quando não gosta do que o outro diz ou faz, fala pessoalmente com ele, evitando mandar recados ou fazendo fofocas. Entende que esta atitude é aprovada pelos membros da sua comunidade, pois todos a respeitam muito. Assim é também com os familiares e todos de sua convivência social. Isso tudo é visto por ela como coerência entre o pensar e o agir, fundamental para o seu bem-estar. Afirma: “... Eu nunca tive problema de falar com as pessoas o que eu penso, o que eu acho... Eu sou uma pessoa bem autêntica. Se alguém fala alguma coisa que eu não goste, eu não fico com raiva da pessoa, porque, assim, na hora eu já converso com a pessoa... Não peço desculpa por telefone, se eu tenho que falar alguma coisa, eu gosto de falar pessoalmente com as pessoas. Jamais, assim, é, faço fofoca, não falo pra fulano pra que ele leve recado pro outro, eu vou pessoalmente conversar... Eu sou uma pessoa muito bem respeitada na

comunidade, na paróquia pelas pessoas; eu vejo assim, que elas têm um grande respeito pela minha pessoa, né, pelo que eu faço, pelo que eu sou... Se alguém falou alguma coisa pra mim, eu não vou dormir sem conversar com a pessoa. Tanto assim, na minha vida familiar também sou assim. Quando alguém fala alguma coisa, eu falo assim: 'você quer que eu omita ou você quer a verdade?'... Eu não sei passar a mão na cabeça das pessoas... Então, assim, eu sou bem autêntica e eu sempre respeitei as pessoas e sou muito bem respeitada... Eu sou uma pessoa que eu sempre assumo aquilo que eu faço... Eu tenho atitude, assim, eu tenho clareza naquilo que eu faço; eu acho assim, que você tem que fazer e nunca se arrepender das coisas que você faz ou que você deveria ter feito e não fez... E eu penso e ajo dessa forma..."

A sexta participante iniciou sua fala lembrando um sonho antigo de cursar uma faculdade, mas as circunstâncias da vida, sobretudo os problemas familiares, não o permitiram. Diz também que não fez a faculdade, mas também não deixou de fazer outras coisas que gostaria de fazer em seu trabalho, na família e na igreja, realidades fundamentais para a sua vida pessoal. Segundo ela, estes três pontos foram e são tão importantes que hoje não sente mais falta da faculdade, pois eles preencheram e preenchem bem suas necessidades. Considera as suas experiências de vida, adquiridas nos ambientes mencionados, a sua grande escola, que lhe ensinou muitas lições e a ajudou e a ajuda até hoje em sua vida diária. Afirma: "... Eu sempre tive um sonho de fazer faculdade, nem sabia do que, mas queria. Só que fui vivendo e dizendo assim: 'não, vou esperar os meus filhos fazer'... Só que não parti pra fazer a faculdade, mas também não deixei de fazer as coisas que eu gostaria de fazer no meu trabalho, na minha família e na igreja... Eu fiz tudo na minha vida, tudo que eu gostaria de ter feito, eu

fiz e estou fazendo. E aí tem hora que eu vejo que a faculdade não faz mais falta... Então eu gosto, assim, que a minha família em casa respeite essas coisas que eu gosto... Eu sou de estar no trabalho com pontualidade, na família também e na igreja, na comunidade, que são as coisas que me fazem muito, muito bem, me preenche perfeitamente. Então, eu hoje vejo que essa faculdade não me faz mais falta...por tudo isso que eu vivi e que eu vivo dentro do meu trabalho, com a minha família e dentro da comunidade... Então eu vejo que a vida foi uma grande escola pra mim, né? Eu não tenho diploma, mas eu tenho a vivência e isso me bastou pra conseguir viver, ser mãe, ser pessoa, ser vó... A vida da gente, a gente tem que saber viver, tem que saber entender os momentos, tudo, até coisa pior que acontece na vida da gente é uma lição de vida, é uma coisa que a gente tira pra vida da gente; a gente tem sempre que tirar o melhor, garimpar o melhor de tudo o que acontece na vida da gente e até à volta da gente, pra gente poder viver bem. Então eu queria falar isso... a vontade de fazer uma faculdade, porque fui esperando as coisas acontecer, eu não fiz, mas hoje não me arrependo, não faz falta, estou preenchida com tudo o que eu vivi... ”.

No segundo momento, novamente não foi possível fazê-lo conforme planejado. Senti que os membros do grupo estavam gostando de interagir a partir da fala do outro, contando suas próprias experiências relacionadas ao assunto ou simplesmente fazendo reflexões sobre o tema colocado por cada participante; senti também que este encontro foi o mais descontraído de todos, com os membros visivelmente extrovertidos, explorando com humor a história um do outro. Quanta risada! Este clima fez o tempo avançar, impedindo, talvez, que dois dos participantes narrassem suas histórias, provavelmente selecionadas no início do encontro.



No terceiro momento, aconteceu uma avaliação oral sobre o significado de todos os encontros realizados. Cada um dos participantes se expressou, e ouvimos vários testemunhos: que cada encontro foi um aprendizado diferente e verdadeiro que vale para a vida toda; que as pessoas, mesmo com histórias diferentes, as coincidências de situações parecidas são muitas; que foi uma experiência diferente, porque na comunidade nunca tinha participado de um grupo como este; que a troca de idéias e experiências ajuda no crescimento de cada um e a viver a vida cotidiana; que a confiança é algo bonito entre os membros e foi determinante para uma verdadeira partilha de vida; que foi algo bonito pela coragem em falar sobre si para o outro; que o encontro permitiu aproximar mais o promotor do grupo dos participantes, fazendo-os mais amigos; que o grupo foi uma terapia especial e bem diferente das outras, porque se falou muito de comunidade, algo importante para todos e que acaba refletindo em tudo, na família, no trabalho, nas pessoas que fazem parte de suas vidas; que ninguém saiu do grupo do mesmo jeito que entrou. Finalmente, antes do lanche oferecido pela família que nos acolheu, combinamos fazer um jantar de confraternização (bacalhoadada) para os membros do grupo, podendo cada um levar o esposo ou a esposa. Em uma outra noite, a ser definida, o grupo encontrar-se-á novamente para uma leitura das narrativas dos encontros escritas por mim, fechando assim o ciclo de um processo. Todos me pareceram aceitar bem as duas propostas.

Segue abaixo a VS produzida por cada participante:

- Aline: Só posso agradecer a Deus e ao senhor Pe. Henri por passar estes momentos tão bom juntos, partilhando o que estava guardado. Muito obrigado.

- Carla: Sinto-me feliz por ter tido a oportunidade de crescer como pessoa, como cristã. Meus pés se firmaram na minha fé e na minha caminhada. Mais do que nunca estou certa de que a vivência comunitária é essencial para minha existência.

- Débora: Estou sentindo o meu crescimento espiritual renovado, aprendendo a viver, enxergar as coisas com mais clareza.

- Élen: Uma sensação de alívio de ter compartilhado tudo, ouvido tudo, vivido tudo e agora estar completo. Neste grupo já não estou só, conheço melhor a todos e me identifico, como igreja que sou, como pessoa que sou. Amar, partilhar e viver.

- Hélio: Percebi no encontro de hoje que as experiências nas comunidades, independente das dificuldades de cada um, que os trabalhos nas mesmas não pode parar, porque o que fazemos é em nome de Deus e para Deus.

- Júlia: Perdi medos... Abri a mente para compreensão e aceitar os erros... da família... compreender e defender melhor as opiniões...

- Henri: Sinto que este encontro foi o mais descontraído de todos; feliz por ter fechado o ciclo proposto.

- Meire: Neste momento final do nosso grupo eu me sinto feliz, por poder partilhar tudo que eu guardava em meu coração aos meus irmãos.

- Nara: Estou me sentindo tranquila por tudo o que já fiz e ao mesmo tempo motivada para o que possa vir pela frente.